



ENTENDENDO A VIDA

**As questões existenciais
e o pensamento espírita**

Marcus De Mario

ENTENDENDO A VIDA

As questões existenciais e o pensamento espírita

Marcus De Mario

2014

ENTENDENDO A VIDA

As questões existenciais e o pensamento espírita

Marcus De Mario

Data da publicação: 18 de setembro de 2014

CAPA: Giovani de Toledo Viecili
REVISÃO: Eugênia Pickina
PUBLICAÇÃO: EVOC – Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

D444e

De Mario, Marcus.

Entendendo a vida - As questões existenciais e o pensamento espírita / Marcus De Mario; revisão de Eugênia Pickina; capa: Giovani de Toledo Viecili. - Londrina, PR: EVOC, 2014.
191 p.

1. Mediunidade. 2. Literatura espírita. 3. Espiritismo – mortes coletivas. 4. Suicídio. 5. Espiritismo – transtorno mental I. Pickina, Eugênia. II. Toledo, Giovani de. III. Título.

CDD 133.9
19.ed.

ÍNDICE

- Apresentação, 5
1. Amor, corpo e gestação, 8
 2. Abusos sexuais contra crianças e adolescentes, 13
 3. Chico Xavier, 19
 4. Ciência e espírito, 24
 5. Criança abandonada, 28
 6. Desenvolvimento, miséria e espiritualização, 32
 7. Dificuldades, 37
 8. Diploma e profissão, 41
 9. Educação, 47
 10. Eutanásia, 56
 11. Evangelho, 65
 12. Gene do otimismo, 69
 13. Gratidão, 72
 14. Homem e cérebro, 75
 15. Imperfeição e perfeição, 81
 16. Influência da tevê, 86
 17. Influenciações espirituais sutis, 90
 18. Inteligência e genética, 95
 19. Internet e os filhos, 99
 20. Jesus, 103
 21. Liberdade e livre-arbítrio, 107
 22. Literatura mediúnica, 111
 23. Mandato mediúnico, 115
 24. Mau humor, 118
 25. Mediunidade conturbada, 121
 26. Morte, 128
 27. Mortes coletivas, 135
 28. Mundo de regeneração, 141
 29. O mal, 146
 30. Oração e cura de enfermos, 151
 31. Paz, 155
 32. Perdão, 159

33. Renovação moral do homem, 163
34. Saúde e doença, 167
35. Solidariedade, 174
36. Suicídio, 177
37. Transtorno mental, 183
38. Viver bem, 188

APRESENTAÇÃO

Um olhar sobre o existir humano revela que ainda estamos às voltas com muitas questões que nem a filosofia, nem a ciência, e nem mesmo as religiões conseguiram responder a contento, pairando muitas dúvidas e levando o homem ou à indiferença, ou ao egoísmo. Entretanto, percebemos igualmente um movimento rumo às questões transcendentais, numa procura pelo emocional e pela espiritualidade, como um despertar da semente que dormia e que, agora, desenvolvida em formosa planta, prepara-se para deixar vir à natureza sua flor, o ápice de sua vida. É o homem que se agita diante de si mesmo, de sua complexidade, de seu eu profundo, e se pergunta: quem sou? de onde vim? por que estou aqui? o que devo fazer? para onde vou? Enfim, lança um olhar indagador ao infinito e indaga: qual a razão do existir?

Quem já não se fez perguntas tão enigmáticas, não encontrado eco no conhecimento humano, ficando num vazio tormentoso e avassalador? Contudo, desde 18 de abril de 1857, a resposta a essas e tantas outras indagações foi entregue à humanidade no formato de um livro, com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, fornecendo ao homem as bases do Espiritismo, na assinatura vigorosa de Allan Kardec em conjunto com os Espíritos Superiores. Desde então novas luzes se fizeram sobre a vida e o homem, e como essas luzes não podem ficar restritas ao conhecimento de alguns, escrevemos este livro com o intuito de responder várias indagações que diariamente o homem se faz, procurando melhor entender o que acontece na sociedade que ele constitui, e que está às voltas com tantas crises, com tantos valores distanciados entre si.

Não escrevemos um livro filosófico. Extraímos, de forma clara e objetiva, da Doutrina Espírita, os ensinamentos que esclarecem os vários assuntos escolhidos para abordagem, procurando o melhor entendimento, acessível a todos, sempre indicando ao final de

cada texto literatura espírita complementar, com o objetivo de instigar o leitor a querer ampliar o conhecimento. Pois o Espiritismo é profundo, toca em todos os ramos das ciências humanas, e descortina a realidade da vida imortal, o que nos leva a um novo sentido do existir, a uma nova visão sobre o nascer, viver e morrer, que a Doutrina conclama ser apenas um continuar a estar vivo, mas na dimensão espiritual.

São muitas as preocupações humanas, e elas comportariam bem mais que um livro para serem respondidas, bem o sabemos; e não temos aqui a pretensão de listar todos. Entretanto, e como um critério simples de direção, deixamos que os assuntos chegassem naturalmente, compondo os capítulos que foram sendo escritos ao sabor da intuição e, ao mesmo tempo, do estudo que o Espiritismo nos oferece através de seu rico manancial de princípios.

A dor e o sofrimento ainda fazem parte do viver humano, pois que nosso mundo transita entre expiações e provas para o patamar de regeneração, pois somos, e o seremos por larga faixa de tempo, espíritos imperfeitos, mas que estamos rumando para a perfeição. Essa romagem não é feita sem percalços, até porque a convivência humana está envolta na luta entre o egoísmo e o amor, entre o bem e o mal. Dedicando-se ao estudo do ser imortal e da lei divina, o Espiritismo demonstra que não existe o acaso, que todo sofrimento possui sua causa, esteja ela no presente ou no passado recente, ou mesmo remoto, ou seja, nas existências anteriores. Também mostra que Deus não castiga, apenas faz prevalecer a lei de causa e efeito, ou ação e reação, motivo pelo qual Jesus declarou que *"a cada um será dado segundo suas obras"*.

Procuramos nesta obra atingir dois objetivos: fazer pensar e sensibilizar corações, sempre utilizando os ensinamentos espíritas, colocando nossa realidade espiritual como base para todas as considerações, numa exaltação à própria vida, pois a reencarnação é bênção divina, só precisamos aprender a vivermos

de acordo com a lei maior do amor para que essa mesma vida nos entregue, como frutos dessa sementeira, a paz e a felicidade que tanto desejamos.

Com o Espiritismo fazemos a constatação que estamos inseridos num grande processo de educação: de nós mesmos para a coletividade. Realizando a autoeducação, ou transformação íntima, poderemos realizar a educação da humanidade, isso do ponto de vista moral, pois a educação intelectual acontece sempre, mas nem sempre acompanhada do desenvolvimento do caráter, da ética, dos valores humanos. Quando família e escola se dedicarem à essência da educação, então as questões humanas de toda ordem terão solução mais pacífica, e as diferenças tenderão a se aproximar, quando então assinalaremos a entrada do planeta Terra na categoria de mundo de regeneração. Só depende de nós, do nosso entendimento espiritual sobre a vida.

Marcus De Mario

AMOR, CORPO E GESTAÇÃO

Tanto através da televisão quanto da internet, assistimos a reportagens sobre o crescimento do corpo humano, o amor e a gestação, chamando-nos a atenção a afirmação categórica que o amor é apenas um sentido ligado ao olfato, feromônios e outros componentes químicos do corpo, ou seja, o amor e o sexo são meramente condicionantes orgânicos. É o pensamento materialista assumido pela ciência com relação ao homem, que, segundo esse pensamento, não passa de um conglomerado de células que dão origem a um complexo organismo vivo que acaba com a morte.

O homem, assim reduzido, tem os instintos, os sentidos, os pensamentos e os sentimentos localizados no cérebro, sendo todos eles apenas produtos neuronais e nada mais. Tanto será assim que, vez ou outra, os cientistas divulgam terem encontrado a sede da fome, do desejo, da fala, do amor, etc., nesta ou naquela região cerebral.

Diante de uma mesma ciência que proclama a expansibilidade contínua do universo; que admite ainda pouco conhecer sobre as partículas subatômicas; que investiga a existência de vida em outros planetas; que não consegue explicar satisfatoriamente diversos fenômenos psíquicos, é contraditória essa redução do homem a um organismo vivo finito, com data marcada para nascer e data marcada para morrer, recusando-se essa ciência a questionar e investigar o antes do nascer e o depois do morrer.

Na verdade, pesquisas científicas a esse respeito existem em abundância, tais como as de Ian Stevenson, Elisabeth Kübler-Ross, Brian Weiss, Karlis Olson, Erlendur Haraldsson, Hemendra Nath Banerjee, Edith Fiore, George W. Meek, Raymond Moody Jr., entre outros, todos doutores ligados a universidades de respeito, com

trabalhos publicados após exaustivas e bem documentadas pesquisas, mas que o mundo científico acadêmico insiste em ignorar. E são trabalhos que comprovam a possibilidade da reencarnação e a vida depois da morte. E mais: não são espíritas, são pesquisadores leigos que, tendo a atenção despertada para fenômenos que a ciência não explica, iniciaram pesquisas e acabaram encontrando a realidade espiritual do homem.

Na área das pesquisas espíritas os resultados também são abundantes, com publicações realizadas em diversas épocas por Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, Alexandre Aksakof, William Crookes, Paul Gibier, Camille Flammarion e vários outros. Como se pode notar, tanto na área da pesquisa espírita quanto na área da pesquisa não-religiosa, há uma vasta literatura assinada por autores respeitáveis, muitos consagrados no mundo científico.

O reducionismo sobre o homem possui consequências nos mais diversos campos da cultura e da educação. Por exemplo, sobre o processo ensino-aprendizagem, insiste-se em uma visão mecânica ligada apenas ao desenvolvimento intelectual, reduzindo as pesquisas de Piaget e Vigotsky, Goleman e Gardner, entre outros, a um psicologismo neuronal, quando eles vão muito além, redescobrimo a importância do emocional, do afetivo e, por que não dizer?, do espiritual no homem.

Igualmente na área da saúde perde muito a ciência com esse pensamento meramente biológico sobre o ser humano, quando poderia enriquecer-se de forma substancial com a interação espírito-mente-perispirito-corpo, o que, aliás, explicaria centenas ou milhares de fenômenos biológicos e psíquicos que hoje fazem com que cientistas, pesquisadores, médicos, psicólogos e outros fiquem enredados em caminhos sem saída.

No Brasil, pesquisadores como Hernani Guimarães Andrade (fundador do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas e autor de diversos livros) e Sérgio Felipe de Oliveira (criador do

Instituto Pineal-Mind e da Universidade do Espírito – Unoespírito, também autor de importantes trabalhos) precisam ser colocados na pauta dos estudos científicos, sem preconceito, pois não se trata de discutir o Espiritismo e, sim, de debruçar-se sobre o homem enquanto alma, que é sua realidade essencial.

Igualmente deve a ciência estudar a contribuição realizada pela Associação Médico-Espírita do Brasil e da Associação Médico-Espírita Internacional, que há muitos anos realizam simpósios e congressos sobre espiritualidade e medicina, com publicação de farto material de pesquisa.

Realmente, considerar que o amor seja um sentido ligado a elementos químicos do cérebro e outros órgãos, e nada mais, é desdenhar do imenso patrimônio psíquico do homem; é descartar sumariamente a realidade dos fenômenos de ordem espiritual que desafia cotidianamente todas as ciências.

O que é o amor

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, no seu capítulo 11, os Espíritos Superiores analisam o amor em textos magistrais, onde vemos que ele é o sentimento por excelência. E que o sentimento é disposição afetiva que nos leva à união com outros seres ou com um ideal de vida, sendo, portanto, patrimônio do espírito, que ele desenvolve paulatinamente através das experiências propiciadas pela reencarnação.

Se o amor não passa de um fenômeno químico, de que vale amar? Como explicar esse impulso natural que nos leva a exaltar a vida e o semelhante? Que nos leva a formar uma família e perpetuar as gerações?

Debater sem prevenções, propor com a mente aberta todas as possibilidades, é o que deveria fazer a ciência, antes de fechar questão, pois o homem, tendo um psiquismo e um organismo

complexos, não pode ser definido levando-se em conta apenas o organismo, ainda mais depois de existirem fatos e mais fatos que comprovam a espiritualidade humana.

O sentimento não pode ficar encarcerado em fenômenos biológicos, num automatismo neuronal, pois está ligado ao psiquismo, ao sentir, e é sujeito à educação, ao desenvolvimento, ao crescimento, e isso só é explicável se colocarmos o amor como faculdade, como atributo do espírito.

Gestação

Colocado o amor como atributo do espírito, entendemos que o corpo é instrumento de ação desse espírito, ou alma, portanto, o sexo não pode ser confundido com o amor. Sexo é energia que deve ser conduzida e disciplinada pelo amor, que é sentimento. A sexualidade deve ser canalizada para a construção do bem e do belo, e a gestação é o momento sagrado da união entre dois seres que se amam, quando Deus nos concede a ventura de sermos pais, carregando a missão de educar o espírito que recebemos nos braços e aconchegaremos no coração.

O sexo banalizado, rebaixado a instinto sem controle, não pode ser considerado amor. Equivocadamente gastamos as energias corporais na sensualidade e sexualidade, no gozo do prazer imediato, esquecendo que mais tarde, pela lei biológica que rege o corpo, sentiremos o peso do desgaste orgânico, agravado muitas vezes pelo desgaste psíquico.

Gravidez requer responsabilidade. Filho requer educação. Amor exige disposição afetiva para com o outro ser que se nos associa. Sexo reclama disciplina.

Lembremos que, após a morte, teremos de dar contas do que fizemos com a existência terrena, tendo de assumir as consequências dos nossos atos, por isso aprender a amar

verdadeiramente, a respeitar a nós e ao outro, é fundamental para uma vida melhor aqui na Terra, assim como para um retorno mais tranquilo para nossa realidade espiritual.

Sugestão de leitura:

A Crise da Morte, de Ernesto Bozzano

Reencarnação no Brasil, de Hernani Guimarães Andrade

Gestação, Sublime Tesouro, de Eurípedes Kühl

Medicina e Espiritismo, de Autores Diversos

A Alma da Matéria, de Marlene Nobre

ABUSOS SEXUAIS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

As estatísticas indicam significativo aumento nas denúncias sobre abusos sexuais contra crianças e adolescentes, envolvendo todas as classes sociais. Na maioria dos casos os abusadores são homens, o pai ou o padrasto, mas há casos em que o abusador é a própria mãe. O que a Doutrina Espírita nos explica a respeito? O que fazer para proteger a criança e o adolescente?

Emmanuel, através do médium Chico Xavier, no livro "Vida e Sexo", capítulo 24, esclarece que:

"Cada homem e cada mulher que ainda não se angelizou ou que não se encontra em processo de bloqueio das possibilidades criativas (deficiência mental), no corpo ou na alma, traz, evidentemente, maior ou menor percentagem de anseios sexuais, a se expressarem por sede de apoio afetivo, e é claramente, nas lavras da experiência, errando e acertando e tornando a errar e acertar com mais segurança, que cada um de nós - os filhos de Deus em evolução na Terra - conseguirá sublimar os sentimentos que nos são próprios, de modo a erguer-nos em definitivo para a conquista da felicidade celeste e do amor universal".

Assim entendemos que o anseio sexual faz parte da atual condição evolutiva dos espíritos encarnados na Terra, sejam homens ou mulheres, os quais necessitam, como nos esclarece o benfeitor espiritual, de apoio afetivo, ou seja, de orientação moral para suas carências emocionais, isso devendo acontecer desde a infância para que, quando adulto, saiba utilizar a energia sexual com equilíbrio, sublimando os sentimentos e controlando os impulsos da sexualidade. Essa orientação moral e esse apoio afetivo são de responsabilidade dos pais, conforme esclarecimento encontrado em *O Livro dos Espíritos*, questão 385:

"A infância tem ainda outra utilidade: os Espíritos não ingressam na vida corpórea senão para se aperfeiçoarem, para se melhorarem; a debilidade dos primeiros anos os torna flexíveis, acessíveis aos conselhos da experiência e daqueles que devem fazê-los progredir. É então que se pode reformar o seu caráter e reprimir as suas más tendências, Esse é o dever que Deus confiou aos pais, missão sagrada pela qual terão de responder".

No livro *Educação e Vivências*, psicografia de José Raul Teixeira, o espírito Camilo esclarece no capítulo 18:

"Não são poucos os casos em que as almas que desenvolveram atitudes de dom-juanismo em vidas pretéritas, tendo causado danos a si mesmas e a terceiros, ou pessoas que desbragam no campo das energias sexuais, promovendo escândalos morais de destaque ou não, costumam reencarnar-se depois de tudo isso, trazendo o seu odor libidinoso, sua aura assinalada por fortes elementos atraentes de outras criaturas de idêntica inclinação moral, capazes de sofrer, na atualidade, as investidas para as quais têm o corpo energético predisposto. Não é por outra razão que verificamos situações de assédio ou agressões sexuais sofridos por crianças, jovens ou idosos, femininos ou masculinos, com largo espectro de justificativas da formal psicologia, tendo tudo isso, porém, por base, as vivências malsinadas do pretérito, ressumando no agora as drásticas consequências".

As inclinações morais desequilibradas requerem reforma do caráter, o que só pode ser realizado através da educação. Essa educação, a ser promovida prioritariamente na família, no lar, deve ter os seguintes princípios norteadores:

1. A educação promovida junto aos filhos "deve ser bem fundamentada nos princípios enobrecidos das leis de Deus".
2. Essa educação deve fazer com que cada filho, em crescendo,

reflita sobre a sua condição de espírito imortal.

3. Deve, sempre a educação, fazer com que cada criatura se esforce em transformar seus conflitos e torturas sexuais em produção de amor e luz.

4. Os pais devem, através da educação, fazer com que cada filho descubra no outro coração, com quem partilha as lutas diárias, a "alma querida com a qual guarda compromissos formosos, ou com quem deverá ressarcir problemas".

A verdadeira educação do ser integral que todos somos é a educação moral, aquela que promove o esforço da autoeducação, colocando a força da vontade a serviço da própria sublimação.

Lembra-nos ainda Camilo, no capítulo 12 do livro já citado:

"Educa-te e ajuda a quem compartilha afetividade contigo, a fim de que ambos se libertem, gradualmente, do império da sensação, fazendo com que as mais felizes emoções superem as tormentas da carne e te façam vitorioso com a alma que te merece terna atenção, confiança, dedicação, em nome do amor, que é o próprio Deus a respirar por ti".

Como orientação ao trabalho preventivo que deve ser realizado pelos pais na educação dos filhos, destacamos cinco atitudes educacionais de prevenção aos abusos da sexualidade contra crianças e adolescentes:

1. DIÁLOGO - Ouvir os filhos, acreditar no que estão falando, para depois investigar e tirar conclusões. O diálogo é via de mão dupla: todos têm o direito de falar, mas todos também devem saber escutar.

2. CONVIVÊNCIA - O lar é espaço privilegiado de convivência de seres em comunhão afetiva para fortalecimento do aprimoramento

moral e espiritual. Você está sabendo conviver com seus filhos?

3. ORIENTAÇÃO - Converse com seus filhos sobre o corpo, as funções dos órgãos, as diferenças entre sexualidade e sensualismo, as situações de risco, as regras para uma boa conduta sexual, dosando essas conversas ao nível de entendimento e curiosidade de cada um.

4. EXEMPLO - Esforce-se para ter uma conduta sexual sadia, lembrando que, para os filhos, os exemplos que mais marcam a formação de suas personalidades são os dos próprios pais.

5. ACOMPANHAMENTO - Somos seres solidários e não solitários; assim, acompanhe o que seus filhos fazem na escola, nos ambientes sociais em que se situam, e não perca oportunidade, diante dos meios de comunicação, como a televisão e a internet por exemplo, de dialogar sobre o conteúdo veiculado e os verdadeiros valores da vida imortal.

O psicólogo e educador Içami Tiba, ao abordar o assunto educação sexual, lembra duas questões importantes.

A primeira é que *"não existe idade certa, e sim o momento adequado para falar de sexo com os filhos"*; e a segunda questão é que *"na educação sexual, o importante é responder especificamente ao que se pergunta"*.

E para encerrarmos os aconselhamentos aos pais em assunto tão complexo quão delicado, mas de extrema importância e que não pode ser ocultado por preconceitos sociais, ofertamos a transcrição de um exercício salutar que toda família deveria realizar, conforme idealizado pelo educador Bruno Zaminsky e publicado em seu livro *Os Pais e a Educação dos Filhos*.

Diálogo Terapêutico Familiar

Objetivos

1. Fortalecer o diálogo entre os membros da família.
2. Fazer com que haja melhor absorção dos problemas e soluções relativos à convivência.

Esclarecimentos

Na aplicação da atividade estar sempre atento para não induzir nos outros as respostas às perguntas, e saber ouvir, pensar e absorver as opiniões.

Aplicação

Uma vez por semana a família deve se reunir para conversar sobre as relações de convivência no lar, sempre com a intenção de encontrar caminhos que possam melhorar essa convivência. O pai, ou a mãe, deve dirigir as seguintes perguntas aos filhos:

Para as crianças

- O que você não gosta de seu pai e/ou de sua mãe?
- Como você gostaria que papai e/ou mamãe fosse?
- O que você acha que faz de errado dentro de casa?
- Se você fosse papai e/ou mamãe, como você agiria com os filhos?

Para os adolescentes

- Como é a convivência dos seus colegas em família?
- E sua convivência familiar, como é?
- O que você não gosta de fazer?
- Como filho, onde estou errando?
- Como você agiria como pai ou mãe?

Observação

O pai e a mãe devem ouvir com respeito, pensar sobre as respostas e manter diálogo aberto e fraterno. Todas as opiniões devem ser ouvidas.

Encerramento

Propõe-se um abraço coletivo e um lanche, ou passeio, após metas terem sido estabelecidas para fortalecer a convivência familiar. Essas metas também deverão ser discutidas semanalmente.

Sugestão de leitura:

Vida e Sexo, de Emmanuel/Chico Xavier.

Educação e Vivências, de Camilo/José Raul Teixeira.

Sexo e Destino, de André Luiz/Chico Xavier

Sexo, Sublime Tesouro, de Eurípedes Kühl

Sexo e Evolução, de Walter Barcelos

CHICO XAVIER

O século vinte conheceu um homem extraordinário, não apenas dotado de faculdades mediúnicas exuberantes, mas repleto de virtudes, entre elas, em destaque, a humildade. Recebeu centenas de homenagens, e quando nelas comparecia por força das circunstâncias sociais, apresentava-se de forma simples e discursava fazendo questão de dizer que tudo era devido aos espíritos. Seus livros psicografados venderam milhões de exemplares, e tudo doou a instituições beneficentes. Davam-lhe presentes, agrados pelas benesses recebidas, e ele de imediato distribuía aos mais necessitados. Psicografava páginas e mais páginas, e admitia faltar-lhe compreensão para muitas coisas que os amigos espirituais transmitiam por seu intermédio, afinal ele só tinha o curso primário e, portanto, não podia ser o autor de prosas e versos nos mais variados estilos e com tanta diversidade de conteúdo. Esse homem é Chico Xavier.

Não temos, ainda, ideia da envergadura moral desse homem. Tudo o que até hoje foi escrito sobre ele é pouco, pois diante de nós estava um missionário que tudo soube enfrentar com resignação e fé inquebrantável, protagonizando cenas de puro lirismo, e também dos mais comoventes apelos às fibras íntimas da alma. Quem não se quedava, mudo, aos seus conselhos paternais? Quem não o reverenciava, em silêncio, pelos seus exemplos? Quem não o procurava, lágrimas nos olhos, para receber notícias dos entes queridos do outro lado da vida? Quem não olhava para ele, maravilhado, diante das respostas esclarecedoras que dava às mais diversas questões? Mas, tudo, tudo mesmo, ele agradecia aos espíritos que o auxiliavam, referindo-se a eles em todos os instantes, por isso foi chamado pelo seu amigo José Herculano Pires de ser inter-existente.

E é essa ação entre dois planos de vida que nos chama a atenção. Conta minha mãe que nos idos de 1970, lá estava Chico Xavier numa daquelas noites de autógrafa que varavam a madrugada, na sede da Casa Transitória, na cidade de São Paulo, e ela era a responsável por colocar à frente da fila pessoas com deficiência, os que se encontravam na velhice do corpo e com criança de colo. E como, com antecedência, os companheiros da casa espírita que frequentávamos souberam dessa sua tarefa, pediram que aproveitasse a ocasião para entregar ao valoroso médium uma carta. E a missiva estava em seu bolso, as horas passavam, o trabalho não dava descanso, e a carta ficou esquecida. Não para o Chico. Já madrugada, aproveitou que minha mãe encostara na mesa levando mais uma pessoa, e segurou-lhe as mãos, indagando: "Então, minha irmã, quando você vai me entregar?" Como ela já havia esquecido da incumbência, olhou admirada para o Chico, e respondeu: "Mas eu não tenho nada para lhe entregar ou pedir". Chico sorriu e deixou o tempo passar. E novamente voltou a pegar-lhe nas mãos e fazer a mesma indagação, quando então minha mãe lembrou da carta e entregou-a. Simpático e sorridente apesar de tantas horas transcorridas de atendimento a centenas de pessoas, Chico informou: "Finalmente, minha irmã. Eu estava esperando, pois Emmanuel já havia me avisado que você tinha esquecido".

Esse é um episódio simples, mas que nos mostra um médium equilibrado, sintonizado e preocupado em fazer o melhor. A carta não podia ficar perdida, continha um pedido e era imprescindível atender. E como bom instrumento, fiel e disciplinado trabalhador da seara de Jesus, lá estava ele atento às indicações de seu mentor espiritual.

Sabemos, pelos estudos propiciados pelo Espiritismo, que nunca estamos, na existência terrena, ligados por acaso às pessoas, estejam elas encarnadas ou não. Somos construtores de nossa história evolutiva e também da história social da humanidade, e as

ligações entre Chico Xavier e Emmanuel remontam a tempos idos, épocas remotas da história humana, como tantas vezes revelou o próprio médium, e tão bem está descrito nos romances épicos iniciados por *Há Dois Mil Anos*, quando encontramos os mesmos personagens revestidos de outra personalidade nos meandros do Império Romano, já conquistadas as terras palestinas onde semeava o Mestre dos mestres, Jesus. É bela a história dos nossos entrelaçamentos afetivos, conquistando para toda a eternidade amizades verdadeiras.

Então eles são convocados por Jesus, governador planetário, para mais uma missão, desta vez um como benfeitor espiritual, outro como médium do lápis de luz. Luz dos corações, das letras, das almas. Com disciplina, humildade, amor ao próximo, resignação, fé e muito estudo da Doutrina Espírita, Chico Xavier cumpriu com fidelidade sua missão.

Legítimo e inquestionável representante do Espiritismo, deixou-se conduzir por Emmanuel para produzir mais de 420 livros psicografados, observando sempre os postulados básicos consagrados por Allan Kardec e os Espíritos Superiores. Aliás, seu mentor espiritual lhe solicitou reiteradas vezes usar a razão e, na dúvida, ficasse com a Codificação Espírita. E Chico Xavier sempre atuou observando essa instrução.

Da lavra mediúnica do nosso querido e inesquecível Chico Xavier temos livros sobre importantíssimos estudos doutrinários; livros que explicam os conteúdos da obra kardequiana; livros para ensinar os corações infantis; livros poéticos que sensibilizam leigos e estudiosos; livros que trazem de volta os que partiram pelas portas da morte; livros reveladores de fatos históricos; livros que resgatam os ensinamentos dos evangelhos; livros que exaltam a vida e Deus como pai; livros que consolam; livros que vivificam Jesus Cristo. Livros e mais livros, de todos os estilos. Conteúdos assinados por milhares de espíritos. Assinaturas comprovadas por pesquisa técnica como idênticas aos documentos de identidade

deixados pelos falecidos.

E não apenas psicografou livros. Quantas milhares de mensagens de cunho particular ao longo de mais de setenta anos de mediunidade? Impossível saber. E as psicofonias nas reuniões mediúnicas? E os tratamentos espirituais prodigalizados? E os fenômenos de materialização? E as vidências inumeráveis desde a infância? E os ouvidos, através da audiência, emprestados aos espíritos? E os passes reconfortantes? Tudo isso, e muito mais, através da mediunidade entregue ao serviço do bem, ao mesmo tempo que, como qualquer ser humano, providenciava o pão de cada dia no trabalho profissional honesto, e cuidava da numerosa família de irmãos sob sua dependência.

Impressiona ver a filmagem aérea realizada em Uberaba num sábado pela manhã, mostrando milhares de pessoas serpenteando pelas ruas, em busca de Chico Xavier para receber dele um pão, um agasalho, uma moeda, uma palavra de consolo. Por isso foi chamado por Augusto César Vanucci de homem-amor, exemplo de caridade em ação. E encerrava as atividades debaixo de uma árvore em estudos memoráveis do Evangelho.

Chico Xavier, é bem verdade, será pelos tempos afora lembrado como médium psicógrafo, o lápis de luz cintilando palavras no papel, o que é verdadeiro e incomparável com qualquer outro personagem já existente na história da humanidade. Mas também deverá ser lembrado como exemplo de missionário que marcou nossas vidas com a luz imperecível do amor.

Ele partiu, cumprida a tarefa, como todos nós, em chegada o tempo, partiremos. Temos certeza que, por amor, apesar de todos os méritos, continua juntinho de nós, pois enquanto houver sofrimento na Terra, ele não se cansará de estar presente para estancar as lágrimas, sustentar os corações e lembrar-nos que a vida continua, e que a misericórdia divina socorre a todos.

Chico Xavier é de todos os tempos.
Chico Xavier é de todos nós.
Chico Xavier é exemplo de bom médium.
Chico Xavier é o amigo que guardamos no coração.
Chico Xavier é o seareiro de Jesus que ilumina nossos passos.

Por tudo isso, tocados pelas sublimes mensagens da Boa Nova revisitadas pelo Espiritismo através das revelações mediúnicas, e recordando nossa juventude, quando nos deparamos com os livros espíritas psicografados por ele, dizemos, do fundo do coração:

Chico Xavier é para sempre.

Sugestão de leitura:

Lindos Casos de Chico Xavier, de Ramiro Gama.
Chico, de Francisco, de Adelino da Silveira.
Trinta Anos com Chico Xavier, de Clóvis Tavares.
Pinga-Fogo, de Saulo Gomes.
As Vidas de Chico Xavier, de Marcel Souto Maior.

CIÊNCIA E ESPÍRITO

Será que os espíritos existem? E a reencarnação, será verdade? Essas perguntas, muito tranquilas de serem respondidas afirmativamente pelos espíritas, são objeto de investigação por parte de cientistas sérios, em todo o mundo, inclusive no Brasil. Eles buscam provas sobre a existência da alma, já publicaram artigos e resultados de pesquisas em revistas científicas, são muito criticados e ridicularizados, mas insistem em estudar a possibilidade do homem ser algo mais do que matéria e, para espanto de muitos, recebem apoio de universidades, hospitais e institutos de pesquisa. Afinal, a crença nos espíritos não é uma questão apenas de fé religiosa, como muitos pensam? O que esses cientistas já conseguiram? É o que vamos conhecer nesta matéria.

No ano de 1999 surgiu no Departamento de Psiquiatria da USP (Universidade de São Paulo), o Programa de Saúde, Espiritualidade e Religiosidade (ProSER), que tem à sua frente o médico e cientista Frederico Leão. Na década de 1980, ele, cético, resolveu investigar se havia algum resultado concreto no tratamento espiritual desobsessivo que um centro espírita realizava, via reunião mediúnica, junto as pacientes de um hospital psiquiátrico mantido pela instituição. Depois de seis meses de acompanhamento, concluiu que 55% dos pacientes que tinham passado pela terapia espírita apresentaram alguma melhora em seu estado mental, contra 15% dos que não tinham passado. Segundo o chefe do Departamento de Psiquiatria da USP, Eurípedes Miguel, *"a medicina está se movendo do eixo que tem como meta combater a doença para o eixo que privilegia a promoção da saúde, assim estamos interessados em qualquer método que possa ajudar as pessoas, mesmo que fuja aos nossos*

padrões”, conforme afirma em reportagem publicada na revista *Superinteressante* de outubro de 2011.

A Universidade de Juiz de Fora também mantém um programa de pesquisa nessa área da ciência da espiritualidade. Sob a coordenação do psiquiatra Alexander Almeida, funciona o Nupes (Núcleo de Pesquisas em Espiritualidade e Saúde), já tendo estudado as cirurgias espirituais do médium João de Deus, na cidade de Abadiânia, interior de Goiás, concluindo que as intervenções não eram truques e defendendo a necessidade de mais investigações sobre o mundo espiritual. Agora o Núcleo está voltado para pesquisas sobre o fenômeno de experiência de quase morte, as conhecidas EQMs.

Fora do Brasil as pesquisas também acontecem. No caso da EQM destaca-se o cientista Sam Parnia, que desde o final da década de 1990 faz investigações científicas no Hospital Geral de Southampton, nos Estados Unidos, onde trabalha como cardiologista, colecionando dezenas de relatos de pacientes que voltaram à vida. Muitos relatos são surpreendentes, com detalhes de acontecimentos enquanto o paciente estava em coma. Para Parnia isso revela a existência de uma outra vida paralela à nossa.

Nessa mesma linha de investigação destaca-se na atualidade o médico inglês Peter Fenwick, do Hospital Maudsley. Com pouco mais de trinta anos de pesquisa, ele lembra que, no início, era extremamente cético, mas em se deparando com um caso em que o paciente jurava ter ansiedade por causa de uma EQM, ele acabou descobrindo um verdadeiro universo acadêmico de registros e relatos, passando a fazer suas próprias investigações, concluindo que existe vida depois da morte. E Fenwick não está sozinho. Em solo europeu, mais especificamente na Holanda, o cardiologista Pim van Lommel igualmente coleciona relatos de pacientes que passaram pela experiência de quase morte, relatos esses que impressionam e desafiam os cientistas ateístas e céticos.

Essas pesquisas tendem a concluir que mente e cérebro são distintos, ou seja, que existe uma consciência independentemente do corpo. É o que nós, espíritas, chamamos de espírito, e outras crenças, inclusive as populares, chamam de alma, fantasma, espectro e outros nomes.

Outra pesquisa científica conduzida com seriedade é sobre a existência da reencarnação. Um dos mais respeitados cientistas dessa área é Erlendur Haraldsson, do Departamento de Psicologia da Universidade da Islândia. Seu objeto de pesquisa são crianças que alegam ter memórias de uma vida passada. Ele as entrevista, aos familiares, amigos, coleta os dados, vai atrás das evidências, confronta os dados e conclui que somente a reencarnação é possível de explicar os extraordinários resultados coincidentes entre relatos e fatos.

E tem mais. Intrigantes marcas de nascença têm tudo a ver com a descrição da morte da criança na outra vida, aquela que ela teve em outra época. Isso trouxe ao campo da pesquisa o psiquiatra americano Jim Tucker, da Universidade da Virgínia, que, depois do estudo de vários casos, chegou à conclusão que a consciência sobrevive, embora ele não consiga explicar exatamente como.

Apesar das inúmeras críticas sobre essas pesquisas, o fato é que ciência e espírito, medicina e espiritualidade, são temas em discussão em congressos e encontros internacionais, e o que antes era visto como algo ridículo, sem valia, levando o selo do menosprezo, hoje é objeto de atenção e discussão. Os cientistas já sabem que a alma não é objeto exclusivo da religião, e que a ciência pode e deve entrar nesse terreno, pois ela muito tem a contribuir para desvendar os mistérios em que as religiões envolveram o espírito e a vida após a morte.

Quando a ciência aproximar-se do Espiritismo, que lhe apresenta o perispírito, a mediunidade, a vida no mundo espiritual e a

individualidade da alma de forma racional, baseada no estudo e na pesquisa, o que é mistério passará a ser realidade, e todos os campos do conhecimento científico conhecerão uma revolução sem precedentes, a revolução da ciência do espírito.

Sugestão de leitura:

Ciência da Alma, de Nubor Facure

Ciência Espírita e suas Implicações Terapêuticas, de J. Herculano Pires

Fronteiras do Espiritismo e da Ciência, de Carlos Toledo Rizzini

Espiritismo perante a Ciência, de Gabriel Delanne

Ciência e Espiritismo, de Antonio J. Freire

CRIANÇA ABANDONADA

Um fenômeno social chama a atenção da administração pública: o crescente abandono de bebês em locais públicos. Esse fenômeno é mais acentuado nas grandes cidades e o motivo, segundo pesquisas, não é a pobreza da população, pois com o advento dos programas sociais governamentais de distribuição de renda, praticamente 100% das mães consideradas pobres ficam e cuidam dos seus filhos. Os pais que abandonam seus filhos, deixando-os em lixeiras, praças, terrenos baldios, em boa parte estão envolvidos com transtornos mentais, alcoolismo, drogas e prostituição.

Devemos esclarecer os pais, e principalmente as mães, que muitas vezes ficam sozinhas após a constatação da gravidez, que o abandono da criança pode acarretar para os pais a perda da guarda da criança, além de outras implicações perante a lei, por isso fazemos um apelo: se, seja qual for o motivo, você não puder cuidar do seu filho recém-nascido, procure, ainda na gravidez, o juizado da infância para formalizar o processo de encaminhamento à adoção dessa criança, que é uma alma necessitada de carinho, proteção e educação.

Sobre o assunto a espiritualidade manifestou-se em 1860, conforme mensagem assinada por "Um Espírito Familiar", e publicada por Allan Kardec no item 18 do capítulo 13 de "O Evangelho segundo o Espiritismo", sob o título "Os Órfãos". É uma mensagem que sensibiliza, que faz vibrar as cordas íntimas do nosso coração e que, diante das notícias sobre o abandono de bebês, nos leva às lágrimas e ao sentir profundo desse drama.

Realmente, como deve ser triste ser só e abandonado na infância!

Olhos pequeninos que vagueiam pela imensidão, vazios de emoções e repletos de solidão, incertos do futuro, desconhecendo a afetividade. Pobres almas que carregam a tortura do desamor de seus pais e dos semelhantes, que as abandonam em abrigos. Como única referência humanitária, as "tias" e "tios" que se dedicam a cuidá-las e orientá-las.

E exclamamos: por que Deus permite a orfandade do abandono materno/paterno? E explica-nos o espírito que assina a mensagem: *"Deus permite que haja órfãos, para exortar-nos a servir-lhes de pais"*. E completa o ensino com esta lapidar imagem: *"Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício!"*.

Se não podemos, neste mundo ainda de provas e expiações, evitar o abandono de bebês, podemos trabalhar a sensibilidade nos corações para a solidariedade da adoção. Sim, porque *"agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada"*, afirma o instrutor espiritual.

Imaginamos quanta dor se esvai do coração da criança ao ser recolhida por braços amigos, ao ser aconchegada por corações interessados em amá-la. Como o acaso não existe, os pais adotivos podem estar, com esse gesto, corrigindo um ato de desamor em alguma vida passada e, com certeza, permitindo, nesta existência, que esse espírito, agora filho adotivo, possa crescer intelectual e moralmente e, quem sabe, quando jovem ou adulto, reencontrar seus pais biológicos para o exercício da compreensão e do perdão. É assim que a lei de Deus se faz plena e compreendemos que basta uma ação de amor para que séculos de dores e aflições desapareçam.

Nesse entendimento encontramos na mensagem espiritual que nos serve de apoio o seguinte comentário: *"Ponderai também que muitas vezes a criança que socorreis vos foi cara noutra*

encarnação, caso em que, se pudésseis lembrar-vos, já não estaríeis praticando a caridade, mas cumprindo um dever". Por isso bendizemos a lei do esquecimento, para que possamos utilizar o livre-arbítrio sem entraves, recebendo de Deus o mérito de nossas boas ações.

Agora, reconhecemos que a adoção e o amparo socioeducativo governamental à criança abandonada não são solução para o grave fenômeno social. Se existem crianças abandonadas, existem pais que abandonam. Se existem crianças abandonadas, existem homens e mulheres que, indiferentes, as deixam abandonadas pelas ruas das cidades. Sim, exigimos das autoridades públicas providências justas e necessárias, mas fazemos o que nos compete? Amamos as crianças como deveríamos amar? Auxiliamos os pais que passam por dificuldades? Orientamos a juventude para os compromissos da união afetiva? Participamos efetivamente do ser coletivo que é a sociedade?

"Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é vosso irmão e tem direito à vossa caridade". São palavras do espírito que assina a mensagem, recordando o grande ensino do Mestre Jesus: "amai-vos uns aos outros". E devemos nos amar pela condição de sermos filhos de Deus, e, portanto, de sermos irmãos.

Somente o amor pode corrigir o desvio social do abandono dos filhos, pois somente o amor tem o poder de abrandar o egoísmo e sensibilizar o coração. Somente o amor tem o poder de cicatrizar feridas pretéritas e germinar vida rica em alegrias.

Todos os esforços devem ser feitos para o estudo, a compreensão e a prática do amor entre os homens, e isso acontecerá quando colocarmos o amor como base de todos os esforços educacionais do homem; quando o amor for a bandeira sinalizadora de nossa caminhada; quando o amor for a meta a ser alcançada.

Amemo-nos e não teremos a degradação dos vícios do álcool e

das drogas. Amemo-nos e não teremos os desvios dos transtornos mentais e da sexualidade. Amemo-nos e não teremos crianças abandonadas. Deus sabe que não faremos isso da noite para o dia, mas nos confere o sagrado tesouro do tempo... O tempo necessário para compreender o amor e amar sem distinções... Por todo o sempre!

Sugestão de leitura:

O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec

Jesus e o Direito das Crianças, de Adeilson Salles

O Mestre na Educação, de Pedro de Camargo (Vinícius)

Visão Espírita da Educação, de Marcus De Mario

Educação e Vivências, de Camilo/José Raul Teixeira

DESENVOLVIMENTO, MISÉRIA E ESPIRITUALIZAÇÃO

Muitas pessoas não acreditam que a humanidade está melhorando, que realmente estamos fazendo progresso moral. Alegam que o mundo ainda está às voltas com as guerras e, entre os diversos males que apontam em defesa de sua descrença, evidenciam a pobreza e a miséria que ainda assolam milhões de pessoas. E perguntam: será que um dia existirá justiça social?

Temos certeza que sim, pois mais cedo ou mais tarde, o homem procurará pelo amor, terá necessidade de estancar a dor que lhe afeta, e então caminhará com mais segurança rumo à sua espiritualização. E devemos lembrar que o progresso, mesmo lento, é da lei divina de evolução dos seres.

Mas, o que fazer? Como fazer? Qual o papel do Centro Espírita? O que diz o Espiritismo a respeito disso?

Lemos em *O Livro dos Espíritos*, na questão 930, a seguinte frase dita pelos Espíritos Superiores:

"Numa sociedade organizada segundo a lei do Cristo ninguém deve morrer de fome".

E qual é a lei do Cristo?

Ainda segundo o entendimento da espiritualidade, como lemos na resposta dada à questão 886, é a caridade, entendida como:

"Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas".

Lembramos as duas questões acima motivados por um dado estatístico que aflige o coração de todos nós. São ainda milhões de pessoas vivendo abaixo do nível de indigência em todo o mundo, o que significa estarem vivendo com pouquíssimos recursos financeiros, impossibilitando-as de comprar pelo menos a cesta básica de alimentos. É um respeitável contingente humano à margem da organização social e dependente de programas sociais públicos e particulares.

Esses milhões de pessoas estão localizadas em bolsões populacionais do entorno dos grandes centros urbanos, no processo de favelização que tomou conta das cidades, assim como em áreas geográficas situadas em vários continentes, abrangendo dezenas de países.

A miséria de boa parcela da população não é um fenômeno novo, mas histórico, que vem se acentuando nas últimas décadas apesar das políticas públicas desenvolvimentistas, pois estas privilegiam a busca do aumento da riqueza e não os mecanismos de distribuição mais equilibrada da renda.

O que os espíritas estão fazendo para melhorar essa situação? Qual tem sido a contribuição dos espíritas no combate à miséria? Para responder as duas perguntas podemos apontar o trabalho realizado por quase todo Centro Espírita na distribuição de gêneros alimentícios, roupas e medicamentos à população pobre, mensalmente, atendendo milhares de famílias. Mas, será que essa distribuição efetivamente combate a miséria?

É natural que para uma pessoa faminta primeiro seja-lhe dado o alimento, para depois tratarmos de seus outros problemas, e é justamente aqui onde está o grande serviço prestado pelos Centros Espíritas, como legítimos representantes do Espiritismo: tratar os outros problemas, as outras questões que não apenas fome imediata, pois a miséria existe causada pela falta de

emprego, de salário digno, de distribuição de riqueza equilibrada, de promoção do ser humano como pessoa, de justiça igual para todos, de educação moral prevenindo males sociais.

É, sem dúvida, meritório socorrer a fome com a distribuição gratuita do alimento, entretanto maior mérito é promover condições para que o ser humano se desenvolva e consiga sair, por si próprio e graças aos esforços sociais, da miserabilidade. Assim, serviços de alfabetização, profissionalização, capacitação técnica, orientação familiar, atendimento psicológico, encaminhamento profissional são fundamentais para que a miséria seja efetivamente retirada do cenário social, e esse é o papel que compete aos Centros Espíritas e às instituições não governamentais.

Espíritas europeus em visita ao movimento espírita brasileiro ficam maravilhados com nossa ação social, mas como em vários países do velho continente a miséria não existe, não fazendo sentido a distribuição de bolsas de mantimentos, roupas e remédios, pois normalmente tudo isso é provido pelo governo através de programas sociais bem definidos e estruturados, eles canalizam forças e serviços para a prevenção ao suicídio, para o amparo temporário quando do desemprego eventual, para a prevenção do alcoolismo, do aborto, da violência, do consumismo exagerado, do materialismo.

Encontremos nas obras da Codificação, a todo o momento, o alerta de que o Espiritismo é doutrina de educação do homem imortal, portanto, amplo apoio dever ser dado ao trabalho educacional realizado na família e na escola. É recomendável que os Centros Espíritas mantenham, com prioridade, a educação espírita infantojuvenil e o grupo de pais.

O tempo do Centro Espírita visto apenas do ponto de vista religioso confessional, com reuniões públicas, mocidade, evangelização infantil, reunião mediúnica e assistência material a

famílias cadastradas, com os trabalhadores e frequentadores marcando ponto em dias e horários preestabelecidos, tomando passe, bebendo água fluidificada e completamente desvinculados da sociedade em que vivem, é quadro do passado, não mais concebível no momento atual.

Os que trabalham para mudar esse quadro, com visão abrangente e ações exteriores intensas, são motores do progresso do movimento espírita, são operários vigilantes obedecendo à máxima dos Espíritos Superiores: se nos regemos pelos ensinamentos de Jesus, ninguém, na sociedade humana, pode morrer de fome.

Naturalmente toda ação no bem com desinteresse é meritória, mas não basta distribuir hoje o que amanhã tornará a faltar e assim sucessivamente. É necessário promover o desenvolvimento social para todos, formar as novas gerações nesse pensamento, para que elas, mais tarde, ao assumirem seu papel adulto, corrijam as distorções e mantenham as nações longe do espetáculo da miséria, da indigência, dos sem teto, sem terra, sem emprego. É ação não apenas dos Centros Espíritas, mas das organizações não governamentais, das instituições privadas e, claro, dos governos.

A caridade é a lei do Cristo, e ela não se confunde com a esmola ou com a atuação emergencial. Não podemos deixar o tempo passar, com problemas sociais nunca resolvidos, para que quando a calamidade chegue aos meios de comunicação providenciemos socorro emergencial com a famosa ajuda humanitária, isso por um período breve, suficiente apenas para minorar as agruras que voltarão no próximo ano, e no outro, e em tantos outros anos.

A ação espírita contempla a espiritualização do homem, fazendo com que ele estude, compreenda e coloque em prática os ensinamentos de Jesus, ampliando os horizontes da caridade e moralizando a sociedade em que vive. Esse é o trabalho que deve ser feito, combatendo e erradicando para sempre a miséria.

O desenvolvimento intelectual, tecnológico e científico fazem parte da lei de evolução. Acontecem primeiro que o desenvolvimento moral, que acaba sendo consequência, até que as preocupações de ordem moral venham em primeiro plano, o que lentamente acontece, pois não basta ao homem desenvolver apenas uma asa da evolução- o conhecimento -, necessitando igualmente desenvolver a outra asa – o sentimento.

Todos os males que ainda hoje atormentam a humanidade serão apenas lembranças históricas no futuro, servindo de lições para nunca abandonemos a prática das lições imperecíveis de Jesus Cristo, e o Espiritismo, vindo mostrar nossa realidade espiritual e a lei de consequências, onde temos que arcar com as responsabilidades individuais de nossos atos, e também coletivas, dos grupos aos quais pertencemos, vai moldando a alma para novos rumos, na educação de si mesma, pois reencarnar, voltar ao plano terrenos, ainda fará parte de nossa vida por um bom tempo. E quem não quererá, em sua próxima encarnação, encontrar um planeta muito melhor? Façamos cada um a sua parte.

Sugestão de leitura:

A Caminho da Luz, de Emmanuel/Chico Xavier

Filosofia Social Espírita, de Ney Lobo

O Espiritismo e os Problemas Humanos, de Deolindo Amorim

Evolução para o Terceiro Milênio, de Carlos Toledo Rizzini

O Centro Espírita, de José Herculano Pires

DIFICULDADES

No ano de 2007, ao sofrer um assalto, o ortopedista Lídio Toledo Filho levou três tiros, o que o tornou um cadeirante, pois ficou paraplégico. Para muitos seria o fim da carreira médica, não para ele. Um ano depois estava de volta ao hospital e à mesa de cirurgia, agora para operar seus pacientes. Sempre calmo e esperançoso, Lídio Toledo Filho explica que, quando hospitalizado, tomou o impulso para viver: "Eu não podia continuar ali deitado olhando para o teto e pensando em coisas horríveis. Meu desejo de voltar a trabalhar foi maior do que a apatia de continuar parado". E explica o que o levou a tomar essa decisão, o que o incentivou a apostar na vida: "Primeiro eu acordava e via a minha esposa ao meu lado. Isso foi um impulso, eu tinha uma responsabilidade. E depois, eu vi que para exercer o lado profissional não tinha praticamente nenhuma diferença. Eu precisava disso. Eu me olhava no espelho e me perguntava: Quem sou eu agora? Um paraplégico? Sem função sexual, sem sensibilidade? Isso provocava um vazio! Resolvi seguir o meu desejo e fui à luta".

Como bem ensinou o Cristo, ninguém carrega sobre os ombros fardo mais pesado do que suas forças, pois Deus é pai bondoso e justo. Acionando as forças interiores, podemos superar qualquer dificuldade.

Outro exemplo dignificante é o físico inglês Stephen Hawking. Aos 21 anos recebeu o diagnóstico que era portador da esclerose lateral amiotrófica, doença degenerativa que mata as células nervosas responsáveis pelo controle da musculatura. Na previsão dos médicos, ele teria alguns meses de vida. Ultrapassou os setenta anos, teve três filhos e três netos, e acumulou uma série

de prêmios internacionais pelas suas descobertas científicas, além de ser um autor consagrado com milhões de livros vendidos em todo o mundo. Tudo isso acoplado a uma cadeira de rodas especialmente fabricada, que responde a estímulos elétricos de seus cérebro, pois ele está totalmente paralisado, apenas podendo mexer os olhos. E ele afirma: "Não importa quanto a vida possa ser ruim, sempre existe algo que você pode fazer, e triunfar. Enquanto há vida, há esperança".

Lídio Toledo Filho e Stephen Hawking não têm religião. O físico inglês sequer acredita na existência de Deus. Mas ambos possuem fé e tiraram de si mesmos a força para vencer as dificuldades que pareciam intransponíveis. Como pode ser isso?

Encontramos a resposta em "O Evangelho segundo o Espiritismo", quando, no capítulo 19, Allan Kardec publica mensagem de Um Espírito Protetor sobre a "Fé, Mãe da Esperança e da Caridade", compondo o item 12, da qual destacamos o seguinte trecho:

"A fé é o sentimento inato, no homem, da sua destinação. É a consciência das prodigiosas faculdades que traz em germe íntimo, a princípio em estado latente, mas que ele deve fazer germinar e crescer, através da sua vontade ativa. Até o presente, a fé só foi compreendida no seu sentido religioso, porque o Cristo a revelou como poderosa alavanca, e porque nele só viram um chefe de religião. Mas o Cristo, que realizou verdadeiros milagres, mostrou, por esses mesmos milagres, quanto pode o homem que tem fé, ou seja, que tem a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode realizar-se a si mesma. Os apóstolos, com o seu exemplo, também não fizeram milagres? Ora, o que eram esses milagres, senão os efeitos naturais de uma causa desconhecida dos homens de então, mas hoje em grande parte explicada, e que será completamente compreendida pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo?"

Como podemos observar pela explicação desse instrutor espiritual,

a fé independe de religião, é uma faculdade pertencente ao espírito, que ele vai desenvolvendo na medida em que as experiências de vida trazem-lhe crescimento moral, intelectual e espiritual.

Essas experiências de vida podem ou não ser místicas; pode ser que nesta encarnação não tenha nenhuma pelo lado religioso ou espiritual, talvez tenha tido em existências passadas, mas é fato que tira de si mesmo essa força com o auxílio de sua vontade, outro atributo do espírito.

O texto explicativo é claro: "O homem que tem fé, ou seja, que tem a vontade de querer e a certeza de que essa vontade pode realizar-se a si mesma... faz verdadeiros milagres".

O milagre, neste caso, não é a derrogação das leis naturais, na verdade nada tem de extraordinário, é apenas a demonstração do quanto podemos conjugando fé e vontade, pois então reunimos num só foco as forças magnéticas de que somos dotados, em conjugação com as forças magnéticas oriundas do fluido cósmico universal que nos rodeia, e então o que parecia impossível, muito difícil, torna-se, por assim dizer, de fácil execução.

Com os exemplos de Lídio Toledo Filho e Stephen Hawking aprendemos que toda dificuldade pode ser superada, que mesmo tendo o corpo em estado de limitação orgânica, podemos fazer novas conquistas, mantendo-nos úteis a nós mesmos e à sociedade.

E com o Espiritismo sabemos que o acaso não existe, que tudo tem o seu porquê, e que toda dor pode e deve ser transformada em aprendizado valioso para a o espírito que deverá continuar sua vida, mesmo após a morte, que é apenas do instrumento orgânico, sempre rumo à perfeição, o porto divino que nos aguarda mais cedo ou mais tarde, dependendo do que fazemos com nossa vontade e com nossa fé.

Sugestão de leitura:

Entusiasmo para Viver, de Gerson Simões Monteiro

Coragem, de Espíritos Diversos/Chico Xavier

É Preciso Amar, de Marcus De Mario

Livro da Esperança, A, de Emmanuel/Chico Xavier

Se Não Houver Vento, Reme, de Roosevelt Tiago

DIPLOMA E PROFISSÃO

No final do século vinte foi sancionado por especialistas de várias áreas que estamos na sociedade do conhecimento, onde uma boa coleção de títulos acadêmicos, com especializações e capacitações constantes, será o diferencial, garantindo uma boa colocação profissional e conseqüente *status* social.

Seguindo esse paradigma, as escolas, tanto públicas quanto particulares, esmeram-se em preparar crianças e jovens para o vestibular, a porta de entrada da universidade. Entretanto, algumas realidades se contrapõem a esse paradigma: não temos mercado profissional para absorver toda essa mão de obra acadêmica; os jovens mostram-se imaturos na escolha do curso universitário e da profissão a seguir; a grande maioria dos diplomados pelo ensino superior perde-se na multidão, sem nenhum destaque, sem nenhuma contribuição de maior valor às ciências e à sociedade.

Para que serve o diploma universitário? Qual o significado do título acadêmico? Em que a formação superior exerce influência no exercício profissional? Se o presente e o futuro da humanidade são o conhecimento e o domínio de tecnologias, por que isso não faz diminuir a corrupção, a injustiça social, a miséria, os conflitos, o desequilíbrio ecológico e tantos outros males?

Para exercermos salutar reflexão sobre o tema vamos nos servir da palavra do espírito André Luiz, através da psicografia do médium Chico Xavier, no livro *Nosso Lar*, especialmente o capítulo 14, quando esse espírito recebe esclarecimentos do Ministro Clarêncio sobre a questão do diploma e do exercício profissional.

A situação

André Luiz fora médico na sua última existência terrena e estava em tratamento e recuperação espiritual na colônia Nosso Lar, quando se dispôs a conversar com o Ministro Clarêncio para solicitar indicação para o exercício médico aos doentes da colônia espiritual. Embora reconhecesse a necessidade de adaptação, acreditava estar apto a tanto. Após expor seu pedido, de forma velada, argumentando que queria apenas colaborar com algum serviço, recebeu do ministro diversos esclarecimentos sobre o título acadêmico e o exercício da profissão do ponto de vista dos espíritos.

Destaquemos, antes dos esclarecimentos, a forma como o ministro Clarêncio atende aos que lhe procuram. Introduz na sala de duas em duas pessoas, fazendo com que as lições para um sirvam igualmente para o outro.

André Luiz ficou sabendo depois *"que ele aproveitava esse método para que os pareceres fornecidos a qualquer interessado servissem igualmente a outros, assim atendendo a necessidade de ordem geral, ganhando tempo e proveito"*.

Convite de Deus

O primeiro esclarecimento de Clarêncio – e todo pai e todo professor precisam ouvir isto – é que *"é preciso convir que toda tarefa na Terra, no campo das profissões, é convite do Pai para que o homem penetre os templos divinos do trabalho"*.

Sabemos que o trabalho, segundo o ensino espírita, é uma lei divina, o que nos leva a entender que exercer uma profissão é atender um convite de Deus e não simplesmente garantir um emprego seguro e um bom salário.

No esclarecimento em análise está implícita a questão da ética

profissional, o compromisso cidadão com o próximo e com a sociedade, contrapondo-se ao exercício automático das funções.

Levando-se em consideração que o livro *Nosso Lar* foi escrito em 1943, não temos tanto tempo de vida dessa nova teoria sobre a significação do diploma universitário e do exercício de uma profissão.

Ficha de serviço

Prossegue o Ministro Clarêncio, agora com um segundo esclarecimento: *"O título, para nós, é simplesmente uma ficha, mas, no mundo, costuma representar uma porta aberta a todos os disparates"*.

É, infelizmente, ao que ainda temos assistido, com o uso do diploma para garantir vantagens, como se ele representasse seu portador, o que não é verdadeiro, pois em todas as ciências e em todos os ramos profissionais temos os que dignificam seus títulos e os que desonram os mesmos. A nobreza de caráter e a ética profissional não são garantidos por pós-graduações, doutorados, mestrados, especializações - todos esses títulos com sua devida importância - pois disso não se cogita em nosso atual sistema de ensino.

Destaque-se a definição oferecida pelo ministro do Auxílio (um dos ministérios de *Nosso Lar*), que o título é uma ficha, ou seja, uma espécie de arquivo onde são registradas nossas ações no uso do título profissional que ostentamos.

Essa definição é bem contrária ao pensamento humano sobre a questão. Apesar dos códigos de ética juramentados pelos formandos na colação de grau, raro é encontrarmos quem responde perante a lei pelo uso indevido que faz dos seus diplomas.

Aprendendo a servir

Ampliando substancialmente seu esclarecimento, Clarêncio informa: *"Com essa ficha, o homem fica habilitado a aprender nobremente e a servir ao Senhor, no quadro de Seus divinos serviços no planeta".*

Quem não tem alguma queixa sobre um atendimento desumano por parte de um médico? Quem não tem alguma reclamação a fazer sobre a falta de ética de um advogado? Quem não tem desilusão com o procedimento de algum pedagogo? E assim por diante, pois a lista de profissões é extensa. Estamos deixando claro que não se trata de todos, mas de alguns, pois não cabe nesta análise nenhuma generalização.

Quando compreendermos que o trabalho, e qualquer ocupação útil recebe essa classificação por parte dos Espíritos Superiores em *O Livro dos Espíritos* (questão 675), é oportunidade constante de aprendizado e não de demonstrar conhecimento e exercer autoridade sobre os outros, e que servir a Deus na construção do bem comum é estar de acordo com a lei divina, então, quando tivermos essa compreensão, a responsabilidade profissional, a conduta ética e o comprometimento com a vida farão do diploma uma ficha de serviço abençoada pela luz do amor.

Servir ao próximo com o lema "amai-vos uns aos outros", ensinado e exemplificado pelo Mestre Jesus, deve ser a nossa distinção no exercício profissional.

A lição

É André Luiz quem nos dá ensejo para uma reflexão final, ao comentar, após as colocações de Clarêncio: *"Fiquei atônito. Não conhecia tais noções de responsabilidade profissional. Assombrava-me a interpretação do título acadêmico, reduzido à ficha de ingresso em zonas de trabalho para cooperação ativa com*

o Senhor Supremo”.

Esse pensamento de André Luiz surge depois que o ministro Clarêncio faz uma série de considerações sobre a profissão médica, as quais podemos resumir no seguinte:

"Meu irmão recebeu uma ficha de médico. Penetrou o templo da medicina, mas sua ação, lá dentro, não se verificou em normas que me autorizem a endossar seus atuais desejos. (...) Como reconhece agora, o médico não pode estacionar em diagnósticos e terminologias. Há que penetrar a alma, sondar-lhe as profundezas. Muitos profissionais da Medicina, no planeta, são prisioneiros das salas acadêmicas, porque a vaidade lhes roubou a chave do cárcere. Raros conseguem atravessar o pântano dos interesses inferiores, sobrepor-se a preconceitos comuns (...)"

Lembremos que essas palavras são aplicáveis a qualquer profissão. Justo refletirmos com profundidade sobre o que fazemos com nossos títulos acadêmicos, pois, repetindo o escritor Pedro de Camargo, *"não é de conhecimento que precisam os homens da atualidade, responsáveis pela situação aflitiva dos dias que correm: é de sentimento"*.

É por tudo isso que damos razão a J. Herculano Pires, quando, estudando sobre a questão das provas e títulos acadêmicos, mostra que, diante da Doutrina Espírita, a prática, o fazer, deve ser sobretudo moral, e que isso depende inteiramente da capacidade do educando de aplicar o conhecimento adquirido e não de ostentar esse ou aquele diploma.

Pense nisso!

Sugestão de leitura:

Nosso Lar, de André Luiz/Chico Xavier
O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

O Mestre na Educação, de Pedro de Camargo
Pedagogia Espírita, de J. Herculano Pires
Aprendendo com Nosso Lar, de José Lázaro Boberg

EDUCAÇÃO

A Doutrina Espírita considera que *"só a educação poderá reformar os homens"*, conforme a resposta dos Espíritos Superiores à pergunta de Allan Kardec, na questão 796 de *O Livro dos Espíritos*. E compreende que a educação não pode ser encarada apenas pelo seu lado instrucional, ou ilustração do intelecto, mas deve ser trabalhada pelo lado moral, na arte de manejar o caráter.

Definindo moral

E o que é moral? Necessitamos de sua definição para entendermos a amplitude da educação moral. O pensador e filósofo católico Jacques Maritain, em seu livro *Introdução Geral à Filosofia*, nos oferece a seguinte definição:

"Moral, ou ética - ciência prática que visa alcançar o puro simples bem do homem. Tem por objeto a bondade ou a perfeição do próprio homem. Ciência dos atos humanos".

E completa essa definição com esta magistral frase: *"A ciência moral deve ser acompanhada de prudência"*.

Como ciência, a moral deve:

- 1 - saber o fim último ou o bem absoluto do homem;
- 2 - estudar os atos praticados pelo homem;
- 3 - estudar as questões relativas à lei natural;
- 4 - compreender o mecanismo da consciência;
- 5 - estudar as origens das virtudes e dos vícios.

Com relação à conduta do homem deve estudar as regras que

ordenam sua conduta no que concerne ao seu próprio bem e no bem de outrem, para o pleno equilíbrio da justiça.

Sendo uma ciência, moral não é um termo vago, nem se confunde com moralidade, que designa o conceito social do que é aceito ou não em certa época, e que se modifica com o tempo e os costumes.

Informa-nos *O Livro dos Espíritos*, obra básica do Espiritismo, que "*a moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da lei de Deus. O homem procede bem quando tudo faz pelo bem de todos, porque então cumpre a lei de Deus*".

Essa definição está na questão 629 e antecede no tempo a definição filosófica que demos no início deste artigo, mostrando como o Espiritismo complementa as diversas áreas do conhecimento humano.

A educação moral consiste na formação do caráter do educando através de um ensino que prioriza a prática do bem, a valorização das virtudes e a aquisição do sentimento do amor.

A educação moral não relega a inteligência a segundo plano, pelo contrário, dela se utiliza para que o educando saiba distinguir entre o bem e o mal, entretanto, equilibra os dois fatores básicos da educação, ou seja, a inteligência e o sentimento, o intelecto e o coração.

A educação do espírito

Além de considerar a educação moral como legítima formadora do homem, o Espiritismo ainda vai mais além ao quebrar o materialismo com a comprovação da imortalidade da alma, lançando as bases da educação do espírito. Por esses motivos é que o Espiritismo, lançando seu olhar sobre as escolas, preconiza

uma nova metodologia educacional em três pontos principais:

- 1 - educação com amor;
- 2 - educação com exemplo;
- 3 - educação com experiência própria.

A conjugação de todos esses princípios na educação moral é o único caminho capaz de colocar o homem nos trilhos da bondade, reformando as instituições sociais, hoje tão atreladas ao egoísmo que deita raízes nos corações.

Enquanto a família e a escola não entenderem a profundidade da educação moral, continuaremos no desfile dos desregramentos a que temos assistido, quando, se aplicada, a educação moral estabelece a desejada felicidade, por formar homens de bem, objetivo do próprio Espiritismo.

A reforma da filosofia que rege o sistema educacional vigente, com a absorção da educação moral, levará os currículos e métodos escolares ao verdadeiro fim superior da formação, e não da instrução. Formação do caráter através da aquisição de hábitos sadios de vivência com Deus, com o próximo e consigo mesmo, na prática do bem e do amor.

Uma escola que executa seu trabalho baseada na educação moral é legítima extensão, complemento mesmo da família, tornando-se um lar que abriga consciências reencarnadas reclamando diretriz segura para o uso da inteligência e o desabrochar das qualidades do sentimento.

O Espiritismo, pois, fundamenta e indica a educação moral para renovação do ser humano e estabelecimento da era do espírito.

O que diz a Doutrina Espírita

É nesse contexto que a Doutrina Espírita adentra com muita

profundidade, ao encarar a educação do ponto de vista moral. O período infantil é propício para: 1) deixar o espírito reencarnado mais acessível aos bons conselhos e exemplos dos pais e educadores; 2) tornar o espírito mais flexível através da debilidade física; 3) reformar o caráter e corrigir más tendências desse espírito. Quando os Espíritos Superiores, em *O Livro dos Espíritos*, falam em reformar o caráter está implícito o reforço às boas tendências conquistadas pelo espírito reencarnante em vidas passadas.

Na questão 629 de *O Livro dos Espíritos*, ao definirem o que é moral, os espíritos indicam duas regras básicas de procedimento para o ser humano. São elas: 1) fazer tudo tendo em vista o bem, e 2) fazer tudo tendo em vista o bem de todos. Isso porque o bem não pode ser unilateral, ou seja, a ação não pode gerar benefícios somente para um indivíduo, e sim para todos. Só é bom aquilo que faz bem para todos. É por isso que vários discursos clamam pelas ações solidárias humanas, tão necessárias e que devem ser desenvolvidas desde a infância, para que a criança faça disso um hábito.

Ainda nessa temática da educação do ponto de vista moral, Allan Kardec adverte em comentário à questão 685-A de *O Livro dos Espíritos*: *"Há um elemento que não se ponderou bastante, e sem o qual a ciência econômica não passa de teoria: a educação. Não a educação intelectual, mas a moral, e nem ainda a educação moral pelos livros, mas a que consiste na arte de formar os caracteres, aquela que cria os hábitos adquiridos"*.

Primeira advertência: educação moral

A primeira advertência é que a solução para os problemas sociais e econômicos não está na educação intelectual, mas na educação moral. De fato, as gerações se sucedem e o ensino continua agarrado à transmissão de conteúdos curriculares, aos procedimentos para conquista de diplomas e certificados, sem que

o ser humano consiga fazer disso solução para os males gerais que assolam o indivíduo e a sociedade. Já dizia Léon Denis, em 1908: *"Com efeito, na universidade, como na igreja, a alma moderna não encontra senão obscuridade e contradição em tudo quanto respeita ao problema de sua natureza e de seu futuro. É a esse estado de coisas que se deve atribuir, em grande parte, os males de nossa época, a incoerência das ideias, a desordem das consciências, a anarquia moral e social. A educação que se dá às gerações é complicada; mas, não lhes esclarece o caminho da vida; não lhes dá a têmpera necessária para as lutas da existência. O ensino clássico pode guiar no cultivo, no ornamento da inteligência; não inspira, entretanto, a ação, o amor, a dedicação. Ainda menos obtém se faça uma concepção da vida e do destino que desenvolva as energias profundas do eu e nos oriente os impulsos e os esforços para um fim elevado. Essa concepção, no entanto, é indispensável a todo ser, a toda sociedade, porque é o sustentáculo, a consolação suprema nas horas difíceis, a origem das virtudes e das altas inspirações"*.

Imaginemos uma escola, coadjuvada pela família, onde a formação do caráter dos educandos seja o objetivo a ser alcançado, fazendo os professores todos os esforços para esse grande fim. Que belas imagens em nossa mente! Que quadros emocionantes a envolverem nosso coração! E não se diga que isso não é possível, pois Pestalozzi o realizou, Sai Baba o realiza hoje, na Índia, as centenas de escolas espíritas de evangelização infantojuvenil o realizam semanalmente, e tantos outros exemplos podemos apontar como testemunhas dessa possibilidade: da educação moral do ser humano em plena escola.

Segunda advertência: o exemplo

Temos, ainda, uma segunda advertência no comentário de Kardec: a educação moral não se realiza pela ilustração cultural, ou seja, pelos livros. Eles, os livros, são muito importantes, assim como a cultura em geral com suas diversas manifestações, mas o livro, o

teatro, o cinema, a internet são ferramentas, são recursos, não são a educação moral. Uma história pode ser bela e encerrar ensinamentos profundos sobre valores e virtudes, mas se não for adequadamente trabalhada, vivenciada e exemplificada pode não atingir seu próprio objetivo, que é despertar o espírito para a beleza e necessidade do amor, da solidariedade, da espiritualidade.

Compete aos pais e responsáveis - os primeiros e contínuos educadores -, e aos professores - os educadores formais -, todo o esforço em exemplificar as lições que entregam aos seus filhos/alunos. Sem o exemplo, qualquer lição sobre virtudes perde valor, e a leitura pode gerar apenas um repositório de conhecimento sem aplicação.

A autoeducação é o processo ao qual deve se dedicar todo pai, toda mãe, todo responsável, todo professor, por maiores sejam as dificuldades a vencer, pois quem ensina, e ao mesmo tempo dá o exemplo, consegue transformar.

Terceira advertência: o caráter

Finalmente, as palavras de Allan Kardec destacam que *"a educação é a arte de formar os caracteres, aquela que cria os hábitos adquiridos"*.

Não se pode educar para a paz com o uso da violência, mesmo verbal; se eu grito com meu filho para ele obedecer, estou usando de violência.

Não se pode educar para a honestidade com a mentira; se eu escondo a verdade em proveito próprio, estou sendo desonesto.

Não se pode educar para a solidariedade com o egoísmo; se eu penso primeiro em mim mesmo, estou sendo egoísta.

Não se pode educar para a cidadania com a indiferença; se eu não me importo com o que acontece porque não me atinge diretamente, estou sendo hipócrita.

Educar moralmente é cultivar na criança, no adolescente e no jovem, hábitos regulares de bondade, de amor ao próximo, de solidariedade humana, de respeito à natureza e tantos outros; hábitos esses que se tornarão incorruptíveis porque farão parte indissociável do caráter do indivíduo.

Sim, tudo isso é possível e sem menosprezar os conteúdos curriculares, os alegres passeios em família, as diversões sadias, o ambiente cultural, ou seja, sem colocar de lado a vida, porque a vida é educação. O que a Doutrina Espírita enfatiza é o equilíbrio entre as diversas ações humanas para se atingir a finalidade de termos, sobre a face da Terra, homens de bem. Espíritos reencarnados que saibam colocar a inteligência a serviço da construção do bem; que, utilizando a lei de evolução, consigam se moralizar e espiritualizar graças aos esforços daqueles a quem compete a missão de educar junto com o indispensável auxílio da autoeducação deles mesmos.

Conclusão

Que belo sonho, dirão muitos. Não, não é um sonho, é um ideal que devemos perseguir constantemente, com todas as forças, pois o amor cresce na medida em que nos propomos a amar. Reconhecendo a necessidade da transformação da educação, pois hoje o ensinar substitui o educar e a escola substitui a família, transformação essa que não se restringe a uma mera troca de palavras ou inversão dos fatores, temos que nos colocar em atividade prática, no lar, na escola, nas diversas instituições públicas e particulares, para realizar a educação moral do ser humano, único caminho para, o mais rápido possível, alcançarmos o estágio planetário de regeneração.

Lemos em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo 11, item 8: *"O espírito deve ser cultivado como um campo. Toda a riqueza futura depende do trabalho atual. E mais que aos bens terrenos, ele (o amor) vos conduzirá à gloriosa elevação. Será então que, compreendendo a lei de amor, que une todos os seres, nela buscareis os suaves prazeres da alma, que são o prelúdio das alegrias celestes"*.

Não se pode realizar a educação moral sem amor no coração, porque o amor é a base da educação e a bússola de orientação para todo educador.

Não se pode negar a vasta e profunda contribuição que o Espiritismo oferece à educação, mas precisamos estar atentos para a advertência de Léon Denis:

"É necessário que uma grande corrente idealista e um poderoso sopro moral varram as sombras, as dúvidas, as incertezas que ainda existem sobre muitas inteligências e consciências, a fim de que a luz das verdades eternas aclare os cérebros, aqueça os corações, levando conforto aos que sofrem. A educação do povo precisa ser totalmente modificada, para que todos possam ter a noção dos deveres sociais, o sentimento das responsabilidades individuais e coletivas e, principalmente, o conhecimento do objetivo real da vida, que é o progresso, o aperfeiçoamento da alma, o aumento de suas riquezas íntimas e ocultas" (O Mundo Invisível e a Guerra, 1ª ed., CELD, 1995).

Essa advertência foi escrita durante o período de 1914-1918, quando da primeira grande guerra mundial, e se mostra ainda bastante atual, ou seja, quase cem anos não foram suficientes para despertarmos e colocarmos a filosofia espírita em plena realização na vida.

Por que esperar mais tempo?

Sugestão de leitura:

Visão Espírita da Educação, de Marcus De Mario

Pedagogia Espírita, de J. Herculano Pires

Educação segundo o Espiritismo, de Dora Incontri

Caminhos do Amor, de Dalva Silva Souza

Educar para Ser Feliz, de Heloísa Pires

EUTANÁSIA

Sobre a eutanásia, que significa "ato de dar morte indolor a um doente considerado incurável", apresentamos aos nossos leitores considerações de ordem espiritual, conforme a encontramos nas obras mediúnicas e também na Codificação Espírita.

Os espíritos e a eutanásia

Iniciamos nossa abordagem trazendo a palavra do espírito André Luiz, no livro *Sexo e Destino*, psicografia de Chico Xavier:

"Felizes da Terra! Quando passardes ao pé dos leitos de quantos atravessam prolongada agonia, afastai do pensamento a ideia de lhes acelerardes a morte!..."

Ladeando esses corpos amarrotados e por trás dessas bocas mudas, benfeitores do plano espiritual articulam providências, executam encargos nobilitantes, pronunciam orações ou estendem braços amigos!

Ignorais, por agora, o valor de alguns minutos de reconsideração para o viajor que aspira a examinar os caminhos percorridos, antes do regresso ao aconchego do lar.

Se não vos sentis capacitados a oferecer-lhes uma frase de consolação ou o socorro de uma prece, afastai-vos e deixai-os em paz!... As lágrimas que derramam são pérolas de esperança com que as luzes de outras auroras lhes rociam a face!... Esses gemidos que se arrastam do peito aos lábios, semelhando soluços encarcerados no coração, quase sempre traduzem cânticos de alegria, à frente da imortalidade que lhes fulgura do além!...

Companheiros do mundo, que ainda trazeis a visão limitada aos arcabouços da carne, por amor aos vossos sentimentos mais caros, dai consolo e silêncio, simpatia e veneração aos que se abeiram do túmulo! Eles não são as múmias torturadas que os vossos olhos contemplam, destinadas à lousa que a poeira carcome... São filhos do Céu, preparando o retorno à Pátria, prestes a transpor o rio da Verdade, a cujas margens, um dia, também vós chegareis!... "

Meditemos e reflitamos profundamente sobre essas palavras.

O que o Espiritismo diz

O Espiritismo tem opinião clara quanto à eutanásia. Vejamos o que nos esclarece O *Evangelho segundo o Espiritismo* em mensagem do espírito São Luís, constante do capítulo 5, item 28:

"Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?

"Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até à borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões?

Sei bem haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância.

Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro."

Como vimos, é extremamente importante respeitar a vontade divina. É importante termos consciência de que a ciência não tem domínio absoluto sobre as previsões de recuperação ou não do doente. Além disso, todo o processo ao qual passamos durante o desenlace é fundamental e, às vezes, o último minuto é o que precisamos para despertarmos nossa consciência, momento esse que não existiria, no caso do abreviamento do momento do desencarne, ficando privados da oportunidade de entrar em uma condição melhor no plano espiritual.

Vejamos a explicação dos espíritos a respeito da decisão de abreviarmos nossa própria existência em situações de sofrimento, primeiro, ainda no *Evangelho segundo o Espiritismo*, mesmo capítulo, item 29:

"Aquele que se acha desgostoso da vida mas que não quer extinguir-la por suas próprias mãos, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com o propósito de tornar útil sua morte?"

"Que o homem se mate ele próprio, ou faça que outrem o mate, seu propósito é sempre cortar o fio da existência: há, por conseguinte, suicídio intencional, se não de fato. É ilusória a ideia de que sua morte servirá para alguma coisa; isso não passa de pretexto para colorir o ato e escusá-lo aos seus próprios olhos. Se

ele desejasse seriamente servir ao seu país, cuidaria de viver para defendê-lo; não procuraria morrer, pois que, morto, de nada mais lhe serviria. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte, quando se trate de ser útil, em afrontar o perigo, em fazer, de antemão e sem pesar, o sacrifício da vida, se for necessário. Mas, buscar a morte com premeditada intenção, expondo-se a um perigo, ainda que para prestar serviço, anula o mérito da ação”.

Já em *O Livro dos Espíritos*, lemos na questão 953:

"Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte?

"É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência. E quem poderá estar certo de que, mau grado às aparências, esse termo tenha chegado; de que um socorro inesperado não venha no último momento?"

a) - Concebe-se que, nas circunstâncias ordinárias, o suicídio seja condenável; mas, estamos figurando o caso em que a morte é inevitável e em que a vida só é encurtada de alguns instantes. "É sempre uma falta de resignação e de submissão à vontade do Criador”.

b) - Quais, nesse caso, as consequências de tal ato?

"Uma expiação proporcionada, como sempre, à gravidade da falta, de acordo com as circunstâncias”.

André Luiz, no livro *Obreiros da Vida Eterna*, nos fornece um importante relato do que ocorre realmente com o corpo físico e espiritual em casos em que o momento da morte é abreviado propositalmente através de medicamentos:

"Beneficiemos o moribundo, por sua vez, empregando medidas drásticas. O doutor pretende impor-lhe fatal analgésico” (instrutor Jerônimo).

Atendendo-lhe a ordem, segurei a frente do agonizante, ao passo que ele lhe aplicava passes longitudinais, preparando o deslince. Mas o teimoso amigo continuava reagindo.

Não - exclamava, mentalmente -, não posso morrer! tenho medo! tenho medo!

O clínico, todavia, não se demorou muito, e como o enfermo lutava, desesperado, em oposição ao nosso auxílio, não nos foi possível aplicar-lhe golpe extremo. Sem qualquer conhecimento das dificuldades espirituais, o médico ministrou a chamada "injeção compassiva", ante o gesto de profunda desaprovação do meu orientador.

Em poucos instantes, o moribundo calou-se. Inteiriçaram-se-lhe os membros, vagarosamente. Imobilizou-se a máscara facial. Fizeram-se vítreos os olhos móveis.

Cavalcante (recém-desencarnado em questão), para o espectador comum, estava morto. Não para nós, entretanto. A personalidade desencarnante estava presa ao corpo inerte, em plena inconsciência e incapaz de qualquer reação.

Sem perder a serenidade otimista, o orientador explicou-me:

"A carga fulminante da medicação de descanso, por atuar diretamente em todo o sistema nervoso, interessa os centros do organismo perispiritual. Cavalcante permanece, agora, colado a trilhões de células neutralizadas, dormentes, invadido, ele mesmo, de estranho torpor que o impossibilita de dar qualquer resposta ao nosso esforço. Provavelmente, só poderemos libertá-lo depois de decorridas mais de doze horas".

E, conforme a primeira suposição de Jerônimo, somente nos foi possível a libertação do recém-desencarnado quando já haviam

transcorrido vinte horas, após serviço muito laborioso para nós. Ainda assim, Cavalcante não se retirou em condições favoráveis e animadoras. Apático, sonolento, desmemoriado, foi por nós conduzido ao asilo de Fabiano, demonstrando necessitar maiores cuidados”.

Vemos relatado o momento difícil que Cavalcante passa, pela ignorância e desespero na hora da morte, não permitindo que os mentores espirituais atuassem em seu benefício fazendo o desenlace do corpo físico do corpo carnal e pela decisão do médico em "poupar-lhe do sofrimento", aplicando-lhe anestésico que não só não ajudou no momento derradeiro como dificultou ainda mais a condição de Cavalcante, fazendo com que ele, apesar do trabalho árduo dos espíritos protetores, chegasse em situação difícil à pátria espiritual.

Para o materialista a eutanásia consiste em diminuir o sofrimento do moribundo ou de si mesmo. No entanto, o Espiritismo nos permite uma visão mais ampla da morte, fazendo-nos entender que a consciência não se encerra no momento da falência do corpo físico.

Suicídio assistido

Sob que condições – se existe alguma – seria moralmente aceitável que um ser humano tirasse a própria vida? Fazemos a pergunta diante das notícias sobre o Suicídio Assistido, prática que ainda vigora em nossa sociedade quando, diante de um quadro agudo de doença considerada incurável, toma-se a decisão pela abreviação da vida do doente, para que ele não sofra mais. Para nossa reflexão, vamos conhecer dois casos em que a vida foi priorizada apesar de todos os prognósticos ruins, e por esse motivo a humanidade teve ganhos extraordinários.

Primeiro caso – Helen Keller (1880-1968), cega e surda desde tenra idade devido a uma doença desconhecida em sua época,

tornou-se escritora, filósofa e conferencista, com uma extensa folha de serviços a favor das pessoas portadoras de deficiências. Aprendeu vários idiomas e graduou-se em Filosofia. Tudo isso graças a seus pais e Anne Sullivan, sua professora, que optaram pela vida e acreditaram no potencial da menina. É, até hoje, um grande exemplo de superação e dedicação ao trabalho.

Segundo caso – Stephen Hawking (1942), portador de esclerose lateral amiotrófica, doença degenerativa que mata as células nervosas responsáveis pelo controle da musculatura, tendo recebido, aos vinte e um anos de idade, diagnóstico de no máximo mais seis meses de vida. Ele apostou na vida e tornou-se um dos mais respeitados físicos de nossa época, acumulando prêmios internacionais pelas suas descobertas científicas, além de ser um autor consagrado com milhões de livros vendidos.

Pois bem, ainda conhecendo casos para nossa reflexão a respeito do Suicídio Assistido, vejamos um exemplo em que a vida não foi respeitada, em que se optou pela abreviação da existência.

Caso único – No início do século vinte, na França, um médico diagnosticou que sua filha era portadora de difteria, na época doença considerada incurável. Inconsolável com a evolução da enfermidade da filha, e admitindo a impossibilidade de sua cura, injetou uma substância indolor, porém mortal. Momentos após ter praticado a eutanásia, bate à porta da casa do médico um emissário de um seu amigo e colega de profissão que, sabedor da doença de sua filha, mandava-lhe o soro antidiftérico, que acabara de ser descoberto por Pierre Roux. Era tarde demais ...

Para o Espiritismo a opção pela vida é e será sempre a única opção, pois a vida foi criada por Deus e somente Ele pode dispor dela, mas não do jeito que lhe aprouver, e sim através de suas sábias e justas leis. E esse pensamento é mantido mesmo diante de um quadro de dor, sofrimento, e mesmo diante do diagnóstico da ciência que, como podemos ver nos casos trazidos para nossa

reflexão, não tem a última palavra.

E defendemos sempre a vida ainda mais porque somos almas imortais, sabendo que a vida não acaba com a morte do corpo orgânico, mas continua no mundo espiritual, e que a existência física é uma bênção, oportunidade de continuarmos nosso progresso moral e intelectual, a grande finalidade da reencarnação.

Sobre a alegação de que é muito difícil assistir ao sofrimento de um familiar, sendo preferível abreviar sua vida, assim também aliviando o sacrifício imposto aos que têm que acompanhar o tratamento e participar dos cuidados com o doente, lembramos que o processo de desencarnação é, para grande maioria, momento de fazer uma tomada de consciência, mesmo que não possa se manifestar fisicamente, e isso é de máxima importância para o Espírito, que perde essa oportunidade com a interrupção brusca do seu existir terreno. E quem pode afirmar com toda segurança que nada mais se pode fazer?

Hellen Keller e Stephen Hawking são exemplos eloquentes contra o suicídio assistido e a eutanásia, desafiando a ciência e atestando que é possível superar prognósticos negativos.

Por tudo isso o Espiritismo será sempre a favor da vida.

Se com você ou com algum familiar estiver acontecendo, ou vier a acontecer, episódio de doença considerada incurável ou de difícil e doloroso tratamento, lembre-se que a vida pertence a Deus, que no-la concede para que possamos dar continuidade ao nosso progresso moral e intelectual, para isso precisando passar por provas que nos habilitarão para voos mais altos rumos à espiritualidade. Então, tenha calma, fé e perseverança, pois o momento do retorno ao mundo espiritual só Deus conhece.

O Espiritismo nos descortina o plano espiritual, nos mostrando que

devemos suportar com resignação e coragem os momentos difíceis que nós e nossa família e amigos passamos, nos lembrando sempre das palavras do Mestre: *"Meu Pai, que seja feita a Vossa vontade, e não a minha"*.

Sugestão de leitura:

Conversa com a Vida, de Cenyra Pinto

Dúvidas? O Espiritismo Esclarece, de Djalma Santos

Leis Morais da Vida, de Joanna de Ângelis/Divaldo Pereira Franco

O Problema do Ser, do Destino e da Dor, de Léon Denis

Reencarnação e Vida, de Amália Domingo Soler

EVANGELHO

Alguns segmentos religiosos mantêm em seu discurso uma acusação grave contra a Doutrina Espírita: a de que nossa Doutrina não é baseada nos ensinamentos de Jesus. É comum ouvirmos padres e pastores afirmarem que o Espiritismo é doutrina do demônio, e que os espíritas desconhecem o Evangelho.

Primeiro, há necessidade de se esclarecer o entendimento sobre o demônio, palavra de origem grega, *daimon*, que significa gênio ou protetor familiar. Sócrates, famoso filósofo grego, dizia conversar constantemente com seu *daimon*, de quem recebia orientações de ordem moral. Portanto, a palavra demônio só muito mais tarde veio receber a acepção de um ser criado para fazer o mal, concepção essa contrária ao bom senso e à lógica, pois se Deus, o Criador, é todo bondade, amor e justiça, não pode criar um ser destinado, por toda a eternidade, a fazer o mal, sem condição alguma de progresso. O reconhecimento da existência do *daimon* sanciona a crença na imortalidade da alma, na continuidade da vida após a morte e na comunicabilidade dos espíritos com os homens, e nada tem a ver com a maldade absoluta, pois a crença espírita é a da existência de espíritos imperfeitos, ainda se comprazendo no mal, mas que, pela lei do progresso, irão caminhar paulatinamente para o bem.

Quanto à argumentação de que o Evangelho não faz parte do Espiritismo, façamos um pequeno estudo de *O Livro dos Espíritos*, a obra básica da Doutrina. Logo no frontispício, a página de abertura da obra, lemos: "*O Livro dos Espíritos, contendo os princípios da Doutrina Espírita sobre (...) as leis morais (...) segundo o ensinamento dos Espíritos Superiores (...)*". Perguntamos: que leis morais? São aquelas inscritas nos Dez

Mandamentos e que servem de fundamento aos ensinamentos e exemplos de Jesus.

No item seis, da Introdução, quando resume os pontos principais da Doutrina, baseado nos ensinamentos do Espírito, Allan Kardec expressa a crença em Deus como condição básica da fé espírita. Depois informa: *"A moral dos Espíritos Superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: "fazer aos outros o que desejamos que os outros nos façam", ou seja, fazer o bem e não o mal. O homem encontra nesse princípio a regra universal de conduta, mesmo para as menores ações".* Como podemos perceber, é um ensinamento de Jesus recomendado como princípio universal de conduta para o homem.

Na mensagem dos Espíritos Superiores que antecede os estudos na forma de perguntas e respostas, lemos: *"A vaidade de certos homens, que creem saber tudo e tudo querem explicar à sua maneira, dará origem a opiniões dissidentes; mas todos os que tiverem em vista o grande princípio de Jesus (acima referido) se confundirão no mesmo sentimento de amor ao bem e se unirão por um laço fraterno que envolverá o mundo inteiro; deixarão do lado as mesquinhas disputas de palavras para somente se ocuparem das coisas essenciais".* Novamente a alusão a Jesus e seus ensinamentos, desta vez como roteiro para união das doutrinas religiosas.

A primeira parte de *O Livro dos Espíritos*, tratando das Causas Primárias, faz um amplo estudo sobre Deus e a criação divina, e se o Espiritismo nenhuma relação tivesse com o Evangelho, não poderia construir seu edifício doutrinário na crença em Deus, pois toda a cristandade, seja ela católica ou protestante, baseia-se na crença divina.

Na segunda parte, estudando o Mundo Espírita ou dos Espíritos, compreendemos que os Espíritos são os próprios homens desencarnados, e que tudo no universo é regido pela lei de Deus,

e que temos o progresso intelectual e também o progresso moral, e que é este último o que distingue as diferentes ordens de Espíritos. Mais uma vez a questão moral como base do pensamento espírita.

Quando Allan Kardec chega à terceira parte, As Leis Morais, nenhuma dúvida temos quanto a estar o Espiritismo intimamente ligado ao Evangelho. Basta lermos a questão 625: Pergunta: *"Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e modelo?"* Resposta: "Vede Jesus." A seguir o Codificador faz este comentário: *"Jesus é para o homem o tipo de perfeição moral a que pode aspirar a Humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu na Terra".*

Jesus como guia e modelo da Humanidade e mais, a sua doutrina, ou seja, os seus ensinamentos, como expressão perfeita da lei divina, fazem parte dos princípios básicos do Espiritismo, não havendo possibilidade, portanto, do espírita estar desligado do Evangelho ou não poder ser considerado cristão.

O que acontece é que o Espiritismo não considera o Evangelho ao pé da letra. Temos que o Evangelho é o conjunto de escritos dos discípulos e apóstolos sobre Jesus, recorrendo os mesmos, para essa tarefa, da sua memória e de anotações diversas. Não transcreveram fielmente a vida e obra de Jesus, e cada um escreveu de acordo com seu ponto de vista, sofrendo maior ou menor influência da cultura judaica. Também o Evangelho sofreu mudanças nas traduções para outras línguas e recebeu acréscimos e decréscimos por parte da Igreja Católica, o que é fato histórico. Assim, o Espiritismo considera unicamente os ensinamentos morais de Jesus, tomando todo o resto da obra como subsídio histórico, o mesmo acontecendo com os escritos que compõem o Velho Testamento, ou Bíblia.

O espírita não se preocupa em decorar capítulos e versículos para recitá-los mecanicamente, pois sua meta é a vivência dos ensinamentos morais do Mestre Jesus, e essa vivência deve ser exercida através do amor ao próximo.

Evangelho e Espiritismo são indissociáveis, e quem afirma o contrário o faz por desconhecimento ou má fé. Não encontrando na prática espírita os fundamentos das cerimônias e dos rituais litúrgicos e nem das recitativas evangélicas de missas e sermões, condenam o Espiritismo julgando-o pela superfície, quando, se o estudassem, encontrariam a caridade recomendada por Jesus em ação, no silêncio de quem dá com a mão direita sem estender a mão esquerda para receber, como recomendou o guia e modelo da Humanidade.

Sugestão de leitura:

O Que é o Espiritismo, de Allan Kardec.

Curso Dinâmico de Espiritismo, de José Herculano Pires.

Em Torno do Mestre, de Pedro de Camargo

Estudando o Evangelho, de Martins Peralva

O Evangelho e o Cristianismo Primitivo, de Severino Celestino

GENE DO OTIMISMO

Procurando encontrar as causas da multifacetada personalidade do homem, a ciência, através dos estudos genéticos, tenta encontrar explicações na interação entre o ambiente e o genoma.

Com a descoberta do sequenciamento do genoma humano, os cientistas passaram a relacionar os mais variados comportamentos humanos aos genes. E temos estudos que associam determinado gene a certo traço de personalidade, ou a desenvolver um hábito ou vício, desde que o gene seja ligado pelo ambiente em que a pessoa vive.

Bem, nada de estranho nesse pensamento científico, desde que entendamos que a ciência não admite no homem mais do que o organismo físico, mas um tanto quanto aberrante ao considerar que pensamentos, comportamentos, hábitos, sejam oriundos de secreções neuronais, constituição de genes e influência do meio ambiente. Dando um exemplo, a compulsão pela bebida alcoólica seria explicada pela existência de um gene no organismo predisposto a isso, e que é acionado pelo ambiente de um churrasco entre amigos com a presença e consumo de cerveja. É um exemplo simples, mas que tira a responsabilidade do alcoolismo do homem. "O problema não é meu, é do gene que eu carrego".

E os cientistas descobriram que o otimismo provém do gene responsável pelo transporte da serotonina, neurotransmissor associado a sensações como o bem-estar e a felicidade. Seria uma variação nesse gene responsável pela tendência ao otimismo ou ao pessimismo.

Nosso olhar sobre o mundo, mais alegre ou não, depende da existência do gene do otimismo em nosso organismo. É a tese das origens biológicas da personalidade, explicando que os comportamentos dependem da interação entre fatores genéticos e ambientais.

Pobre miopia humana! Até quando vamos teimar em olhar o homem apenas como uma massa biológica? E tentando reduzir nossa complexidade psíquica a neurônios e genes?

O corpo não pensa, o cérebro não cria. Corpo e cérebro são instrumentos da alma imortal, o Espírito. É sabido pela ciência que, biologicamente, nosso corpo se renova constantemente. Células morrem a todo momento e são substituídas por células nascentes, o que equivale dizer que de tempos em tempos temos um outro corpo. Então temos que encontrar os mecanismos biológicos transmissores da personalidade, do comportamento, dos hábitos, dos vícios. Mas, como explicar, pela teoria materialista, que o pensamento, que não é material, possa ficar armazenado num neurônio, e ainda ser repassado por ele para outro neurônio?

O Espiritismo é claro: o homem não é o corpo biológico, é alma imortal. O corpo biológico é seu instrumento. A alma pensa, o corpo retransmite. A mente pertence à alma, o cérebro não cria, não sonha, não pensa.

Nós, espíritas, não descartamos a influência do ambiente em nossa personalidade, nem a influência que o corpo biológico exerce sobre nosso estado de humor, mas não concordamos em resumir a personalidade a esses componentes, lembrando que a alma imortal, ou espírito, quando reencarna, traz em si, nos complexos mecanismos do subconsciente e consciente, atributos ou potencialidades que está desenvolvendo ao longo do tempo, em diversas existências, traduzidos pelas ideias inatas que possui e pelas tendências de caráter que carrega. Entre essas

potencialidades temos a inteligência, o sentimento e a vontade. Dizer que elas estão dentro de um gene, que são apenas processos genéticos, e que “ligam” apenas pelo acionamento de um ambiente favorável, é reduzir o ser humano a bem pouco.

Consideremos, para reflexão, as palavras do Espírito São Luís, na questão 1019 de *O Livro dos Espíritos*:

"Todos vós, homens de fé e de boa vontade, trabalhai, portanto, com ânimo e zelo na grande obra da regeneração, que colhereis pelo cêntuplo o grão que houverdes semeado".

Palavras sem nexos na consideração científica, pois fé, vontade, ânimo, zelo, dependeriam da existência ou não desses genes em nosso organismo. Por outro lado, palavras belas, fecundas na consideração espírita, mostrando que a personalidade e os comportamentos dependem do desenvolvimento das potencialidades, e que esse desenvolvimento depende dos esforços que fazemos.

Quando a ciência esgotar seu repertório biológico para tentar explicar o homem, render-se-á à trilogia espírito – perispírito – corpo, à sua rede interativa que eleva o homem de ser animal para ser espiritual. É questão de tempo, pois os fatos e a complexidade humana, a cada dia, deixam os cientistas materialistas cada vez mais sem respostas adequadas.

Sugestão de leitura:

Fronteiras entre o Espiritismo e a Ciência, de Carlos Toledo Rizzini

A Ciência da Alma, de Nubor Facure

Ciência Espírita, de José Herculano Pires

O Espiritismo perante a Ciência, de Gabriel Delanne

Leis Morais e Saúde Mental, de Sérgio Luís da Silva Lopes

GRATIDÃO

Você sabia que viver agradecido por tudo traz felicidade? Isso mesmo, quanto mais grato você for ao que lhe fazem, mais feliz você fica. Essa conclusão é do Dr. Robert A. Emmons, professor da Universidade da Califórnia. Só que a gratidão não pode ser uma obrigação, pois assim ela perde o sentido. Tem de ser natural, dirigida às coisas que, de um modo ou outro, lhe fazem bem. Ainda o Dr. Emmons descobriu que "a gratidão é ainda mais importante durante épocas em que tudo parece estar perdido. Encontrar algo para estimar e valorizar pode nos salvar do desespero, o que é impossível com queixas e lamentos. O mais importante é comemorar a vida enquanto ela existe".

Em *O Evangelho segundo o Espiritismo*, em seu capítulo 28, item 28, Allan Kardec insere importante texto sobre o assunto, lembrando o quanto temos de ser gratos a Deus por tudo o que recebemos na vida. Eis o texto:

"É necessário não considerarmos como felizes apenas os acontecimentos importantes, pois os que parecem insignificantes são frequentemente os que mais influem no nosso destino. O homem esquece facilmente o bem, e se lembra mais do que o aflige. Se diariamente notássemos os benefícios que recebemos, sem pedir, ficaríamos muitas vezes admirados de haver recebido tanta coisa que nos esquecemos, e nos sentiríamos humilhados pela nossa ingratidão. Cada noite, elevando nossa alma a Deus, devemos recordar intimamente os favores que Ele nos concedeu durante o dia, e agradecê-los. É sobretudo no momento em que experimentamos os benefícios da sua bondade e da sua proteção que, espontaneamente, devemos testemunhar-lhe a nossa gratidão. Basta para isso um pensamento que lhe atribua o

benefício, sem necessidade de interromper o trabalho. Os favores de Deus não consistem apenas em benefícios materiais. Devemos igualmente agradecer-lhes as boas ideias, as inspirações felizes que nos são dadas. Enquanto o orgulhoso tudo atribui aos seus próprios méritos, e o incrédulo ao acaso, o homem de fé rende graças a Deus e aos Bons Espíritos pelo que recebeu. Para isso, são inúteis as longas frases. "Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me inspiraste!", diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo que nos faz atribuir a Deus tudo o que nos acontece de bom, é o testemunho natural de um hábito de reconhecimento e de humildade, que nos atrai a simpatia dos Bons Espíritos".

A gratidão a Deus e às pessoas não nos isenta de enfrentarmos as vicissitudes da vida, pois estamos num mundo de expiações e provas, mas com a gratidão e o reconhecimento aprendemos a aceitar melhor as coisas provocando um forte eco emocional para encobrir resmungos e lamentos, que apenas nos desequilibram e trazem consequências ruins para nossa saúde orgânica e psíquica.

Em seu livro *Psicologia da Gratidão* a benfeitora espiritual Joanna de Ângelis assim se expressa através da psicografia do médium Divaldo Pereira Franco:

"Gratidão é como luz na sua velocidade percorrendo os espaços e clareando todo o percurso, sem se dar conta, sem o propósito de diluir-se no facho incandescente que assinala a sua conquista. Uma das razões fundamentais para que a gratidão se expresse é o estímulo propiciado pela humildade que faz se compreenda o quanto se recebe, desde o ar que se respira gratuitamente aos nobres fenômenos automáticos do organismo, preservadores da existência. Nessa percepção da humildade, ressuma o sentimento de alegria por tudo quanto é feito por outros, mesmo que sem ter ciência, em favor, em benefício dos demais. Essa identificação proporciona o amadurecimento psicológico, facultando compreender-se que ninguém é autossuficiente a tal ponto que

não depende de nada ou de ninguém, numa soberba que lhe expressa a fragilidade emocional. Sem esse sentimento de identificação das manifestações gloriosas do existir, a gratulação não vai além da presunção de devolver, de nada ficar-se devendo a outrem, de passar incólume pelos caminhos existenciais, sem carregar débitos... Quando se é grato, alcança-se a individuação que liberta. Para se atingir, no entanto, esse nível, o caminho é longo, atraente, fascinante e desafiador”.

Os benefícios da gratidão são inúmeros, gerando paz íntima e nos predispondo a colaborar com Deus em sua obra. Com a gratidão ampliamos nossa resignação, pois compreendemos que os desígnios divinos são justos, sempre nos impulsionando para frente e para o alto, e com a gratidão superamos desavenças, dissabores, mágoas, resmungos, vivendo bem melhor e semeando essa vida mais feliz nos corações daqueles que partilham sua vida com a nossa vida.

Façamos diariamente o exercício de sermos gratos às pessoas que amamos e àquelas que nos amam. Lembremos de agradecer aos espíritos amigos que velam por nós. Sintonizemos em prece com nosso Mestre Jesus, que nos ama incondicionalmente, e louvemos a Deus pela vida que nos dá. São exercícios de gratidão tornando nossa vida mais fácil, mais alegre e menos penosa.

Sugestão de leitura:

Psicologia da Gratidão de Joanna de Ângelis/Divaldo Franco
Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec
Momentos de Renovação, de Espíritos Diversos/Divaldo Franco
Pronto Socorro, de Emmanuel/Chico Xavier
O Homem de Bem, de Marcus De Mario

HOMEM E CÉREBRO

Desde a antiguidade o homem procura a si mesmo no anseio de descobrir quem ele é, e para essa busca primeiramente utilizou a filosofia, instrumento de indagação e questionamento da vida desvendando a verdade, a qual, ele descobriu, nunca é revelada por inteiro. Através da filosofia o homem chegou a dois conceitos diversos sobre si mesmo: o materialista e o espiritualista.

O conceito filosófico materialista afirma ser o homem causa de si mesmo, intimamente ligado aos elementos materiais primitivos da natureza. O homem é o próprio corpo. Já o conceito filosófico espiritualista remete o homem ao transcendente. Ele é alma. A luta entre os dois conceitos filosóficos sempre foi travada ao longo da história humana, com preponderância, na civilização ocidental, da ideia materialista, embora o Cristianismo, religião dominante, tenha suas bases no mais puro espiritualismo: a existência de Deus como ser supremo e criador e o homem como alma imortal.

A contradição entre a religiosidade, ou seja, o sentimento de fé, e a filosofia de vida que a maioria toma para si, tem uma de suas raízes na luta incessante pela necessidade de sobrevivência e satisfação do organismo biológico, o que leva o homem a pensar no dia de hoje sem maior preocupação com o dia de amanhã, tornando-se imediatista. Outra raiz está no misticismo e nas contradições dogmáticas das doutrinas religiosas, que levam o homem a ficar ainda mais confuso quanto à realidade ou não da alma.

Assim, desiludido com a filosofia, embora não a desconsiderando, o homem elegeu a ciência para chegar à verdade.

A verdade da ciência

Através do estudo dos elementos da natureza, a ciência procura desvendar o mistério da vida. No início, ainda na Antiga Grécia, procurou intuitivamente os elementos primitivos: terra, água, fogo, ar, para depois, com o advento da alquimia e o aparecimento de pesquisadores com verdadeiro espírito científico, tornar-se produtora de explicações lógicas, racionais, estudando os fenômenos e deles chegando às causas.

Por muito tempo a pesquisa científica foi travada pelo dogmatismo religioso, mas a partir do século 17, principalmente, conquistou definitivamente seu espaço, chegando mesmo os iluministas ingleses e franceses, no século 18, a declarar a ciência e a razão como guias infalíveis da humanidade. Mas, a ciência não tem a última palavra. As descobertas se sucedem, e o que era considerado definitivo passa a secundário, e muitos enigmas persistem, desafiando a ciência, entre eles: quem é o homem?, o que é o homem?, quando começou o universo?, o que existe depois da morte?, há vida em outros planetas?.

As primeiras pesquisas sobre o homem concentraram-se no seu corpo. Acompanhando seu funcionamento e realizando as primeiras autópsias, o homem desenvolveu a biologia humana e a medicina, e proclamou: a alma não existe, pois o corpo aberto sobre a mesa cirúrgica mostrava apenas a existência de órgãos materiais, nada de alma. Entretanto, se a alma não é material, como ela poderia aparecer aos olhos materiais dos pesquisadores? E como poderia se concentrar dentro do corpo biológico se não é um órgão do mesmo, e sim o ser eterno, causa da vida desse corpo?

Logo a ciência se viu embaraçada pela existência dos fenômenos psíquicos e percebeu a necessidade de descobrir o cérebro, pois ali parece estar a própria vida.

O cérebro do homem

Nosso cérebro representa apenas 2% do peso total do corpo, mas possui, segundo pesquisas, aproximadamente 75 bilhões de neurônios, sendo que em algumas de suas partes, para realizar suas funções, aglomera até 5 milhões de neurônios de uma só vez.. Como os neurônios estão em atividade permanente, o consumo de energia é grande, motivo pelo qual o cérebro consome 20% do oxigênio diário necessário para o corpo.

O cérebro é, na verdade, uma parte do sistema nervoso central, parte mais complexa, e desempenha, entre outras funções, a do raciocínio e a da linguagem, pesando 1182 gramas, em média, no homem e 1093 na mulher. A diferença de peso não parece afetar nenhuma função. Uma característica dos neurônios não pode ser desprezada: eles se renovam apenas parcialmente, e de forma mais lenta que outras células do nosso organismo. Com o avanço da idade menos neurônios no cérebro, e já sabemos que cérebro lesionado, o que importa dizer neurônios danificados ou suprimidos, não consegue realizar, parcialmente ou totalmente, funções vitais para a sobrevivência do ser humano. Mas, existe algo que intriga os pesquisadores: apesar da velhice e das lesões, nem sempre a memória se perde e recuperações fantásticas são realizadas por pessoas que exercitam sua força de vontade.

É que o cérebro é a máquina, a alma é o operador. Em outras palavras: a alma é o centro de tudo - emoções, pensamentos, etc. -, o cérebro é seu instrumento, facilitando a coordenação do corpo e servindo de canal para as múltiplas manifestações da alma.

A ciência ainda não admite essa conclusão, insistindo que tudo está nas funções cerebrais: a linguagem, o pensamento, a coordenação motora, a emoção, e muito mais. Isso porque insiste em tomar o efeito pela causa. Porque os fenômenos da vida humana se manifestam através de diversas funções cerebrais, isso não quer dizer que o instrumento seja o principal.

A alma

Em *Obras Póstumas*, Allan Kardec estuda o tema na primeira parte, sob o título "Profissão de Fé Espírita Racional". Destaquemos o item 4:

"Há no homem um princípio inteligente que se chama alma ou espírito, independente da matéria e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar. Se o pensamento fosse propriedade da matéria, ver-se-ia a matéria bruta pensar; ora, como jamais se viu matéria inerte dotada de faculdades intelectuais, e como, quando o corpo está morto, deixa de pensar, deve-se concluir que a alma é independente da matéria, e que os órgãos são apenas os instrumentos, com o auxílio dos quais o homem manifesta seu pensamento".

Partindo do efeito, o corpo material, biológico, Kardec chega à causa, pois se o corpo morto não pensa, para onde foi o pensamento? E se o pensamento fosse um atributo do corpo, que é matéria, porque outros seres orgânicos não pensam? Ampliando esse entendimento, lemos no item 5:

"Se, de acordo com os materialistas, o pensamento fosse secretado pelo cérebro, do mesmo modo que a bile é secretada pelo fígado, disso resultaria que, com a morte do corpo, a inteligência do homem e todas as suas qualidades morais reverteriam ao nada; que os parentes, os amigos e todos aqueles a quem tivéssemos amado estariam perdidos para sempre; que o homem de gênio não teria mérito, visto suas faculdades transcendentais serem devidas a um mero acaso de seu organismo; que não haveria entre o imbecil e o sábio diferença alguma, a não ser uma questão de maior ou menor massa cerebral".

Será que vivemos apenas para, depois de muitas experiências,

morrer e tudo acabar? Sentimento e inteligência perderem-se no nada? E tudo o que somos resumir-se a um aglomerado biológico? A própria ciência não pode admitir essas ideias, pois o avanço dos transplantes e da engenharia genética as desmentem. Mais e mais órgãos são substituídos, corrigidos e nem por isso o homem deixa de manter sua individualidade e personalidade.

Concluindo

O homem não pode ser o cérebro. Inúmeras experiências de quase morte, de sonambulismo, de hipnose conduzida, de regressão a vidas passadas e a extensa bibliografia dos fenômenos mediúnicos desmentem categoricamente essa ideia de que os neurônios cerebrais respondem pelo ser humano.

Na verdade, em face da complexidade da engenharia cerebral, inigualável e sem parâmetro nas invenções humanas, deveria a ciência reconhecer a existência de algo superior e transcendente na vida, pois todo o conhecimento científico acumulado é insuficiente para responder satisfatoriamente o que é e quem é o homem.

Quando exercitamos, através dos processos educacionais, o desenvolvimento cognitivo e emocional do ser humano, não estamos apenas desenvolvendo essa ou aquela parte do cérebro responsável pela manifestação da inteligência e dos sentimentos, estamos, acima de tudo, estimulando a alma, ou espírito, a se manifestar e dominar a máquina que lhe serve de instrumento para a presente existência. Somos espírito e corpo, somos seres integrais. O perispírito (corpo espiritual) é instrumento do espírito, assim como o corpo é instrumento da alma (o espírito encarnado). O homem não é o cérebro, e o pensamento, assim como a consciência, não moram nos neurônios, mas vivem no íntimo da alma imortal, que leva para todo o sempre, como conquista inalienável, o amor e a sabedoria.

Sugestão de leitura:

Bases Científicas do Espiritismo, de Epes Sargent.

A Alma é Imortal, de Gabriel Delanne.

Ciência e Espiritismo, de Antonio J. Freire.

Enfoques Científicos na Doutrina Espírita, de Jorge Andréa.

Os Poderes da Mente, de Suely Caldas Schubert.

IMPERFEIÇÃO E PERFEIÇÃO

Os Espíritos Superiores classificam o planeta Terra como um mundo de expiações e provas, atualmente em transição para mundo de regeneração, conforme podemos estudar no capítulo 3 da obra *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec. Em qualquer dos dois estágios os habitantes do planeta são classificados como espíritos imperfeitos, ou seja, ao mesmo tempo em que fazem o bem, igualmente, em muitas circunstâncias, fazem o mal. Pois bem, quais são as características, os sinais que demonstram a imperfeição espiritual? A resposta está no capítulo 12 da 3ª parte de *O Livro dos Espíritos*, com tema "Perfeição Moral", a obra de referência do Espiritismo lançada por Kardec em 1857. Vejamos, em síntese, os sinais apontados pelos Espíritos Superiores quando respondem ao questionamento do Codificador.

Sinais da imperfeição

Interesse Pessoal – Sempre que nos movemos na existência visando ao ganho pessoal, mesmo que isso signifique prejuízo ao próximo, damos sinal de nossa imperfeição moral e, portanto, espiritual. Isso fica claro quando tentamos barganhar com Deus fazendo promessas que na verdade não vamos cumprir: "Se eu ficar curado da doença, prometo auxiliar voluntariamente numa instituição de amparo à criança"; "Se eu ficar livre do obsessor, prometo parar de fumar e beber". Tudo isso revela interesse pessoal, normalmente marcado pelo ganho de uma vantagem material.

Apego às Coisas Materiais – Trabalhar a vida toda colocando em primeiro plano os ganhos financeiros e a aquisição de bens materiais, chegando mesmo a prejudicar o relacionamento familiar

e nunca tendo tempo para as aquisições espirituais, é sinal característico de imperfeição. Possuir armários e gavetas lotados de coisas que nunca usamos, tendo extrema dificuldade de doar ou jogar fora, quando imprestável, é sinal evidente de apego às coisas materiais. Viver nos shoppings e às voltas com faturas de cartão de crédito, sem efetiva necessidade, é sinal de alerta.

Gastar sem Proveito – A chamada malversação do dinheiro público também ocorre com o dinheiro de nosso salário, de nossa poupança, de nossos investimentos financeiros, ou seja, gastar sem utilidade, sem controle, todo mês “estourando” o orçamento pessoal ou doméstico, quando os recursos financeiros poderiam prodigalizar o bem, auxiliar os mais infelizes. Quantos empresários – não apenas os grandes, mas também os pequenos e médios – que poderiam pagar melhores salários, amparar organizações não governamentais de assistência e educação, mas preferem gastar consigo mesmos em festas, compra de propriedades, carros de marca e assim por diante?

Guardar sem Utilidade – Há uma grande diferença em poupar parte do que se ganha para prevenir situações futuras, e guardar tudo por sovínice, por não querer ajudar a ninguém e nem a si mesmo, chegando ao ponto de viver miseravelmente quando se poderia viver bem, apenas evitando os excessos. Quantos familiares e amigos nossos vivem a se queixar da vida, sempre alegando falta de recursos financeiros, quando na verdade estão com a conta bancária recheada de altos valores? Essa conduta revela a imperfeição moral em que nos encontramos.

Crítica sem Proveito – A crítica pela crítica, feita com leviandade, levantando falso testemunho, caluniando o outro, é sinal do quanto estamos atrasados moralmente, não tendo ainda compreendido o “amai-vos uns aos outros” ensinado por Jesus Cristo. O deleitar-se com os escândalos, as fofocas, gastando horas intermináveis em conversações fúteis sobre esses assuntos, caracterizam o espírito imperfeito que todos somos, em maior ou

menor grau.

Abuso da Paixão – Sabemos que a paixão, em si mesma, não é boa nem má, é um princípio natural que deve ser trabalhado para alcançar o amor, o maior dos sentimentos. O problema está na ligação que fazemos da paixão com o instinto, e então passamos para o crime passional, para a sensualidade desmedida, o sexo sem controle, o ciúme exagerado, quando ferimos, magoamos e até matamos o outro. A paixão sem freios escraviza, atropela, desequilibra e, diz a boa lógica, não poderia fazer parte do comportamento de um espírito perfeito.

Egoísmo – Gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, a infelicidade. Dele derivam todos os vícios que desonram o caráter. Os vícios do alcoolismo, das drogas, do fumo, da sexualidade indisciplinada e outros, tem por base o egoísmo, gerador do personalismo exagerado, desmedido, centralizador. O egoísmo é responsável pelo pensamento materialista que ainda predomina na sociedade humana.

Remédio contra a imperfeição

Os Espíritos Superiores dão uma única receita, com indicação de um único remédio, para combater na raiz a imperfeição espiritual que caracteriza o homem: educação moral. Isso está na questão 917 de *O Livro dos Espíritos*. Vejamos:

"É o contato que o homem experimenta do egoísmo dos outros que o torna geralmente egoísta, porque sente a necessidade de se pôr na defensiva. Vendo que os outros pensam em si mesmos e não nele, é levado a ocupar-se de si mesmo mais que dos outros. Que o princípio da caridade e da fraternidade seja a base das instituições sociais, das relações legais de povo para povo e de homem para homem, e este pensará menos em si mesmo quando vir que os outros o fazem; sofrerá, assim, a influência moralizadora do exemplo e do contato. Em face do atual

desdobramento do egoísmo é necessária uma verdadeira virtude para abdicar da própria personalidade em proveito dos outros, que em geral não o reconhecem. É a esses, sobretudo, que possuem essa virtude, que está aberto o reino dos céus; a eles sobretudo está reservada a felicidade dos eleitos, pois em verdade vos digo que no dia do juízo quem quer que não tenha pensado senão em si mesmo será posto de lado e sofrerá no abandono."

E Allan Kardec, em seu comentário a essa questão conclui:

"A cura poderá ser prolongada porque as causas são numerosas, mas não se chegará a esse ponto se não se atacar o mal pela raiz, ou seja, com a educação. Não essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas a que tende a fazer homens de bem. A educação, se for bem compreendida, será a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres como se conhece a de manejar as inteligências, poder-se-á endireitá-los, da mesma maneira como se endireitam as plantas novas. Essa arte, porém, requer muito tato, muita experiência e uma profunda observação. É um grave erro acreditar que basta ter a ciência para aplicá-la de maneira proveitosa. Quem quer que observe, desde o instante do seu nascimento, o filho do rico como o do pobre, notando todas as influências perniciosas que agem sobre ele em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que o dirigem, e como em geral os meios empregados para moralizar fracassam, não pode admirar-se de encontrar no mundo tanta confusão. Que se faça pela moral tanto quanto se faz pela inteligência e ver-se-á que se há naturezas refratárias, há também, em maior número do que se pensa, as que requerem apenas boa cultura para darem bons frutos."

Podemos finalizar agradecendo o Espiritismo por nos abrir os olhos e revelar o que precisamos fazer para sairmos do estado de imperfeição o mais rápido possível, e assim alcançarmos a felicidade.

Sugestão de leitura:

A Perfeição Nossa de Cada Dia, de Mércia Miranda Vasconcelos

O Destino em Suas Mãos, de Richard Simonetti

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

Estude e Viva, de André Luiz/Emmanuel/Chico Xavier

Evolução pelo Amor, de Rossano Sobrinho

INFLUÊNCIA DA TEVÊ

Várias pesquisas já foram realizadas sobre os desenhos animados transmitidos pela televisão brasileira com o objetivo de medir a quantidade de violência passada para as crianças. De acordo com os resultados, uma criança brasileira que assista a duas horas diárias de desenho animado estará exposta a 40 cenas de violência explícita, já em um mês, seriam 1.200 cenas e, num ano, seriam 14.400 cenas de pura violência sendo produzidas dentro da própria sala de estar das nossas casas.

A criança é um espírito reencarnado dependente do corpo físico em desenvolvimento e, por conseguinte, dependente dos estímulos que recebe para melhor realizar sua caminhada terrena. Antes de completar o processo da reencarnação, que inicia na concepção e termina no nascimento, o espírito passa por um estágio, na espiritualidade, de adaptação perispiritual que limita suas percepções e o predispõe à ambiência infantil que irá enfrentar na primeira fase da reencarnação. Não possui, portanto, toda a capacidade de pensar livremente e é bastante influenciável e maleável às impressões que recebe. Podemos, agora, imaginar o verdadeiro estrago emocional que os desenhos animados atuais ocasionam às crianças, com cenas violentas se sucedendo, muitas vezes justificadas como ação do bem contra o mal. É uma justificativa sem base lógica, pois o bem não pode cometer os mesmos atos de violência do mal.

Segundo dados dessas pesquisas, a criança fica, em média, duas horas e meia por dia diante da TV. E a maioria delas fica ali sozinha, sem a participação de pai e mãe, ou seja, sem orientação, absorvendo conteúdos que nem sempre são úteis para sua boa formação moral. Muitos programas televisivos utilizam

valores individuais e coletivos distorcidos, passando uma mensagem que sanciona o comum, como a sexualidade sem freios, como se fosse algo normal da vida. Os pais devem estar atentos à programação televisiva, escolhendo o melhor para seus filhos.

Outro resultado das pesquisas constata significativo aumento do tempo gasto com o hábito de assistir à TV. No Brasil, adolescentes passam cerca de cinco horas por dia diante da TV. Sabe-se que uma exposição de apenas 30 segundos a comerciais de alimentos é capaz de influenciar a escolha de crianças por determinados produtos.

A TV é tão poderosa que faz com que da infância para a adolescência o tempo em frente ao aparelho televisivo dobre, passando de duas horas e meia para cinco horas, causando, na maioria dos casos, prejuízos profundos ao adolescente, pois novelas, filmes, programas de auditório, *talk shows* e outras produções revestem-se de ideologia materialista, consumista e preconceituosa.

Em um estudo, dois grupos de crianças assistiram a diferentes desenhos animados: um deles assistiu a um desenho bastante tranquilo, de animais na floresta; o outro, a um desenho em que os personagens lutavam o tempo todo. Depois, as crianças foram para o recreio e suas brincadeiras foram filmadas. A pesquisa constatou que as crianças que assistiram ao desenho violento apresentaram muito mais comportamentos agressivos do que as que assistiram ao desenho dos animais na floresta, especialmente os meninos.

É por esse motivo que os espíritos nos alertam, em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, na questão 914, que necessitamos reformar as instituições humanas, e aqui destacamos a televisão, porque elas “entretêm e excitam o materialismo”. Essa reforma, está com todas as letras, depende da educação. E a primeira

escola é o lar, onde os pais devem providenciar para seus filhos orientação moral na formação de um cidadão ético que dê valor à vida; controle sobre suas ações, disciplinando-os e equilibrando a influência que a mídia televisiva exerce; e diálogo constante na construção de um ser pleno.

Ainda outra pesquisa revela que nos Estados Unidos, 750 americanos entre 10 e 16 anos, foram entrevistados sobre a influência da TV: um terço disse que quer experimentar as coisas que vê na televisão; 82% disseram que os programas de TV deveriam ajudar a ensinar o que é certo e o que é errado; quase a metade disse que os programas transmitidos à noite levam a acreditar que a maioria das pessoas é desonesta; mais da metade disse que os programas de TV retratam os pais "bem mais bobos do que são na vida real"; 62% disseram que o sexo na televisão e nos cinemas os influenciam a fazer sexo quando ainda são muito novos.

O resultado não deixa dúvida: a televisão subverte valores, influencia comportamentos, isso porque ela retrata os valores dos seus protagonistas: donos, diretores, patrocinadores, escritores, artistas, que montam um mundo fantástico e fantasioso, cheio de "glamour", inculcando no público uma falsa realidade da vida. Ou então, apelam para o sensacionalismo, para o grotesco, para os prêmios, sempre à procura dos melhores índices de audiência e de mais patrocinadores. Claro que em tudo temos exceção, e a televisão também consegue ser boa cultura, e até trabalhar como veículo de educação, mas isso ainda é raro e restrito.

Finalmente, pesquisas comprovam que durante a adolescência, ficar muito tempo ligado na TV contribui para um comportamento agressivo, principalmente porque 60% da programação mostram cenas violentas. Este é o resultado de pesquisa realizada pela Universidade de Columbia com 700 famílias em Nova Iorque, nos Estados Unidos, de 1975 a 2000. Os adolescentes de 12 anos passam pelo menos 50% mais tempo ligados à TV do que em

qualquer outra atividade não-escolar, incluindo os deveres de casa, o convívio com a família ou a leitura, como mostra a pesquisa *Percepção dos Jovens sobre a violência nos meios de comunicação de massa*, realizada em 1998, pela Unesco, com cerca de cinco mil adolescentes de 12 anos de diferentes países. *O Exterminador*, de Arnold Schwarzenegger, foi o herói citado por 88% dos entrevistados.

O que mais dizer? Todas as pesquisas alertam para uma influência negativa, por parte da televisão, no comportamento de crianças e adolescentes. Não que a televisão, como mídia de comunicação, seja uma invenção ruim. Ela faz parte do progresso humano no campo da tecnologia e é muito útil. Contudo, seu conteúdo está necessitado de uma urgente revisão. E nós, espíritas, não podemos assistir a continuidade desse quadro. Devemos esclarecer os pais, os avós, os professores do quanto temos de trabalhar a nossa moralização, para podermos modificar os valores de vida dos jovens, único caminho para renovarmos a sociedade e fazermos melhor uso dos meios de comunicação.

Lembremos o apóstolo Paulo quando disse que “tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”. E para saber escolher, os jovens necessitam estar mais conscientes sobre si mesmos enquanto almas imortais e sobre o porquê da vida. Isso compete à educação, algo mais, bem mais, que a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades.

Sugestão de leitura:

Educação do Espírito, de Walter Oliveira Alves.

Visão Espírita da Educação, de Marcus De Mario.

Educadores do Coração, de Walter Barcelos.

A Educação Segundo o Espiritismo, de Dora Incontri.

Pedagogia Espírita, de José Herculano Pires.

INFLUENCIAÇÕES ESPIRITUAIS SUTIS

Com a divulgação cada vez maior do Espiritismo, muitas pessoas passaram a ter mais uma preocupação em sua vidas, ou seja, a possibilidade de sofrerem uma obsessão, o assédio negativo persistente de um, ou mais, espírito inferior. É uma preocupação válida, sem dúvida, pois a realidade do intercâmbio entre os dois planos de vida, material e espiritual, é verdadeiro, tanto para o bem quanto para o mal, e, segundo vários benfeitores espirituais, a obsessão pode ser classificada como uma epidemia. Agora, é preciso entender que também existem as chamadas obsessões sutis, também chamadas de perturbação espiritual ou influência espiritual, muitas vezes imperceptíveis, sem dar sinal evidente, mas que causam grandes transtornos.

Para entendermos isso, primeiro vamos compreender o que é obsessão e os seus variados graus, conforme estudamos em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec.

Obsessão

É a ação persistente que um espírito mau exerce sobre um indivíduo, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores perceptíveis, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

Causas da obsessão

Quase sempre, a obsessão exprime vingança que um espírito realiza sobre um encarnado por motivo de, em vida passada, ter tido com ele relações de desafeto.

Característica da obsessão

1. Persistência de um espírito em se comunicar através de um médium, bom ou mau grado, pela escrita, audição etc., opondo-se que outros espíritos o façam.
2. Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe.
3. Crença que o médium tem na infalibilidade e na identidade absoluta dos espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitados e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas.
4. Confiança do médium nos elogios que lhe dispensam os espíritos que por ele se comunicam.
5. Disposição de se afastar das pessoas que podem emitir opiniões sensatas.
6. Tomar a mal a crítica das comunicações que recebe.
7. Necessidade incessante e inoportuna de escrever.
8. Constrangimento físico qualquer, dominando a vontade da pessoa e forçando-a a agir ou falar a seu mau grado.
9. Rumores e desordens persistentes ao redor da pessoa, sendo ela de tudo a causa ou o objeto.

Graus da obsessão

Obsessão simples – A intromissão do espírito inferior é desagradável, importuna, mas é percebida pela pessoa que sofre esse assédio. Esse espírito opõe obstáculos ao viver e às comunicações mediúnicas.

Fascinação – É uma ilusão produzida pela ação direta do espírito sobre o pensamento da pessoa, e que lhe paralisa o raciocínio. Dificilmente a pessoa acredita que o espírito a esteja enganando, pois este conhece a arte de inspirar confiança cega ao médium.

Subjugação – Paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir ao seu mau grado. Ela pode ser moral ou corporal. No primeiro caso o subjugado é levado a tomar resoluções muitas vezes absurdas. No segundo caso é levado a movimentos involuntários.

Obsessão sutil

Chegamos ao nosso objeto de estudo. A obsessão sutil, ou influência espiritual sutil, normalmente já está instalada quando percebemos que nosso estado de espírito está negativo; quando começamos a ter tendência ao derrotismo, perdurando esse estado durante horas ou dias. É o que nos revela o espírito André Luiz, através da psicografia de Chico Xavier no livro *Estude e Viva*, quando nos solicita prestemos atenção aos seguintes sintomas:

1. Dificuldade de concentrar ideias em motivos otimistas.
2. Ausência de ambiente íntimo para elevar sentimentos em oração ou concentrar-se em leitura edificante.
3. Indisposição inexplicável, tristeza sem razão aparente e pressentimentos de desastres imediatos.
4. Aborrecimentos imanifestos por não encontrar semelhantes ou assuntos sobre quem ou o que descarregá-los.
5. Pessimismos sub-reptícios, irritações surdas, queixas, exageros de sensibilidade e aptidão a condenar quem não tem culpa.

6. Interpretação forçada de fatos e atitudes suas ou dos outros, que você sabe não corresponder à realidade.

7. Hiperemotividade ou depressão raiando na iminência de pranto.

8. Ânsia de investir-se no papel de vítima ou de tomar uma posição absurda de automartírio.

9. Teimosia em não aceitar, para você mesmo, que haja influência espiritual para consigo, mas passados minutos ou horas do acontecimento, vêm-lhe a mudança de impulsos, o arrependimento, a recomposição do tom mental e, não raro, a constatação de que é tarde para desfazer o erro consumado.

André Luiz recomenda que, sempre, constantemente, utilizemos a humildade, a prece e o passe como anteparos dessa influência sutil, igualmente recorrendo ao autoconhecimento, quando diariamente passamos em revista, com toda honestidade, o que somos e o que fizemos, pois somente assim poderemos auxiliar os benfeitores espirituais que querem nos socorrer.

Lembrando que existe obsessão de desencarnado para encarnado, de encarnado para desencarnado e de encarnado para encarnado, trazemos a recomendação do espírito Emmanuel, através de Chico Xavier, que se encontra no livro *Seara dos Médiuns*:

“Endereça ao obsessor a boa palavra ou o bom pensamento, sempre que preciso, mas não lhes negues paciência e trabalho, amor e sacrifício, porque só a força do exemplo nobre levanta e reedifica, ante o sol do futuro”.

Combate à obsessão

Recomenda Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns*, os seguintes meios:

1. Provar ao espírito que não está iludido por ele e que lhe é impossível enganar.
2. Cansar a paciência do espírito, mostrando-se mais paciente do que ele.
3. Dirigir um apelo fervoroso ao anjo da guarda, assim como aos bons espíritos, pedindo-lhes assistência.
4. Interromper, no caso do médium, toda comunicação escrita, desde que se reconheça que procede de um espírito mau, que a nenhuma razão quer atender.
5. Aceitar, em casos mais graves, os bons conselhos de pessoas esclarecidas, submetendo-se ao tratamento espiritual indispensável.

Sugestão de leitura:

Obsessão/Desobsessão, de Suely Caldas Schubert.

Quem tem Medo da Obsessão?, de Richard Simonetti.

A Obsessão, o Passe e a Doutrinação, de José Herculano Pires.

Mediunidade e Obsessão em Crianças, de Suely Caldas Schubert.

Loucura e Obsessão, de Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco.

INTELIGÊNCIA E GENÉTICA

Na tentativa de entender a inteligência, cientistas têm se dedicado a inúmeras pesquisas, notadamente no estudo do cérebro, pois partem do pressuposto que a inteligência é uma função neuronal, portanto, em ação na massa encefálica. Um fato, notadamente, intriga os cientistas: por que algumas pessoas são mais inteligentes que outras? É intrigante porque a ciência considera que a inteligência nasce com o indivíduo, ou seja, ela é determinada, sendo que com o tempo, a experiência e o conhecimento existe um aprimoramento do uso da inteligência, ou seja, ela ganha maior capacidade de resolver problemas. Então a formulação da pergunta em moldes científicos: se nascemos com nossa inteligência determinada, será que ela é, necessariamente, herdada, ou seja, será que ela é genética?

Cientistas americanos e ingleses (foram mais de 200 pesquisadores) concluíram em estudo levado a efeito com mais de 21 mil pessoas, que existe um gene que, se sofrer uma modificação no seu DNA, com a troca de uma molécula, o cérebro da pessoa será maior, havendo um ganho no QI (coeficiente de inteligência). Entretanto, o tamanho do cérebro é maior em apenas 3 cm cúbicos, e a inteligência avança somente em 1,3%. Bem pouca coisa para uma conclusão que a inteligência está ligada à genética.

Como as pesquisas relacionadas ao cérebro não conseguem sanar as dúvidas dos cientistas, convidamos o leitor para analisar o tema a partir da consideração de ser a inteligência extra-física, e o cérebro um instrumento do espírito, ou seja, partimos do conceito de sermos uma alma imortal, onde se localiza a inteligência, sendo o cérebro instrumento de manifestação dessa alma. É o que

propõe o Espiritismo.

A visão espírita não descarta o determinismo intelectual, visto que a alma, ou espírito, traz para a encarnação tudo o que desenvolveu até então, ou seja, toda a inteligência adquirida, mas rejeita a hereditariedade genética, pois a inteligência não pertence ao corpo e não pode ser passada de indivíduo para indivíduo, ou em outras palavras, de pai para filho. Também o Espiritismo explica que tudo o que o espírito conquista é patrimônio inalienável, mas a cada encarnação ele privilegia o desenvolvimento desta ou daquela área, por exemplo, se foi muito dedicado às ciências exatas, pode agora vir para desenvolver aptidões nas ciências humanas.

A diferença intelectual entre as pessoas é facilmente explicada quando inserimos a lei de evolução que se processa através da reencarnação. Somos individualidades imortais destinadas à perfeição, mas o caminhar nessa direção e alcançar em maior ou menor tempo essa destinação, é de cada um, ou seja, cada espírito está num determinado grau de evolução, tanto intelectual quanto moral, daí as diferenças intelectuais e de aptidões. Isso também é acentuado pelo organismo biológico de que se serve o espírito, pois o corpo pode ser um entrave para sua manifestação intelectual plena. Nesse caso, o espírito pode ser muito inteligente, mas deficiências orgânicas podem limitá-lo na exteriorização dessa inteligência.

Lembremos que as deficiências orgânicas não acontecem por acaso, pois tudo tem sua razão de ser. Muitas vezes o espírito solicita passar por esta ou aquela prova, necessária ao seu progresso, planejando no processo reencarnatório enfrentar esta ou aquela condição menos favorável quanto ao organismo biológico. E ainda temos as expiações, sempre redentoras, quando o espírito, por ter infringido várias vezes a lei divina, acarreta para si consequências desequilibrantes para sua mente e seu perispírito (corpo espiritual), o que, invariavelmente, trará disfunções para

seu corpo.

Seja como for, com o Espiritismo entendemos que a inteligência é patrimônio do espírito, sendo o corpo apenas seu instrumento de manifestação. Isso fica patente no fenômeno mediúnico, quando o espírito de um encarnado, parcialmente separado do corpo através da emancipação da alma, ou desdobramento, se apresenta através de um médium.

Se em vida apresenta problemas para manifestar sua inteligência, emancipado do corpo o espírito nenhum entrave encontra para pensar, dialogar e resolver questões que, em estado de vigília não consegue. É que a inteligência pertence a ele, está na sua essência, independe da matéria corporal e mantém-se intacta. É o seu instrumento de manifestação que está com defeito, por isso que estudar o cérebro é estudar os efeitos e não a causa.

Se a inteligência fosse herdada geneticamente, de nada valeriam os esforços da educação para desenvolvê-la, no máximo a educação serviria para adestrá-la, pois seríamos totalmente dependentes de genes e suas modificações. Entretanto, é bom lembrar que somos seres pensantes dotados de razão e livre-arbítrio, e seria reduzir a bem pouco o ser humano considerá-lo um dependente químico de secreções neuronais intelectivas, como insistem os cientistas. Aliás, uma boa pergunta a ser respondida pela ciência é esta: como neurônios, que são células orgânicas, conseguem pensar? Convidamos a comunidade científica a responder essa pergunta, não com hipóteses e teorias fantasiosas, e sem sair do terreno biológico.

Se conseguirem, dando resposta satisfatória a todas as questões que envolvem a inteligência e sua manifestação, poderemos rever nossa posição espiritualista e "matar" a alma, mas estamos muito tranquilos, pois todos os fatos corroboram a tese espírita e, como dizem, contra os fatos não existem argumentos contrários possíveis.

Sugestão de leitura:

Genética e Espiritismo, de Eurípedes Kühl

Genealogia do Espírito, de Humberto Schubert Coelho

O Cérebro e a Mente, de Nubor Facure

Evolução em Dois Mundos, de André Luiz/Chico Xavier

Alquimia da Mente, de Hermínio Miranda

INTERNET E OS FILHOS

Um olhar sobre a sociedade humana revela que a evolução tecnológica é quadro irreversível. As conquistas propiciadas pela nanotecnologia, pela física quântica, pela informatização e pela *internet* fazem parte da evolução humana, portanto devemos considerar o mundo *on line* ou digital como uma realidade da qual não podemos fugir. A ciência existe, com a permissão de Deus, para alavancar o progresso humano, trazendo o domínio sobre a natureza terrena e o universo circundante, assim como facilitando nosso viver com novas tecnologias. E a realidade atual desbanca o verdadeiro terrorismo feito ali pela década de 1960, quando escritores, filósofos e mesmo alguns cientistas consideravam que a cibernética iria construir um mundo governado por computadores e robôs, sendo o homem um mero escravo das máquinas. Isso não aconteceu e nem acontecerá. Não existe a menor possibilidade de um computador se humanizar, pensar por si mesmo e agir de forma independente. Ele será sempre máquina sob o comando do homem.

E também não aconteceu o desemprego em massa por conta do advento da tecnologia de informação digital e *on line*. Os seres humanos abriram novos postos de trabalho, novas especializações, e assim a sociedade humana continuou sem maiores problemas, sem regressão, o que, aliás, não é possível pois a lei divina é a da evolução.

Resta-nos estudar o fenômeno *Internet* e a dependência que muitas pessoas, jovens ou não, possuem do mundo tecnológico, não conseguindo viver sem estarem conectados, sem navegar e usar as redes sociais, causando para si o transtorno da ansiedade e a falta de controle para enfrentar esse desejo. A culpa por isso

não é da tecnologia ou da *Internet*, a causa está no próprio homem que ainda não sabe usar a razão, a disciplina, o autocontrole para equilibrar seus impulsos e trabalhar somente para o bem de si mesmo e dos outros.

Segundo especialistas, alguns sinais de alerta podem identificar essa dependência e seu maior ou menor grau. São eles: uso excessivo; perda de noção de tempo; negligência de impulsos básicos; irritação, tensão ou depressão quando sem acesso; insatisfação com a tecnologia disponível; isolamento social; comportamento agressivo. Isso fica bem claro quando o indivíduo se sente desorientado com a falta de um computador, ou seu celular/*smartphone* sem conexão, como se não fosse possível viver sem *internet*, *e-mail* e rede social. Tudo isso remete a vários distúrbios comportamentais e de personalidade, tais como desorganização, insegurança, intranquilidade e isolamento.

O que fazer? O Espiritismo é muito claro nessa questão: somente a educação que gera bons hábitos pode combater na raiz a dependência da *Internet*, pois, segundo nos informa Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*, a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Essa educação vai fomentar na criança a disciplina e obediência a regras, não de forma cega, pelo contrário, dando-lhe condições de discernir entre o bem e o mal, para si e para os outros, propiciando autonomia crítica, dinâmica, onde ela vai aprender que consumismo e dependência degradam o espírito, crescendo seu nível de consciência. Esse trabalho educacional é de prevenção, por isso mesmo deve começar na infância e exige dos pais e responsáveis igualmente autoeducação. Sem bons exemplos o ensino carece de autoridade moral e, portanto, será falho.

Vai ainda mais além o Espiritismo. A educação dos hábitos deve ser secundada pela educação dos sentimentos, única que pode humanizar o homem, priorizando o relacionamento interpessoal, mostrando assim que não basta fazer amigos virtuais, é necessário ter amigos verdadeiros, de corpo presente, para os bons e os

maus momentos da vida.

Nunca é tarde para promover essa verdadeira educação. Claro que tudo fica facilitado se a realizamos com a criança, mas mesmo com os jovens e adultos ela pode ser aplicada, requerendo mais esforço, mas é possível, pois toda pessoa é educável, ou, melhor dizendo, é *reeducável*.

O Espiritismo possui olhar de futuro sobre a humanidade, preconizando o equilíbrio entre ciência e religião, entre tecnologia e relacionamento humano, educando o homem – espírito imortal – para que saiba melhor aproveitar todos os avanços científicos, na procura do uso para o bem, e não para desenvolver maus hábitos e dependências que prejudicam sua saúde orgânica e psíquica.

Tecnologias sempre existiram, de acordo com a época e conhecimentos alcançados pelo homem, assim não devemos ficar surpresos com os dias atuais e os que estão por vir, até porque nossa tecnologia digital e *on line* está muito longe do que já existe no mundo espiritual, de onde trazemos, através das reencarnações, os conhecimentos necessários para alavancar o progresso terreno. A leitura das obras do espírito André Luiz, e também do espírito Manoel Philomeno de Miranda, nos dão bem a dimensão do verdadeiro abismo existente entre a tecnologia terrena e a espiritual.

Sigamos em frente, sabendo utilizar a *Internet* e todas as mídias digitais como instrumento de progresso, mas sem ficarmos dependentes, pois nada pode substituir o calor humano, a voz amiga e a presença de quem amamos. Ensinemos isso aos nossos filhos.

Sugestão de leitura:

Pelos Caminhos da Educação de Nadja do Couto Valle
Educação e Vivências, de Camilo/J. Raul Teixeira

Desafios da Educação, de Camilo/J. Raul Teixeira
O Mestre na Educação, de Pedro de Camargo
A Educação à Luz do Espiritismo, de Lydiênio Barreto de Menezes

JESUS

A evolução humana é incessante, mesmo assim algumas instituições humanas insistem na manutenção de princípios e práticas seculares em desacordo com as novas descobertas e o dinamismo que caracterizam a sociedade e a cultura. É o caso, por exemplo, da Igreja Católica, a quem dedicamos nosso respeito, mas que insiste em autoproclamar-se a única religião verdadeira e única legítima representante de Jesus. É o que lemos em seus documentos oficiais..

Em documento de 2007 elaborado pela Congregação para a Doutrina da Fé (antigo Santo Ofício), com a sanção do Papa, está a informação que “a Igreja Católica não renuncia a sua convicção de ser a única e verdadeira igreja em Cristo”, e reconhece que as demais igrejas são “meios de salvação” da alma humana, ressaltando que as “comunidades cristãs” surgidas da Reforma Protestante no século 16 não são reconhecidas pela Igreja Católica como “igrejas”.

Para nossa melhor compreensão o termo “igreja” significa templo cristão e está associado, em quase todos os dicionários e enciclopédias, ao Catolicismo, ou seja, é, na prática, uma palavra absorvida pela Igreja Católica na pretensão de dizer que os cristãos verdadeiros são apenas aqueles que se reúnem em seus templos. Esse não é o entendimento dos reformistas protestantes, conhecidos no Brasil como evangélicos, e nem tão pouco dos espíritas, com a diferença que os evangélicos também se consideram os únicos legitimamente cristãos, quando nós, espíritas, consideramos que todo aquele que segue os ensinamentos de Jesus é um cristão, independente da doutrina religiosa que professa.

Muitas pessoas se espantam quando afirmamos que o espírita é um cristão. Isso se dá pelo desconhecimento que possuem sobre os princípios que constituem o Espiritismo. Não sabem que temos Jesus como guia e modelo da humanidade, e que seus ensinamentos morais norteiam nossos pensamentos, palavras e atos. Ainda estamos culturalmente vinculados às tradições religiosas católicas e protestantes, considerando que Jesus é exclusivo dessas duas denominações religiosas, e ainda mais, que o Cristo é de foro exclusivo da religião. Esse pensamento é reducionista e preconceituoso, e está em completo desacordo com as modernas pesquisas antropológicas, sociológicas e psicológicas.

Mesmo no mundo corporativo, o mundo das empresas e negócios, Jesus é visto como modelo de líder por muitos consultores e especialistas em liderança, surgindo o segmento da liderança espiritualizada a partir de estudos sobre o Mestre Nazareno.

Mas, afinal, a que igreja pertence Jesus? Quem tem o direito legítimo de proclamar-se seu representante? Para termos uma melhor resposta, façamos essa pergunta ao maior interessado: Jesus Cristo. O que ele responderia? Responderia que sua vida foi dedicada a todos os homens, sem exceção. Que seus ensinamentos representam a vontade de Deus, nosso Pai, e, portanto, são universais. Que sua religião é a verdade, que a todos pertence. Que seu ideário tem como base o amor ao próximo, o perdão das ofensas, a prática da caridade, princípios comuns a todas as religiões formais criadas pelo homem. Ou seja, Jesus não é de nenhuma igreja em particular, mas é de toda a humanidade, mesmo daqueles que não o conhecem ou que nele não acreditam.

Nenhuma doutrina religiosa criada pelo homem pode arrogar-se ser a única representante de Jesus sobre a face da terra. O Cristianismo é universal; já o Catolicismo e o Protestantismo são particulares, surgidos através de circunstâncias socioculturais e históricas, com base em dogmas e rituais muitas vezes

frontalmente contrários aos ensinamentos e exemplos de Jesus. Lembremos que esses dogmas e rituais são criação do próprio homem, inexistindo nas palavras e atos do Cristo.

Por sua vez, o Espiritismo não se arroga tal privilégio, nem se considera religião do futuro da humanidade, por considerar que toda religião que promove o bem possui uma parte da verdade sobre a lei divina que rege toda a criação, proclamando que todas as doutrinas religiosas devem se unir pelos pontos comuns, ou seja, os ensinamentos morais. Então, se temos Jesus como guia e modelo, é inconcebível que façamos lutas fratricidas, como as que acontecem entre católicos e protestantes em várias partes do mundo. Ou que continuem as perseguições entre igrejas, com boicotes, doutrinações, sermões e tudo o mais que apenas separa, quando devemos nos unir por sermos irmãos, filhos do mesmo Pai, ou seja, Deus.

Querendo ou não, o homem evolui. Essa evolução é responsável pelo desabar de ideias particulares, preconceitos, arrogâncias. Encarrega-se disso o tempo, um dos maiores tesouros do espírito. É questão de tempo, de arejamento das ideias, o reconhecimento pela Igreja Católica que ela não é a única religião verdadeira e única legítima representante de Jesus.

O mais importante é cultivarmos os ensinamentos e exemplos de Jesus em nosso coração, sensibilizando sentimentos, predispondo-nos à sublime tarefa de fazer do Evangelho lição viva da caridade em amor do próximo. Tudo o mais são acréscimos humanos descartáveis.

Assim, esclarecemos que o Espiritismo também é uma doutrina cristã, pois toma como uma de suas bases os ensinamentos morais de Jesus, pregando a tolerância e a fraternidade entre todas as religiões, e considerando que o Mestre dos mestres é, na verdade, de toda a humanidade.

Sugestão de leitura:

O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec.

Cristianismo e Espiritismo, de Léon Denis.

Cristianismo, a Mensagem Esquecida, de Hermínio Miranda.

Boa Nova, de Humberto de Campos/Chico Xavier.

Primícias do Reino, de Amélia Rodrigues/Divaldo Franco.

LIBERDADE E LIVRE-ARBÍTRIO

Será que nosso cérebro, através de suas funções neuronais, pode decidir sobre a nossa vida? As decisões seriam tomadas automaticamente pelo cérebro e não teríamos controle sobre isso? Em outras palavras: pensamos que fizemos escolhas, utilizando o livre-arbítrio, mas na verdade a decisão foi tomada antes de pensarmos sobre isso ou aquilo? Para alguns estudiosos do comportamento humano, especialmente neurocientistas, é exatamente isso o que acontece, ou seja, a escolha não seria livre e consciente, pois o cérebro, acumulando informações, é que tomaria decisões automaticamente. Mas os resultados das pesquisas científicas não são conclusivos, até porque os experimentos não levam em conta as chamadas decisões complexas. E mais: se o cérebro faz tudo sozinho, por que temos a mente consciente?

Afinal, somos ou não donos da nossa vida? Temos ou não temos livre-arbítrio? Se o cérebro funciona automaticamente, isso quer dizer que não temos responsabilidade pelas nossas escolhas e, portanto, pelos nossos atos? Isso não traria o caos social? Somos apenas e tão somente uma máquina pré-programada?

Bem, como a ciência não consegue resolver satisfatoriamente essas questões, isso porque não ultrapassa o conceito biológico do ser, façamos a introdução do pensamento espírita, que leva em conta sermos seres integrais, ou seja, corpo e espírito, sendo o corpo o instrumento de manifestação do espírito, detentor da faculdade de pensar e escolher.

Allan Kardec tratou do assunto em o *Livro dos Espíritos*, no capítulo 10, da 3ª parte, ao estudar a Lei de Liberdade, sempre

levando em conta que somos espíritos reencarnados, e que a memória e o pensamento são atributos do espírito e não do cérebro físico. Vejamos as conclusões que o Espiritismo nos apresenta, inicialmente com a questão 843 apresentada aos benfeitores espirituais::

"O homem tem livre-arbítrio nos seus atos?"

– Pois se tem a liberdade de pensar, tem a de agir. Sem o livre-arbítrio o homem seria uma máquina".

Sendo a faculdade de pensar um atributo do espírito, entendemos que o cérebro torna-se instrumento de manifestação utilizado pelo ser que pré-existe e que também sobrevive à morte, pois o espírito é imortal, apenas o corpo é perecível.

Se a faculdade de pensar é livre de qualquer conjuntura biológica – hoje já se sabe que quando uma pessoa retorna, por exemplo, do estado de coma, ela relata sonhos e visões, ou seja, ação do pensamento – e portanto fazemos escolhas, temos igualmente a liberdade de agir, que é a prova da existência do livre-arbítrio.

Continua Allan Kardec:

"844. O homem goza do livre-arbítrio desde o nascimento?"

– Ele tem a liberdade de agir, desde que tenha a vontade de o fazer. Nas primeiras fases da vida a liberdade é quase nula; ela se desenvolve e muda de objeto com as faculdades. Estando os pensamentos da criança em relação com as necessidades da sua idade, ela aplica o seu livre-arbítrio às coisas que lhe são necessárias".

O livre-arbítrio está sempre relacionado à nossa vontade e também aos objetos de nossa preocupação. E sua manifestação depende do desenvolvimento maior ou menor do organismo físico, ou seja, do corpo, pois o espírito necessita de bons instrumentos para realizar suas manifestações. Quando uma criança decide

entre um doce e um sorvete, está utilizando o livre-arbítrio, assim como um adulto quando escolhe entre parar e auxiliar alguém ou seguir em frente sem olhar para trás. A complexidade de cada manifestação é relativa, mas em ambas encontramos o pensar, escolher e agir.

Quando a liberdade de escolha envolve sentimentos e emoções, quando decidir leva em conta múltiplas questões, como podemos dizer que neurônios se antecipam e fazem a escolha? Neurônios pensam? Neurônios têm sentimento?

Responsabilidade pelos próprios atos

O pensamento dos neurocientistas nos leva a uma grave questão: não seríamos responsáveis pelos nossos atos. Se assim for, todo o edifício social, toda a justiça humana deverá ser revista, e não é necessário ser um cientista social para perceber que teríamos a instalação da anarquia, do caos, da justificativa da hediondez. Por esse motivo condenamos o pensamento materialista/biológico sobre o ser humano, contrapondo a ele o pensamento espiritualista apresentado pelo Espiritismo.

A revelação da vida após a morte abriu a compreensão da lei divina, onde todos – espíritos imortais que somos – respondemos pelo que pensamos, falamos e fazemos, ou seja, somos sim responsáveis pelo uso do livre-arbítrio, até porque não existe arrastamento que seja superior às nossas forças, bastando para isso acionar a força de vontade, quando nossas forças íntimas sobressaem, e a oração, quando recebemos o auxílio de Deus e dos bons espíritos.

O Espiritismo nos faz compreender que para cada direito há um dever a ser cumprido, para cada liberdade há uma responsabilidade a ser assumida, e que isso não se circunscreve apenas à vida material, tendo sua extensão na vida espiritual, de onde ninguém escapa da própria consciência, onde está gravada a

lei de Deus.

Liberdade e livre-arbítrio pertencem ao espírito, que utiliza os componentes biológicos do corpo para manifestar-se enquanto está encarnado, portanto, os neurônios estão sob comando do ser imortal, e não o contrário.

Sugestão de leitura:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

Caminhos da Liberdade, de Dalva Siva Souza

Destino: Determinismo ou Livre-arbítrio?, de Wilson Czerski

O Destino em Suas Mãos, Richard Simonetti

Estradas e Destinos, Espíritos Diversos/Chico Xavier

LITERATURA MEDIÚNICA

Com a divulgação e aceitação cada vez maior do Espiritismo, a literatura espírita conheceu vertiginoso crescimento, contando-se aos milhares os livros espíritas que estão à disposição em distribuidoras e livrarias, não apenas espíritas, mas igualmente no mercado livreiro em geral. Várias editoras não espíritas abriram selos específicos para publicação de obras espíritas e, nessa verdadeira explosão literária, proliferam como campeões de venda os livros de origem mediúnica, notadamente romances e narrativas sobre o mundo espiritual. Entretanto, será tudo verdadeira literatura espírita? Como explicar a eclosão pandêmica da mediunidade literária? Estudar esse tema é de máxima importância, pois quando alguém se interessa por um livro por ele tratar do Espiritismo, mas sem nada conhecer do assunto, poderá ter um mal começo no estudo e compreensão da doutrina, caso o livro em questão ofereça conceitos que não se coadunem com os princípios espíritas encontrados nas obras da Codificação, ou seja, os livros assinados por Allan Kardec.

É extremamente preocupante verificar que muitas editoras têm no movimento espírita apenas um nicho de mercado, de onde podem retirar lucros, mas sem nenhuma preocupação de ordem doutrinária. Há tempos nos batemos pela necessidade das editoras que publicam livros espíritas terem um Conselho Doutrinário, formado pelo menos por cinco espíritas reconhecidamente sérios e detentores de maior conhecimento do Espiritismo, para que analisem com critério os originais. E vamos mais longe: que os membros do Conselho Doutrinário não se conheçam, ou que residam distantes, evitando-se assim trocarem informações, para que suas análises sejam imparciais. A editora, desse modo, assumiria compromisso com a Doutrina Espírita, mesmo que não

se declare de fato espírita, e falamos aqui do compromisso de respeitar os fundamentos do Espiritismo, evitando publicar obras que possam deturpar a Doutrina e confundir adeptos e simpatizantes.

Igualmente nos preocupa a criação de editoras por parte de centros espíritas, ou mesmo de um médium, pois elas tendem a endeusar a mediunidade e publicar tudo quanto um ou dois médiuns produzem. É um erro grave, pois Allan Kardec alerta para que tenhamos dois critérios de análise antes de qualquer divulgação: o crivo da razão e da lógica, e a concordância universal do ensino dos espíritos. Desde que a editora só publique livros de um único autor ou médium, temos grande risco de erros doutrinários. É o que temos assistido. Algumas editoras e médiuns se defendem das críticas literárias e doutrinárias alegando que os espíritos estão fazendo novas revelações. Sem a concordância universal do ensino dos espíritos, ou seja, sem que outros espíritos, através de diferentes médiuns, em locais variados e espontaneamente, tenham falado a mesma coisa, só podemos tomar a nova revelação como ideia pessoal do espírito. Não pode ser divulgada sem a sanção desse critério, ainda mais quando se choca frontalmente com os princípios espíritas consagrados e exaustivamente estudados.

Temos também de compreender que nem todo médium que psicografa uma mensagem é, necessariamente, um médium literário, apto a receber romances, contos, narrativas, poesias. O médium literário é um médium especial e, por isso mesmo, não encontramos um médium desses em cada esquina, ou em cada centro espírita. Uma boa leitura de *O Livro dos Médiuns* será suficiente para esclarecer essa questão, onde compreendemos que boa parte da produção mediúnica é exercício (que se joga fora) e de interesse particular (para o próprio médium, familiares, pessoas que o procuram ou para o grupo ao qual pertence). O próprio Allan Kardec afirma ter aprovado para publicação apenas dez por cento de todas as mensagens que recebia, provindas das

mais variadas fontes. E ele não pode ser acusado de rigor excessivo, pois era considerado o bom senso encarnado. Critérios existem para serem aplicados sem parcialidade, independente do médium, do autor espiritual, do grupo espírita, e era justamente o que o codificador fazia. Façamos o mesmo.

Por outro lado, os dirigentes dos centros espíritas possuem uma responsabilidade adicional, a de aplicarem os critérios acima citados na livraria, pois é cômodo adquirir para revenda o que está sendo publicado e divulgado, mas a comodidade pode acarretar irresponsabilidade. É dever dos dirigentes espíritas igualmente submeter a análise literária e doutrinária os livros publicados pelas editoras. O que vale para editores vale também para distribuidores e livreiros. Como existe o livre-arbítrio e tudo pode ser escrito e publicado em nome do Espiritismo, e não temos como coibir isso, pois de tudo pode se abusar, compete ao movimento espírita o dever e o direito de submeter à análise e rejeitar tudo quanto seja contrário aos princípios da doutrina espírita. Como as análises variam de pessoa a pessoa, de grupo a grupo, poderemos encontrar o livro que procuramos nas mais diversas fontes, mas teremos, pelo menos nos centros espíritas, a garantia de que estamos comprando livros que passaram por criteriosa análise, conforme preceitua a codificação. Longe de nós considerar que esse sistema seja infalível, mas tornará cada vez mais raro a exposição de maus livros, sejam eles de autores encarnados ou desencarnados.

Como assevera o espírito Erasto, em *O Livro dos Médiuns*, melhor rejeitar nove verdades do que aceitar uma única mentira. É o compromisso doutrinário que médiuns, escritores, críticos, editoras, distribuidoras e centros espíritas devem assumir, pois sabemos, voltando à questão do livro mediúnico, que entre os espíritos os há de graus bem diferentes, do mais ignorante ao mais sábio, e que, portanto, nem tudo pode ser aceito.

Se você é médium, ou está se exercitando na educação mediúnica

do Centro Espírita, e tem recepcionado mensagens escritas dos espíritos, não se empolgue, achando que logo vai receber romances e outras narrativas. Como dissemos, essa é uma mediunidade especial, de muita responsabilidade, concedida a poucos médiuns. Tenha calma, estude o Espiritismo e sirva aos espíritos de boa vontade, gratuitamente, sem nenhum outro interesse, deixando que sua faculdade mediúnica, seja qual for, seja útil. Para isso não são necessárias as luzes dos holofotes, nem mesmo que você se torne conhecido.

Sugestão de leitura:

Allan Kardec e a Mediunidade, de Geziel Andrade

Desafios da Mediunidade, de Camilo/José Raul Teixeira

Dimensões da Mediunidade, de L. Palhano Jr.

Pelos Caminhos da Mediunidade Serena, de Pedro Camilo

Mediunidade, de Therezinha Oliveira

MANDATO MEDIÚNICO

Quando o Espírito reencarna traz do mundo espiritual compromissos estabelecidos para o seu progresso, entre eles, quando o caso, o de exercer a mediunidade, aprendendo nesse exercício a humildade e a disciplina, e sendo instrumento dos Espíritos que por ele trarão suas comunicações. O mandato mediúnico não acontece por acaso. Obedece planejamento prévio e, além do próprio médium, envolve os instrutores espirituais, todos eles coordenados pelo anjo da guarda do médium, seu Espírito protetor, que é sempre de elevada categoria moral. Assim, a função de escrever livros, de proporcionar materializações, de fazer ditados espontâneos, de pintar quadros e assim por diante, está limitada, circunscrita à missão, ao mandato mediúnico de que foi investido o médium.

Citemos um exemplo dos mais conhecidos mas ainda não totalmente compreendido: o médium Chico Xavier e seu benfeitor espiritual, Emmanuel.

Quando Emmanuel, espírito guia do médium, apresentou-se, informou existir um compromisso de realização psicográfica de 150 livros, escritos por ele e por outros espíritos, o que posteriormente foi aumentado.

A missão do médium e de seu guia espiritual encerra-se com a conclusão do planejado no mundo espiritual. Assim, não há necessidade de algum outro médium substituir Chico Xavier, que pela idade avançada já quase não mais exercia a psicografia. Ele e Emmanuel já haviam concluído sua missão, e que missão!

De 1938, data da publicação de seu primeiro livro (*Emmanuel*,

Editora FEB) até 1995, ano em que foi publicado seu último livro (*Antologia da Amizade*, Editora CEU), o Espírito Emmanuel escreveu através do médium Chico Xavier a fantástica soma de 105 livros espíritas, sem considerarmos os livros escritos em parceria com outros espíritos. O conteúdo dessas obras ainda não foi devidamente analisado e absorvido pelos que estudam e vivenciam o Espiritismo. Então, perguntamos, depois do cumprimento de tão vasta missão, por que Emmanuel haveria de necessitar socorrer-se de outro médium para continuar a escrever? Informemos, também, que Chico Xavier, até dezembro de 1996, psicografou o total de 402 livros, e, se fosse considerado o autor dos mesmos, teria de receber as honras de todas as academias literárias, pois estaríamos à frente do maior gênio literário de todos os tempos.

Estamos tratando deste assunto por vermos surgir, vez por outra, médiuns anunciando serem continuadores de Chico Xavier, recebendo mensagens psicografadas de pretensos Emmanuel, André Luiz, Bezerra de Menezes e outros, como se esses espíritos nada mais tivessem de fazer a não ser procurar médiuns e escrever, escrever, escrever... E como escrevem aberrações! E como cometem erros doutrinários! E como descaracterizam seu estilo literário!

Uma análise isenta logo os desmascara e o médium desaparece para ser substituído, algum tempo depois, por outro, que também tropeçará na ilusão da fascinação e será esquecido. Mas os argutos observadores do potencial que representa o mercado editorial espírita e espiritualista não perdem tempo, e publicam esses livros com o intuito do lucro, sem nenhum interesse doutrinário, fazendo mal à causa do Espiritismo, desviando consciências e envaidecendo o médium e os que se acercam dele. E muito triste é ver esses livros circulando nas livrarias dos Centros Espíritas!

Para cada médium um mandato mediúnico, sempre para auxiliar o

próximo, fazer progredir a humanidade, onde mais importante é tornar-se o médium fiel cumpridor de sua missão, depositário digno da confiança divina, seja na obscuridade do anonimato, seja na luz do reconhecimento público.

O médium que vara os anos trabalhando anonimamente numa reunião mediúnica do Centro Espírita é tão útil e importante quanto Chico Xavier e outros médiuns famosos, pois está diligentemente, sem nenhuma vaidade, servindo de instrumento aos Espíritos que necessitam receber orientação e àqueles Espíritos que mantêm a chama acesa da fé e do amor dos companheiros voltados ao bem do próximo.

Mandato mediúnico cumprido é missão que não se transfere. Terminada a tarefa, ao médium reservam-se os méritos e outras atividades, e aos Espíritos que o auxiliaram, novas tarefas.

A nós, os homens encarnados, cumpre estudar e aplicar - para nós próprios, primeiro - o rico conteúdo de escritos fornecidos pelos Espíritos e também os bons exemplos do médium.

Quanto a alguém substituir o médium para continuar uma missão que era só dele e dela ele se incumbiu exemplarmente, isso já é por conta da obsessão.

Sugestão de leitura:

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.
Mediunidade, de José Herculano Pires.
Recordações da Mediunidade, de Yvonne Pereira.
Seara dos Médiuns, de Emmanuel/Chico Xavier.
No Invisível, de Léon Denis.

MAU HUMOR

Segundo especialistas nas áreas da Medicina e Psicologia, a maioria das pessoas não percebe que o mau humor constante pode caracterizar uma doença e levar a uma depressão crônica de difícil tratamento. Essa doença tem nome, é a Distímia, que é um tipo de depressão que tem como características o mau humor crônico, baixa autoestima e dificuldade de relacionamento.

É bom ligar o sinal de alerta se as pessoas com as quais convivemos vivem a nos chamar a atenção, dizendo: "lá vem o mal humorado", "o dia nem começou e você já está de cara fechada?", "nossa, como você reclama de tudo e de todos!", "põe um sorriso nesse rosto!", "como sempre, lá vem você com esse pessimismo". Quando recebemos essas e outras frases do mesmo tipo, é um forte indicativo que estamos nos comportando de forma mal humorada e isso está incomodando as pessoas que, numa reação natural, começam a se afastar, afinal ninguém quer ter ao lado alguém que olha a vida somente com a lente escura do pessimismo. Você gostaria de ter essa pessoa ao seu lado?

Entretanto, muitos alegam que não dá para ter otimismo, não dá para esconder o mau humor, pois, segundo elas, só existem misérias, sofrimentos, dores, guerras, ingratidões e coisas do gênero. Melhor seria dizer que também existem essas coisas, pois a vida também é feita de alegrias, de bons momentos, de cooperação, solidariedade, confraternização, amizade e tantas outras coisas que preenchem positivamente o coração e a existência.

Enxergar a vida apenas pelo lado negativo é típico de quem se fecha em si mesmo, egoisticamente, em nada mais acreditando

que o nascer, viver e morrer, e fazendo tudo girar em torno de si. Como a vida é feita de ação e reação, de causa e efeito, ela se torna amarga, sofrível, solitária por sua própria culpa. De tanto destilar mau humor, de tanto ser egoísta, de tanto ver tudo com pessimismo, não consegue ter boa autoestima e, portanto, não alcança viver relacionamentos saudáveis e duradouros.

Tivemos ocasião de conhecer uma pessoa que centralizava suas preocupações no fim do mundo através de grandes catástrofes, e que considerava que ninguém gostava dela. Vivia, por isso, isolada, acarretando para si mesma dramas conscienciais muito grandes e, claro, atraindo para si espíritos desejosos de sua infelicidade, em processo simbiótico conhecido como obsessão.

Todo cuidado é pouco, por isso a advertência do Mestre Jesus: *vigiai e orai*. A distímia se instala de forma não perceptível e normalmente é confundida com alterações de humor que fazem parte do cotidiano, ou seja, é natural ficarmos preocupados com alguma coisa, assim como, vez ou outra, alterar o tom de voz quando ficamos zangados com alguém, pois não somos perfeitos, entendendo que isso não pode servir de desculpa para ficar adiando a autoeducação. Acontecer essas coisas de vez em quando é encarado como natural do existir humano, o perigo está quando começam a acontecer a toda hora e por qualquer coisa.

Para responder perguntas como “quando terei paz?”, “o que foi que eu fiz para merecer isso?”, estudemos o Espiritismo. A lei divina é lei de consequência. Deus não castiga seus filhos, apenas dá a eles – que somos todos nós – o que merecem e precisam, sempre de acordo com seus sábios e justos desígnios e também com o que semeamos dia após dia.

Para vencer o mau humor nada melhor que começar a perceber o bem e o belo, que não estão longe, estão ao nosso lado. Quanta coisa boa não está acontecendo agora, neste instante? As dádivas divinas são incessantes. Nunca estamos abandonados, e o mal

prevalece apenas porque não nos dispomos a fazer o bem e enxergá-lo com suas belas consequências.

Além de procurar tratamento com psicoterapia e medicamentos, se você está às voltas com o mau humor, o pessimismo, a baixa autoestima, procure ler as obras de Allan Kardec, base do Espiritismo, e frequentar um Centro Espírita, onde encontrará o atendimento fraterno, o passe, o tratamento espiritual e o estudo da vida pelo viés da imortalidade da alma. E não esqueça, na sequência, de começar a se dedicar ao bem visitando hospitais, asilos, orfanatos, comunidades carentes, na doação de si mesmo, pois você irá descobrir que outras pessoas, apesar de todos os sofrimentos, de todas as perdas, continuam lutando pela vida, nunca perdendo a esperança de dias melhores, servindo, para nós, de verdadeiros exemplos de fé, coragem, perseverança. É então que descobrimos como a vida é bela. E quem descobre as belezas da vida não tem mais tempo e espaço para reclamar.

Com o Espiritismo aprendemos a viver em plenitude, sempre procurando a felicidade através do amor ao próximo, que chamamos de caridade, o anjo que nos mostra que podemos vencer todas as dificuldades e decepções se deixarmos que Deus habite em nós, como cantam os versos do Evangelho.

Viva e seja feliz!

Sugestão de leitura:

Alegria de Viver, de Joanna de Ângelis/Divaldo Franco

Viver em Plenitude, de Richard Simonetti

Vida e Felicidade, de Marcus De Mario

Medite e Viva Melhor, de Alírio de Cerqueira Filho

Busca e Acharás, de Emmanuel/Chico Xavier

MEDIUNIDADE CONTURBADA

"Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o espírito desencarnado se identifica com o espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm grupar os espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons espíritos (...) Os defeitos que afastam os bons espíritos são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria". (Allan Kardec, O Livro dos Médiuns, cap. 20, item 227)

Este texto trata do mau uso da mediunidade, destacando como um processo obsessivo promove dificuldades na vida e na prática mediúnica. Nosso objetivo é entender a responsabilidade de ser médium e como tão sutil é a influência perniciosa de espíritos inferiores, podendo provocar, conforme nossa conduta, o processo obsessivo.

Responsabilidade de ser médium

Iniciamos trazendo a questão da responsabilidade de ser médium, e para isso nada melhor do que a palavra do espírito Tobias, conforme narrativa do espírito André Luiz no capítulo 3 do livro *Os*

Mensageiros, quando esse abnegado trabalhador espiritual explica a função do Centro de Mensageiros do Ministério da Comunicação, na colônia espiritual Nosso Lar:

"Preparam-se aqui numerosos companheiros para difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária (...) Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente (...) Saem milhares de mensageiros aptos para o serviço, mas são muito raros os que triunfam. Alguns conseguem execução parcial da tarefa, outros muitos fracassam de todo. (...) Esmagadora percentagem permanece a distância do fogo forte. Trabalhadores sem conta recuam quando a tarefa abre oportunidades mais valiosas".

Como vemos, existe no mundo espiritual a preparação daqueles que exercerão a mediunidade, e isso é levado tão a sério que André Luiz compara o Centro de Mensageiros a uma instituição congregando algumas universidades reunidas. E não por outro motivo, Allan Kardec dedicou uma obra inteira da codificação espírita para tratar do assunto, qual seja *O Livro dos Médiuns*.

Ressalte-se da explicação de Tobias que o médium deve ser promotor de esperanças e consolos, instruções e avisos, como um servidor fiel para o progresso da humanidade. Para isso, deve sintonizar com o bem, realizando todos os esforços para se colocar humildemente a serviço de Jesus, o governador planetário, procurando combater em si mesmo, de forma incessante, todos os vícios que possam levá-lo a afinizar-se com espíritos imperfeitos. Nunca é demais, como insiste Allan Kardec nas obras que compõem a codificação espírita, chamar a atenção do médium quanto à sua responsabilidade e necessidade de autoeducação.

A fala do espírito Tobias casa-se perfeitamente com a explicação de Kardec que abre nosso texto, ou seja, se existem muitos fracassos no campo mediúnico, estes se devem exclusivamente ao

médium que, por falta de estudo e esforço no seu aprimoramento, atrai para si, pelas leis da simpatia e da afinidade, espíritos imperfeitos que o desviarão da tarefa.

Exercer a mediunidade não é complicado, pois ela é uma faculdade natural do homem, do espírito encarnado, mas exige algumas reflexões, como a realizada por José Herculano Pires em seu livro *Mediunidade*:

"No ato mediúnico tanto se manifesta o espírito do médium como um espírito ao qual ele atende e serve. Os problemas mediúnicos consistem, portanto, simplesmente na disciplinação das relações espírito-corpo. É o que chamamos de educação mediúnica. Na proporção em que o médium aprende, como espírito, a controlar a sua liberdade e a selecionar as suas relações espirituais, sua mediunidade se aprimora e se torna segura. Assim, o bom médium é aquele que mantém o seu equilíbrio psicofísico e procede na vida de maneira a criar para si mesmo um ambiente espiritual de moralidade, amor e respeito pelo próximo".

A educação mediúnica, que deve ser entendida como educação do médium, deve ser constante, pois médium que se considera preparado e deixa o tempo passar, colocando-se afastado do estudo doutrinário, corre sérios riscos, pois acaba entrando numa zona de conforto onde vícios, trejeitos e falta de bom senso diante das manifestações espirituais de que é instrumento, se instalam de forma sutil, dando campo à instalação e evolução do processo obsessivo que, como se sabe, conforme classificação de Kardec, passa pela obsessão simples, chega à fascinação e pode terminar na subjugação, todas essas modalidades em variados graus.

Influência sutil dos espíritos inferiores

Mediunidade conturbada, ou seja, sem disciplina, sem discernimento, sem educação, é campo preparado para receber a influência sutil de espíritos inferiores, que ocorre na medida em

que o espírito, após sintonizar com o médium, vai paulatinamente dominando sua mente, levando o médium a um estado de espírito negativo, que podemos identificar quando o médium começa a ter tendência ao derrotismo, ao desânimo, perdurando esse estado durante horas ou dias.

Deve o médium perceber, no seu cotidiano, estados de espírito como dificuldade de concentrar ideias otimistas; ausência de concentração em leituras edificantes; dificuldade em orar; tristeza sem razão; indisposição inexplicável, principalmente quando em dia de atividade mediúmica ou de estudo; aborrecimento com conversações edificantes; pessimismo; exageros de sensibilidade; depressão; colocar-se quase sempre como vítima; teimosia em não aceitar conselhos e críticas construtivas, entre outros sintomas semelhantes que podem indicar a influência negativa sutil.

As quatro fragilidades humanas

O espírito Manoel Philomeno de Miranda, no livro *Trilhas da Libertação*, psicografado pelo médium Divaldo Pereira Franco, apresenta no capítulo "Os Gênios das Trevas", o que os espíritos obsessores consideram como as "quatro legítimas verdades" humanas que facilitam o processo obsessivo:

- 1) Sexo – pois o homem facilmente se compraz no prazer.
- 2) Narcisismo – por ser filho predileto do egoísmo, e pai do orgulho e da vaidade.
- 3) Poder – quando o homem revela seus instintos e se deixa levar pelos interesses materiais.
- 4) Dinheiro – pois ele compra vidas e escraviza almas.

Todo médium deve ter redobrados cuidados com essas quatro áreas, não devendo alegar que uma coisa é ser médium, quando

procura obedecer a certa disciplina, e que outra coisa é ter sua vida privada, quando essa disciplina mental e moral não precisaria prevalecer. Esse é o grande engano do qual os espíritos inferiores procuram tirar proveito e, em muitos casos, conseguem com êxito, desviando o médium de suas sagradas funções, tornando-o joguete do processo obsessivo.

Advertência necessária

Elucida o instrutor espiritual Alexandre, no capítulo 3 do livro *Missionários da Luz*, ditado pelo espírito André Luiz através do médium Chico Xavier:

"É imprescindível santificar a faculdade mediúnica, convertendo-a no ministério ativo do bem. A maioria dos candidatos ao desenvolvimento dessa natureza, contudo, não se dispõe aos serviços preliminares de limpeza do vaso receptivo. Dividem, inexoravelmente, a matéria e o espírito, localizando-os em campos opostos, quando nós, estudantes da verdade, ainda não conseguimos identificar rigorosamente as fronteiras entre uma e outro, integrados na certeza de que toda a organização universal se baseia em vibrações puras. Inegavelmente, (...) os excessos representam desperdícios lamentáveis de força, os quais retêm a alma nos círculos inferiores. Ora, para os que se trancafiam nos cárceres de sombra, não é fácil desenvolver percepções avançadas. Não se pode cogitar de mediunidade construtiva, sem o equilíbrio construtivo dos aprendizes, na sublime ciência do bem-viver".

Problemas no exercício da mediunidade? Desequilíbrio na vida pessoal? A culpa não é da mediunidade, pois que ela é faculdade natural. A culpa é do próprio médium, pois na maioria das vezes o encontramos arredio ao estudo, à reforma íntima, à sintonia com o bem. Acomodado, e separando o que é do espírito do que é da matéria, quando na verdade somos todos seres integrais, passa facilmente ao campo da fascinação, quando os espíritos inferiores

tudo fazem passar através dele e, influenciando magneticamente, acabam levando-o, com sua mediunidade conturbada, a vícios lamentáveis do corpo e da alma.

Para pensar

Será possível obter bons resultados sem educação mediúnica? Poderá um médium que sofre influência de espíritos inferiores ser um bom instrumento? Como o médium pode ser um tarefeiro de Jesus para regeneração da humanidade, sem o devido esforço em ser um homem de bem? Se o Espiritismo é doutrina que tem a missão de realizar a transformação moral da humanidade, como o médium espírita pode viver sem realizar o seu aprimoramento espiritual?

Somos ainda seres facilmente atingidos por nossas paixões. Por vezes sem vontade para controlá-las, mesmo sabendo da importância de combatê-las. O codificador já nos alertara: *"Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral, e pelos esforços que faz para domar suas más inclinações"*. (Allan Kardec, *E.S.E., XVII, 4*). Onde dizermo-nos espíritas se nos deixamos levar tão levemente? Por que somos ainda tão fracos diante de um problema de fácil reparação? Trocamos o trabalho no bem, a que nos propusemos trilhar antes da reencarnação, por qualquer pequena dificuldade que se nos aparece, ou quando pior, as construímos, impedindo-nos o progresso na seara de amor. Será que podemos nos desculpar pelo fato de sermos ainda seres imperfeitos? Quantas vezes usaremos essa desculpa?

Temos o tesouro do conhecimento em nossas mãos. Temos o lugar para praticá-los, o que mais necessitamos para iniciarmos nossa regeneração? Não que com essas ferramentas alcançaremos imediatamente a evolução, mas as praticando caminharemos em sua direção. Nenhuma transformação acontece do dia para noite, é preciso trabalho e persistência. Inúmeras vezes vamos desanimar a ponto de querer desistir e não enxergaremos

utilidade nessas atividades. Muitas vezes vamos nos questionar de que adianta se não for feito com satisfação? Tantas coisas nos pareceram prioridades comparadas aos trabalhos de reforma. A família, a profissão, a necessidade de descanso etc. Tudo isso é importante, mas de que adianta se eu, como ser imortal, não estiver me reajustando?

Finalizando, solicitamos a todos os médiuns profunda reflexão sobre o texto de Allan Kardec que inicia nosso estudo, especialmente o seguinte trecho:

"A alma (espírito encarnado) exerce sobre o espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles".

Ou seja: fácil é culpar o espírito obsessor pela mediunidade conturbada, mas quem o atrai e fornece sintonia é o encarnado, portanto, o médium.

Pensemos nisso.

Sugestão de leitura:

Os Mensageiros, de André Luiz/Chico Xavier

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec

Mediunidade, de José Herculano Pires

Missionários da Luz, de André Luiz/Chico Xavier

Mediunidade: Caminho para Ser Feliz, de Suely Caldas Schubert

MORTE

Você sabe qual é a visão que outras religiões possuem sobre o fenômeno morte? Será que existem semelhanças com a visão espírita? E o que pensa o Espiritismo sobre a morte? Esses são os assuntos que vamos tratar neste texto.

O Catolicismo e a Morte

A recompensa máxima esperada pelo fiel católico é a salvação de sua alma, que após a morte adentrará o Paraíso e lá gozará de descanso eterno, junto de Deus Pai, dos santos e de Jesus Cristo. No caso de um cristão morrer com algumas "contas em aberto" com o plano celestial, ele terá de fazer acertos – que talvez incluam uma passagem pelo Purgatório, espécie de reino intermediário onde a alma será submetida a uma série de suplícios e penitências, a fim de se purificar. A intensidade dos castigos e o período de permanência nesse estágio vão depender do tipo de vida que a pessoa levou na Terra. Mas o grande castigo mesmo é a condenação da alma à perdição eterna, que acontece no Inferno. É para lá que, de acordo com os preceitos católicos, são conduzidos os pecadores renitentes. Um suplício e tanto, que jamais se acaba e inclui o convívio com Satanás, o senhor das trevas e a personificação de todo o Mal.

O Judaísmo e a Morte

O entendimento dos conceitos de corpo, alma e espírito no Judaísmo varia conforme as épocas e as diversas seitas judaicas. O conjunto dos livros sagrados (*Tanach*) não faz uma distinção teológica destes, usando o termo que geralmente é traduzido como alma (*néfesh*) para se referir à vida, e o termo geralmente

traduzido como espírito (*ruakh*) para se referir a fôlego. Deste modo, as interpretações dos diversos grupos são muitas vezes conflitantes, e muitos estudiosos preferem não discorrer sobre o tema.

O conjunto dos livros sagrados (*Tanach*), excetuando alguns pontos poéticos e controversos, jamais faz referência a uma vida além da morte, nem a um céu ou inferno, pelo que os saduceus posteriormente rejeitavam estas doutrinas. Porém, após o exílio em Babilônia, os judeus assimilaram as doutrinas da imortalidade da alma, da ressurreição e do juízo final, e as constituíram em importante ensino por parte dos fariseus.

Nas atuais correntes do Judaísmo, as afirmações sobre o que acontece após a morte são postulados e não afirmações, e se varia a interpretação dada ao que ocorre na morte e se existe ou não ressurreição. A maioria das correntes crê em uma ressurreição no mundo vindouro, enquanto outra parcela do Judaísmo crê na reencarnação, e o sentido do que seja ressurreição ou reencarnação varia de acordo com a ramificação.

O Hinduísmo e a Morte

O Hinduísmo é uma das religiões mais antigas do mundo, engloba as mais antigas crenças religiosas. A visão hindu de vida após a morte é a ideia de reencarnação. A ideia de que a vida na Terra é parte de um ciclo eterno de nascimentos, mortes e renascimentos compõe o capítulo dessa religião. Toda pessoa reencarna cada vez que morre. Contudo, se levar uma vida voltada para o bem, à risca, ela pode libertar-se dessa cadeia cíclica. Diferentemente de outras religiões, o Hinduísmo não tem fundador, credo fixo, nem organização de espécie alguma. Para todos os hindus a suprema autoridade são os quatro Vedas: *Rig-Veda*, *Sama-Veda*, *Yojur-Veda* e *Atharva-Veda*.

O nascimento e a morte seriam uma mudança de cenário para a

alma. A alma nunca se modifica, é a essência intacta do ser. Apenas a roupa que ela está usando (o escafandro) é quem morre e, depois da morte, ela recebe um novo corpo para habitar na existência material. Quando a alma, após muitos nascimentos dentro desta existência material, entra em contato com um santo verdadeiro (*Sad-Guru*), ela pode desenvolver a fé no caminho da autorrealização e começar seu retorno ao mundo transcendental de Deus. Lá, a alma poderá viver em plena eternidade. Chama-se de *Vaikuntha* esse plano. As crenças e cultos de antigas populações do vale do rio Indo e dos Arianos formaram as bases do Hinduísmo.

O Islamismo e a Morte

Antes de Maomé iniciar sua pregação, os povos Árabes (e nisto estão englobados não só os povos da península Arábica, mas também os Sírios e os Mesopotâmicos) estavam entregues a diversas religiões. Uma característica comum a boa parte, senão a todos desses cultos, era o politeísmo. Acompanhava essa tendência politeísta um fenômeno de intenso "profetismo", ou seja, a cada dia surgiam mais e mais profetas que pregavam alguma nova doutrina, ou mesmo a vinda de um messias. É curioso notar que em boa parte desses cultos havia uma divindade comum que, em muitas ocasiões, se sobrepunha às demais. Essa divindade era Allah. Sendo assim, é perfeitamente explicável que Maomé, por influências judaico-cristãs, tenha aceitado o monoteísmo e, assim sendo, associou como figura divina o nome do principal deus que conhecia, ou seja, Allah. Dessa forma, Allah não era para Maomé apenas mais um deus, mas sim o Deus.

Entre alguns costumes banidos pelo Islã está o de chorar, lamentar e demonstrar pesar excessivo pelos mortos. Os ensinamentos do Islamismo sobre a morte é de que ela não é a aniquilação do indivíduo, que o elimina da existência, e sim uma passagem de uma vida para outra, e, por mais que se possa lamentar, nada trará os mortos de volta à vida ou modificará o

decreto de Deus. Aquele que crê deve receber a morte do mesmo modo como recebe qualquer outra calamidade que possa atingi-lo, com paciência e dignidade, repetindo o versículo alcorânico: "Somos de Deus e a Ele retornaremos".

O Protestantismo e a Morte

No século 16, um padre alemão chamado Martinho Lutero iniciou um movimento de reforma religiosa que culminaria num cisma, ou seja, numa divisão no seio da Igreja Católica. Foi assim que surgiram outras igrejas, igualmente cristãs, mas não ligadas ao Papado.

Lutero e os outros reformistas desejavam que a Igreja Cristã voltasse ao que eles chamavam de "pureza primitiva". A mediação da Igreja e dos Santos deixaria de existir, prevalecendo então a ligação direta entre Deus e a Humanidade. É por isso que, nas igrejas protestantes, não vemos imagens de santos nem temos o culto a Virgem Maria, mãe de Jesus.

Os protestantes creem que a Bíblia é a única fonte da revelação especial de Deus à Humanidade, e, como tal, ela ensina a nós tudo o que é necessário para nossa salvação do pecado.

Os protestantes creem que, baseados na fé apenas em Cristo, os crentes são justificados por Deus, quando todos os seus pecados são pagos por Cristo na cruz e Sua justiça é a eles imputada. Os protestantes creem que por sermos justificados por Cristo apenas, e que a justiça de Cristo é a nós imputada, quando morremos iremos direto para o céu para estarmos na presença do Senhor.

O Budismo e a Morte

No Budismo, a palavra "morte" significa "o que vai nascer". Porque o que morre no mundo material, na verdade está nascendo no mundo espiritual. Depois de passar para o mundo espiritual, onde

vive durante um período que pode variar de alguns anos a dezenas, centenas ou mesmo milhares de anos, o ser humano renasce no mundo físico. Durante o curso de sua vida terrena, ou à medida que vai executando as suas tarefas, o homem acumula – de modo consciente ou inconsciente – impurezas e máculas em seu corpo espiritual. Quando as doenças ou a velhice deterioraram o seu corpo físico, impedindo-o de cumprir as suas tarefas, ele abandona o corpo e volta para o mundo espiritual.

Quando a alma ingressa no mundo espiritual, começa, geralmente, a ser purificada de suas máculas. Dependendo da quantidade de suas nuvens, ela viverá num plano mais alto ou mais baixo do mundo espiritual. A quantidade de máculas também irá determinar se o período de purificação será longo ou curto. Esse período pode variar de alguns poucos anos a centenas e milhares de anos. E quando o Espírito está purificado até um certo grau, renasce por ordem de Deus.

O Espiritismo e a Morte

A visão espírita é semelhante, em muitos pontos, à visão budista, mas possui diferenças marcantes que a distinguem desse pensamento de origem oriental. Primeiro, o Espiritismo considera que a morte não é o fim da vida, mas apenas do corpo físico, que, na verdade, passa pelo processo de desagregação molecular, retornando seus elementos à natureza. Assim, todo ser humano é uma alma, e quando desencarna, passa a ser chamado de Espírito.

O Espírito continua a viver, mantendo sua identidade através do perispírito (corpo espiritual), e também sua personalidade, pois deve assumir as consequências do bem e do mal que praticou quando na Terra. Os Espíritos vivem no mundo (ou dimensão) espiritual, onde prosseguem seus aprendizados, vinculam-se ao desenvolvimento de diversos serviços, aguardando o momento oportuno para reencarnar. O tempo de permanência no mundo

espiritual é muito variável, pois depende das necessidades do Espírito.

O mundo espiritual é dinâmico, com colônias (ou cidades), postos avançados de socorro e muito mais, do qual podemos fazer uma ideia olhando a própria organização social humana, que é cópia imperfeita da realidade espiritual.

Tudo isso é regido pela lei de evolução, conforme desígnio de Deus, e o Espírito poderá ter aqui na Terra tantas reencarnações quanto o necessário, até que esteja intelectualmente e moralmente preparado para reencarnar num mundo mais adiantado. Quando chegar ao estado de perfeição, ou puro Espírito, ele não precisará mais reencarnar, e estará em ligação direta com o Criador, trabalhando pelo bem e o progresso dos seus irmãos, assim como codirigindo a vida universal.

Ainda o Espiritismo estabelece que as dimensões espiritual e material interagem, se interpenetram, e após a morte o Espírito pode estabelecer comunicação com os chamados vivos, ou seja, com aqueles que continuam encarnados, isso através da chamada mediunidade, da qual muitas pessoas são dotadas em maior ou menor grau.

Conclusão

O pensamento espírita sobre a morte difere muito do pensamento das doutrinas do Catolicismo, do Judaísmo, do Hinduísmo, do Islamismo e do Protestantismo. É mais racional e lógico. E difere do pensamento do Budismo, por não ser, o pensamento espírita, místico.

Recomendamos aos nossos leitores o estudo de duas obras espíritas de máxima importância sobre o assunto: *O Livro dos Espíritos* e *O Céu e o Inferno*, ambas de Allan Kardec, que aprofundam o tema e descortinam uma nova visão sobre a vida e

a morte.

Sugestão de leitura:

O Céu e o Inferno, de Allan Kardec

Sua Mala Está Pronta?, de Admir Serrano

Depois da Morte, de Léon Denis

Um Tratado da Vida, de J. Demétrio Loricchio

Morreram e Voltaram para Contar, de Gerson Simões Monteiro

MORTES COLETIVAS

Como explicar as mortes coletivas ocorridas em tragédias como terremotos, maremotos, acidentes aéreos, incêndios e outras situações, quando centenas ou mesmo milhares de pessoas morrem ao mesmo tempo? Como Deus permite que essas tragédias aconteçam? Onde a justiça divina? São essas as perguntas que muitos se fazem, perplexos diante do acontecimento, ainda mais se estão envolvidos como familiares ou amigos das vítimas.

Pois bem, com o Espiritismo aprendemos que estamos reencarnados num planeta de provas e expiações, onde o mal ainda sobrepuja o bem, e que cada existência é utilizada para duas coisas essenciais: reparar o mal porventura cometido em existência passada, e construir o bem visando a uma vida melhor hoje e no futuro. Ou seja, provas e expiações vão acontecendo na medida de nossa necessidade evolutiva, conforme a lei divina do progresso, o que já nos esclarece que não há efeito sem causa, ou seja, nem mesmo a tragédia coletiva acontece por acaso, pois este não existe. Há uma razão para o acontecimento e é o que vamos tentar entender.

Palavra de conforto

Inicialmente, entendendo a dor que visita os corações de parentes e amigos das vítimas dessas tragédias, endereçamos a todos palavras de coragem e fé, de confiança em Deus, pois a vida que termina aqui na Terra na verdade continua no mundo espiritual, pois a morte não existe. Nossos amores continuam vivos e, decerto, não querem que fiquemos em lágrimas ou estados depressivos, mas sim que continuemos a viver solidificando o bem

e o amor, na certeza que mais cedo ou mais tarde nos reencontraremos, quando teremos as devidas respostas.

Lembremos que as existências são solidárias entre si, então a tragédia de hoje pode ter relação com acontecimentos de vida passada, ou mesmo com o que estamos fazendo no aqui e agora, pois tudo se entrelaça, e a lei divina funciona como se fosse uma lei de consequências, pois a sementeira é livre mas a colheita é obrigatória. Não interpretemos isso como se fosse a lei de talião, aquela do *olho por olho, dente por dente*, pois não é assim que a lei divina se faz realizada. A misericórdia e bondade de Deus estão sempre presente, levando em conta os esforços que fazemos em progredir, em avançar moralmente, atenuando nossas faltas e engendrando mil maneiras de podermos reparar as consequências ruins da sementeira.

Então, se você está diante da prova da separação do ente querido, confie em Deus. A dor não acontece por acaso, e com resignação e fé, calma e coragem, você terá ganhos espirituais muito importantes para o reencontro futuro com aquele que teve que se despedir da existência terrena através de uma tragédia.

Finalidade das tragédias

Transcrevemos para análise a questão 737 de *O Livro dos Espíritos*.

"Com que fim Deus castiga a Humanidade com flagelos destruidores?

– Para fazê-la avançar mais depressa. Não dissemos que a destruição é necessária para a regeneração moral dos Espíritos, que adquirem em cada nova existência um novo grau de perfeição? É necessário ver o fim para apreciar os resultados. Só julgais essas coisas do vosso ponto de vista pessoal, e as chamais de flagelos por causa dos prejuízos que vos causam; mas esses transtornos são frequentemente necessários para fazerem que as

coisas cheguem mais prontamente a uma ordem melhor, realizando-se em alguns anos o que necessitaria de muitos séculos”.

Tudo tem um fim providencial, isso é certo. Nossa visão sobre as tragédias tem que alcançar o amanhã, o futuro, lembrando que a destruição, mesmo com vítimas humanas, está no regime da lei divina, onde nada acontece por acaso e aspira a uma melhoria física e social mais rápida.. Importante são os resultados pós-acontecimentos, até porque como as existências são solidárias, como já dissemos, o flagelo natural de hoje pode também estar reparando o que fizemos no passado remoto.

Na questão 740 o assunto é ampliado:

"Os flagelos não seriam igualmente provas morais para o homem, pondo-o às voltas com necessidades mais duras?

- Os flagelos são provas que proporcionam ao homem a ocasião de exercitar a inteligência, de mostrar a paciência e resignação ante a vontade de Deus, ao mesmo tempo que lhe permite desenvolver os sentimentos de abnegação, de desinteresse próprio e de amor ao próximo, se ele não for dominado pelo egoísmo”.

As mortes coletivas servem igualmente para nos sensibilizar, e assim, tocados nas fibras íntimas da alma, nos predispor-mos à caridade, à solidariedade, não medindo esforços na cooperação. E mais: diante da tragédia, nossa inteligência é aguçada para encontrar meios de minimizar novos acontecimentos idênticos, de desenvolver novas tecnologias, o que nos leva a acelerar o progresso em vários ramos do conhecimento humano.

Assim, com o passar do tempo, conseguimos montar mecanismos de prevenção aos chamados flagelos naturais, minimizando então as tragédias; isso quando não nos deixamos levar pelo egoísmo e pela imprevidência, causas de tantas tragédias humanas com

vítimas fatais.

Individualidade e coletividade

No livro *Obras Póstumas* encontramos mensagem do espírito Clélia Duplantier informando-nos que o homem é, ao mesmo tempo, o indivíduo, o membro da família e o cidadão do mundo. Em cada uma dessas posições, e em cada existência, ele pode ser virtuoso ou criminoso, por isso, perante a lei divina, existem as faltas do indivíduo, as da família e as da nação. A reparação dessas faltas se dá sempre obedecendo ao mesmo mecanismo: remorso, arrependimento e reparação através das provas e expiações. Se o erro foi coletivo, a reparação também será coletiva, embora cada um responda individualmente pelo que fez no passado.

Allan Kardec, em nota, faz profundo comentário, do qual extraímos o seguinte trecho, mas deixando o convite ao leitor para conhecer as palavras do codificador na íntegra:

"Assim, muitas vezes um indivíduo renasce na mesma família, ou, pelo menos, os membros de uma família renascem juntos para constituir uma família nova noutra posição social, a fim de apertarem os laços de afeição entre si, ou reparar agravos recíprocos. Por considerações de ordem mais geral, a criatura renasce no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, quer por simpatia, quer para continuar, com os elementos já elaborados, estudos começados, para se aperfeiçoar, prosseguir trabalhos encetados e que a brevidade da vida não lhe permitiu acabar. A reencarnação no mesmo meio é a causa determinante do caráter distintivo dos povos e das raças. Embora melhorando-se, os indivíduos conservam o matiz primário, até que o progresso os haja completamente transformado".

Eis que a solidariedade a tudo preside, do âmbito individual ao coletivo das nações, portanto, quando compreendemos que a prática do bem e do amor é o que nos aproxima de Deus e

promove nossa evolução, essas tragédias coletivas não terão mais razão de ser e se extinguirão, assinalando a entrada do planeta em nova escala espiritual.

Concluindo

Passemos a palavra a Emmanuel, benfeitor espiritual que através do médium Chico Xavier ditou a mensagem "Desencarnações Coletivas", inserta no livro *Chico Xavier Pede Licença*, da qual reproduzimos este trecho:

"Quando retornamos da Terra para o Mundo Espiritual, conscientizados nas responsabilidades próprias, operamos o levantamento dos nossos débitos passados e rogamos os meios precisos a fim de resgatá-los devidamente.

É assim que, muitas vezes, renascemos no Planeta em grupos compromissados para a redenção múltipla.

Invasores ilaqueados pela própria ambição, que esmagávamos coletividades na volúpia do saque, tornamos à Terra com encargos diferentes, mas em regime de encontro marcado para a desencarnação conjunta em acidentes públicos.

Exploradores da comunidade, quando lhe exauríamos as forças em proveito pessoal, pedimos a volta ao corpo denso para facearmos unidos o ápice de epidemias arrasadoras.

Promotores de guerras manejadas para assalto e crueldade pela megalomania do ouro e do poder, em nos fortalecendo para a regeneração, pleiteamos o Plano Físico a fim de sofrermos a morte de partilha, aparentemente imerecida, em acontecimentos de sangue e lágrimas.

Corsários que ateávamos fogo a embarcações e cidade na conquista de presas fáceis, em nos observando no Além com os problemas da culpa, solicitamos o retorno à Terra para a desencarnação coletiva em dolorosos incêndios, inexplicáveis sem a reencarnação”.

Enquanto o egoísmo e o orgulho preponderarem, com o seu cortejo de ações e consequências funestas, as mortes coletivas através de flagelos destruidores continuarão existindo no cenário terrestre. Nem com toda tecnologia poderemos prevenir esses acontecimentos, porque estaremos endividados com a lei divina, carregando o peso da consciência culpada. Para minimizarmos ou mesmo extinguirmos as mortes coletivas somente aprendendo a amar ao próximo como a nós mesmos, praticando a caridade sempre.

Sugestão de leitura:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

Obras Póstumas, de Allan Kardec

Chico Xavier Pede Licença, de Espíritos Diversos/Chico Xavier

Espiritismo na Imprensa, de Gerson Simões Monteiro

MUNDO DE REGENERAÇÃO

Para muitas pessoas o discurso espírita de transformação do planeta, que está em processo de transformação de mundo de expiações e provas para mundo de regeneração, é um discurso difícil de compreender diante de uma humanidade que ainda está às voltas com muitas guerras, misérias, injustiças sociais e outros males que diariamente ocupam as manchetes e conteúdos das mídias de comunicação. Entretanto, é preciso compreender que a velocidade da comunicação, num mundo globalizado, muitas vezes falseia a visão que temos do mundo, levando-se em conta que os valores dos homens de comunicação, ainda são valores materialistas, onde a preocupação com índices de audiência e faturamento publicitário prevalecem.

Nas últimas décadas do século vinte surgiram, com muita força, movimentos sociais nunca antes vistos no planeta, movimentos esses buscando a ética, a cidadania, a humanização, a preservação do meio ambiente etc. Sinais claros de que a tolerância e a impunidade do mal estão com seus dias contados, embora não se possa prever quando, exatamente, o bem prevalecerá sobre o mal, sinal característico do mundo de regeneração, mas é fato que estamos acelerando a caminhada desse processo.

E a *palavra-chave* é exatamente esta: *processo*. Lento, mas gradual, progressivo, de acordo com os designios divinos, como informam os espíritos superiores na codificação espírita, ao dizerem que tudo se encadeia na natureza, que nada dá saltos, que revoluções geológicas e revoluções sociais se conjugam, desencadeando mudanças sempre salutares, pois a lei é da evolução, progresso constante, facultado por outra lei, a da

reencarnação, que vai, paulatinamente, fazendo com que espíritos de melhor índole compareçam na vida terrena, aptos a realizarem as mudanças necessárias, tanto do ponto de vista intelectual quanto, principalmente, do ponto de vista moral.

E os espíritas?

A contribuição espírita não se restringe ao conhecimento teórico. Vai além, pois o objetivo maior do Espiritismo é realizar a transformação moral da humanidade, o que não se faz apenas com estudo, mas sim com ações determinantes para essa transformação. É por isso que Allan Kardec levantou a bandeira “fora da caridade não há salvação”, mostrando aos espíritas que as ações de bondade e amor ao próximo são imprescindíveis para a regeneração humana, para a reparação de delitos cometidos contra a lei divina em existência passadas e também nesta, pois onde o amor, a bondade, a fraternidade, a caridade existirem, não haverá lugar para o egoísmo, o orgulho, a hipocrisia, a maledicência.

Os centros espíritas são células dinâmicas, organismos vivos do Espiritismo, propiciando o estudo e a vivência da Doutrina Espírita, para que homens e mulheres, crianças, jovens e adultos, renovados, possam interagir com o mundo de forma salutar, direcionando o livre-arbítrio para as coisas do espírito, para os valores que completam a alma, deixando em segundo plano as coisas da matéria, ou seja, serão pessoas, os espíritas, mais conscientes, exemplificando o bem e o amor, sabedores que a vida continua depois da morte, e que todos respondemos por aquilo que fazemos durante esta existência.

Não haverá fim do mundo?

Se tudo é processo, sob o olhar perfeito de Deus, e o comando do Mestre Jesus, Governador Planetário, que é o Espírito Perfeito, Puro, que nos orienta, não há razão para a crença no fim do

mundo. Por que, depois de tantos esforços em progredir, em conquistar, quando chegamos à conclusão que o bem e o amor devem prevalecer na sociedade humana, Deus haveria de estabelecer o fim do mundo sem data marcada, sem que tivéssemos direito a escolher nosso destino? Que Deus seria esse?

Na verdade o fim do mundo, já anunciado tantas vezes, e com sua data sempre prorrogada, só acontecerá, fisicamente falando, isso de acordo com os cientistas, daqui a 4 bilhões de anos, o que, convenhamos, é muito tempo.

Mas, por que insistem determinadas crenças religiosas ou místicas, em anunciar o fim do mundo, como marco da transformação? É que para essas crenças é mais fácil colocar o ônus da redenção do espírito nos ombros de Deus, numa transferência de responsabilidade, do que nos ombros do homem. Para o Espiritismo isso é muito claro: a cada um será dado, segundo as suas obras. Cada espírito – eu, você, todos nós – é construtor de sua felicidade ou infelicidade, é sempre herdeiro de si mesmo, pois as reencarnações são interligadas.

Para o pensamento espírita, não é Deus que vai fazer um juízo final, somos nós que, mais cedo ou mais tarde, de acordo com nossas escolhas, chegaremos ao estado de perfeição, ao estado de puro espírito.

E quando o processo estará finalizado?

É comum verificarmos a ânsia de companheiros e companheiras espíritas em querer datar o fim do mundo de expiações e provas, e o início do mundo de regeneração, mas essa ansiedade é contrária ao ensino espírita. Se é um processo, processo esse dependente do uso do livre-arbítrio, como podemos afirmar que a partir do ano tal ou qual o planeta Terra já será mundo de regeneração?

Mas o espírito tal, através do médium tal, disse que ... Então não estudamos em *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, que os espíritos verdadeiramente superiores, nunca estabelecem dia, e hora para as coisas acontecerem? Que respeitam sempre nosso livre-arbítrio? Que determinadas coisas lhe são ocultas, pois pertencem aos desígnios de Deus?

Ou então encontramos, inclusive em livros publicados, que, em determinada ocasião, estando em visita ao Chico Xavier, nosso querido médium e trabalhador da seara espírita, este teria confidenciado informações de cunho espiritual, dizendo que ... E colocam palavras na boca de Chico Xavier, sem que existam testemunhas, nada, inclusive se aproveitando do fato dele já estar desencarnado e não poder vir a público em defesa de si mesmo.

O único fato plausível é que estamos no processo de transformação, que, mais dia, menos dia, estará finalizado, sendo sempre temerário indicar esta ou aquela data.

E o que é mesmo mundo de regeneração?

Na gradação evolutiva dos planetas, Allan Kardec assinala a existência progressiva de mundos primitivos, mundos de expiações e provas, mundos regeneradores, mundos felizes e mundos celestiais, conforme estudamos no capítulo 3 de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, ampliando informações já existentes em *O Livro dos Espíritos*.

O mundo de expiações e provas, atual estágio do planeta Terra, é um mundo intermediário, onde há mistura do bem e do mal, com prevalência deste último. Já o mundo de regeneração, para o qual estamos indo em processo gradual de evolução, é mundo onde "*as almas que ainda têm o que expiar, haurem novas forças, repousando das fadigas da luta*", e isso poderá ser feito porque, no mundo regenerador, o bem prevalece sobre o mal, que ainda existirá, mas em proporção menor e sem a mesma força que no

mundo de expiações e provas.

Concluindo: passar para mundo de regeneração não é encontrar a felicidade absoluta, não é a redenção total da humanidade, embora represente grande conquista para o espírito reencarnante.

Estudemos Kardec

Finalizando nosso estudo, conclamamos a todos os espíritas e interessados no assunto, que releiam o capítulo final do livro *A Gênese*, com o título "Sinais dos Tempos", onde Kardec empreende profundo estudo sobre o processo de transformação da humanidade, demonstrando, com lógica e bom senso, que a lei de evolução é lei divina, obediente a um processo que conjuga forças espirituais, materiais e morais, e que o tempo é o instrumento eficaz de que se serve Deus para fazer com que seus filhos cheguem à perfeição.

Continuemos nossa caminhada implantando o bem e o amor onde estivermos, corrigindo nossas más tendências, confiantes de que nada acontece por acaso, e que, nesta ou em outra existência corporal, haveremos de colher os frutos abençoados de nossa própria regeneração.

Sugestão de leitura:

A Gênese, de Allan Kardec.

Transição Planetária, de Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco.

A Transição Planetária do Homem, de Djalma Santos

Tempo de Transição, de Juvanir Borges de Souza

A Evolução do Princípio Inteligente, de Durval Ciamponi

O MAL

O que será que está por trás da crueldade? Por que o homem ainda é tão violento? O que faz com que muitas pessoas tenham prazer em agredir, ferir, torturar alguém, seja isso de forma física ou moral? Enfim, o que é a maldade e será que ela tem cura?

O que diz a ciência

Novos estudos da ciência procuram entender a maldade e encontrar uma maneira de curá-la, associando pesquisas sobre o sistema nervoso, o fluxo sanguíneo, o cérebro e o sequenciamento genético, na tentativa de traçar uma nova anatomia do mal dentro do ser humano. Esse trabalho chegou a alguns resultados:

1. Existem áreas cerebrais envolvidas no controle da maldade.
2. Foram encontrados genes relacionados à crueldade e situações em que até os mais bondosos podem se transformar em torturadores.
3. Determinadas situações podem levar o homem a ser mal, como o estresse e o calor excessivo.

Alguns estudos mostram que por trás daquela dificuldade de se conter em partir para a briga em discussões, pode estar uma falha em algumas regiões cerebrais.

Essas descobertas inspiram técnicas e remédios para corrigir a mente, como drogas que agem no cérebro para melhorar o comportamento moral, e terapias preventivas com crianças que apresentam risco de se tornarem psicopatas.

Como a ciência tenta tudo resolver no âmbito do corpo, abre uma brecha para justificar o mal, que não seria opção do livre-arbítrio humano, e sim uma deficiência do cérebro. Nesse caso, como fica a questão do caráter? Para que serve a educação?

O que diz o Espiritismo

Inicialmente tomamos o estudo da ciência como importante, tentando desvendar tema tão controverso, e fazendo com que mais nos conheçamos, entretanto peca na base e, claro, erra na conclusão. Não levando em consideração a alma – essência do ser –, e a complexidade psíquica de sua realidade imortal, sofre o estudo da ciência de miopia, tudo reduzindo a genes defeituosos, a falhas neuronais no cérebro, querendo justificar a maldade pelo viés do organismo físico, isentando o homem de responsabilidades, pois assim descarta o livre-arbítrio, acreditando que intervenções medicamentosas ou mesmo cirúrgicas possam debelar a maldade.

Muitos cientistas rejeitarão nosso pensamento pelo fato de considerarem que a alma seja apenas uma forma de atividade da matéria que em determinada fase de sua evolução, de forma simples para outras mais complexas, adquiriu consciência. Respeitamos esse pensamento, vigente nos cientistas que nada vêm além da matéria, mas nos julgamos no dever de contrapor outra visão sobre o ser humano, que é a visão espiritualista aclarada pela Doutrina Espírita. Naturalmente ninguém é forçado a acreditar na alma, ou espírito, mas desde que o raciocínio e os fatos nos levem a uma outra ordem de ideias sobre o homem, não podemos descartar essa possibilidade, mesmo que encarada apenas como hipótese.

Temos, em síntese, três visões possíveis sobre o homem:

Visão materialista – que acredita que tudo começa e termina com

o corpo, que tudo está no corpo.

Visão espiritualista – que acredita que o homem é dotado de uma alma, além do corpo.

Visão espírita – que acredita que a alma é tudo, é a essência, e que está ligada ao corpo e dele se separa no instante da morte, mantendo sempre sua individualidade, seus aprendizados, seus conhecimentos, seus sentimentos, continuando, sempre, a progredir.

Na visão espírita, que é a nossa visão, o homem foi criado por Deus como princípio inteligente do universo e, mediante várias encarnações, foi se elaborando até se tornar espírito, num desenvolver-se sem cessar, saindo da ignorância, do estado primitivo, para alcançar o estado humano, onde continua a progredir através das reencarnações, até chegar ao estado puro, de total perfeição, considerando-se essa como relativa, pois o espírito não pode igualar-se a Deus.

Na escala evolutiva, reconhecemos a existência, na sociedade humana, de uma mescla considerável de espíritos nos mais variáveis graus de adiantamento, ou seja, dos mais imperfeitos, dirigindo-se pelos instintos, aos mais perfeitos, que se orientam pelo amor. Tudo é uma questão de tempo e conquistas íntimas.

O que é o mal

Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec estuda o tema O Bem e o Mal, nas questões 629 a 646, de onde podemos tirar as seguintes conclusões:

1. O mal é tudo o que é contrário à lei divina.
2. Fazer o mal é infringir a lei divina.
3. O homem deve utilizar a inteligência para distinguir o bem do mal.

4. Para não se enganar em seu julgamento, basta aplicar a regra ensinada por Jesus: veja o que gostaria que lhe fizessem ou não para fazer o mesmo com os outros.
5. Deus deixa que o homem escolha o caminho. É preciso que o espírito ganhe experiência, portanto, que conheça o bem e o mal.
6. As diferentes posições sociais com suas necessidades fazem parte da lei natural (ou divina), e não servem de desculpa para o mal praticado.
7. Perante a lei divina, que é igual para todos, o mal depende principalmente da vontade que se tenha de o praticar.
8. O mal é sempre o mal, qualquer que seja a posição do homem, mas o grau de responsabilidade é diferenciado.
9. Maior culpa tem o homem quanto mais sabe o que faz.
10. A força das coisas pode levar o homem a praticar o mal, mas não o isenta de culpa, pois deve utilizar a reencarnação para se depurar.
11. Aproveitar do mal é participar dele. Desde que tira partido, proveito próprio, é que o aprova, talvez até o praticando se ousasse a tal.
12. Há virtude em resistir voluntariamente ao mal que se deseja praticar.
13. Não basta não fazer o mal, o homem deve fazer o bem no limite de suas forças.
14. Quando encarnado num meio vicioso, isso é uma prova para o espírito, expondo-se à tentação para ter o mérito da resistência.
15. O vício pode ser um forte arrastamento para a prática do mal, mas não é irresistível.

Podemos então dizer que o mal é o desvio do bem, ferindo a lei divina, que o espírito repara através das expiações e provas a que se submete em cada encarnação.

Conclusão

O mal não é uma fatalidade, nem tampouco uma deficiência cerebral. É uma questão afeta ao espírito imortal, que todos

somos, ainda imperfeito.

A maldade aumenta os débitos espirituais, levando ao sofrimento individual e também à dor social, com a consequência futura de reencarnações expiatórias, portanto, dolorosas. A maldade, em todas as suas modalidades, sinaliza a inferioridade espiritual em que nos encontramos e a necessidade urgente reformulação íntima de todos nós. Essa reformulação só acontecerá através da educação moral do homem levando em conta sua espiritualidade, quando compreenderá que tudo no universo é regido pela lei do amor, e que o amor é o maior dos sentimentos, que nos levará a eleger o bem acima de todas as coisas.

Sugestão de leitura:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

O Céu e o Inferno, de Allan Kardec.

Agressividade, de Caim ao *Serial Killer*, de Iso Jorge Teixeira.

O Código Penal dos Espíritos, de José Lázaro Boberg

Aqui se Faz, Aqui se Repara, de Gerson Simões Monteiro

ORAÇÃO E CURA DE ENFERMOS

Hoje já se sabe, através de pesquisas científicas, que a oração, ou prece, é um poderoso remédio na cura de enfermidades. Em dezessete estudos-pesquisas revisados pela *Arizona State University*, ficou demonstrado que a prática bíblica de orar pelos enfermos, com ou sem imposição de mãos, realmente funciona. A explicação dos cientistas é que quando orarmos em intenção de alguém, pedindo pela sua cura, liberamos um comando para o cérebro que, assim, emite energia eletromagnética que vai atingir aquela pessoa. A ação de cura fica assim explicada cientificamente, e comprovada por experimentos como, por exemplo, um em que dois grupos de pacientes hospitalares com a mesma doença foram separados em dois grupos. O grupo A teve seus nomes enviados a uma igreja para receberem orações diárias; o grupo B não recebeu orações. A constatação, depois de um mês, é que a melhora dos pacientes do grupo A, que não sabiam que estavam recebendo orações, foi mais de 20% superior aos pacientes do grupo B. Em seis meses essa diferença no estado de saúde foi de 50%.

O poder de cura do magnetismo é estudado desde Mesmer (1734-1815); estudos esses que foram significativamente ampliados pelo Espiritismo com a inserção do componente espiritual na ação de cura a distância.

A partir da questão 658 de *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec estuda o tema Prece, obtendo dos Espíritos Superiores a seguinte informação:

"A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele. A prece do coração é preferível

a que podes ler, por mais bela que seja, se a leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, com fervor e sinceridade. Não creias, pois, que Deus seja tocado pelo homem vão, orgulhoso e egoísta, a menos que a sua prece represente um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade”.

E na questão 662, indagando se podemos orar utilmente pelos outros, recebe a seguinte resposta:

“O Espírito daquele que ora está agindo pela vontade de fazer o bem. Pela prece, atrai a ele os bons Espíritos que se associam ao bem que deseja fazer”.

A essa resposta Kardec comenta:

“Possuímos em nós mesmos, pelo pensamento e a vontade, um poder de ação que se estende muito além dos limites de nossa esfera corpórea. A prece por outros é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar os bons Espíritos em auxílio daquele por quem pedimos, a fim de lhe sugerirem bons pensamentos e lhe darem a força necessária para o corpo e a alma. Mas ainda nesse caso a prece do coração é tudo e a dos lábios não é nada”.

Portanto, quando oramos, utilizamos o poder da vontade para acionar as forças energéticas do pensamento, liberando um comando mentoespiritual para o cérebro, que distribui essa energia através do nervo vago, como sugerem pesquisas. Essa energia liberada vai ao encontro da pessoa enferma, e isso através do fluido universal, que tudo preenche, assim como o som se propaga pelo ar, e mais, essa força é potencializada pelos bons espíritos, que são atraídos pelo nosso pensamento caridoso.

Esclarece o Ministro Clarêncio, no capítulo 1 da obra *Entre a Terra e o Céu*, psicografia do querido e inesquecível médium Chico

Xavier:

"Em nome de Deus, as criaturas, tanto quanto possível, atendem às criaturas. Assim como possuímos em eletricidade os transformadores de energia para o adequado aproveitamento da força, temos igualmente, em todos os domínios do Universo, os transformadores da bênção, do socorro, do esclarecimento... As correntes centrais da vida partem do Todo-Poderoso e descem a flux, transsubstanciadas de maneira infinita. Da luz suprema à treva total, e vice-versa, temos o fluxo e o refluxo do sopro do Criador, através de seres incontáveis, escalonados em todos os tons do instinto, da inteligência, da razão, da humanidade e da angelitude, que modificam a energia divina, de acordo com a graduação do trabalho evolutivo, no meio em que se encontram ... A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais, ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina".

É assim que a oração, recebendo o fluxo divino e o auxílio direto dos espíritos que a ela se vinculam, conforme nosso desejo e vontade, atua como força medicamentosa na forma de energia salutar que invade as células do organismo físico, provocando modificações moleculares capazes de regenerar órgãos e tecidos, combater bactérias e vírus, sempre com a permissão de Deus e até o limite das provas e expiações que ainda nos são necessárias aos aprendizados que nos competem diante da vida.

Oremos sempre, como um ato de caridade que traduz em ação eficaz pela cura de uma enfermidade, o "amai-vos uns aos outros" ensinado e exemplificado pelo Mestre Jesus.

Sugestão de leitura:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

Entre a Terra e o Céu, de André Luiz/Chico Xavier.

O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec.
Cura e Autocura, de Andrei Moreira.
Cura e Libertação, de José Carlos de Lucca.

PAZ

Em face das dores que assolam o homem e o mundo, pergunto-me: de quem é a culpa? Para responder esta indagação procurei ouvir os próprios seres humanos e deles recebi as seguintes respostas:

A culpa é dos radicais e intolerantes que pensam somente em si mesmos.

A culpa é do capitalismo selvagem que impõe a lei do mais forte.

A culpa é do materialismo que faz ninho no coração dos homens.

A culpa é dos políticos corruptos que não administram com probidade os bens públicos.

A culpa é da indolência dos povos subdesenvolvidos.

Ninguém afirmou: A culpa é minha!

Todos disseram que a culpa pelos males, sofrimentos, guerras pertence ao outro ou aos outros.

Entretanto, lembro que toda moeda possui dois lados e assim também a convivência humana: o meu lado e o seu lado. Será possível que somente o outro tenha culpa, faça algo errado ou seja intolerante, e eu nunca tenha culpa, nunca faça algo errado, nunca seja intolerante?

Todos nós queremos viver em paz. Quem não deseja a paz? Mas para termos paz e vivermos na paz é preciso cultivar a paz em nós

mesmos através dos pensamentos de paz, das palavras de paz e das ações de paz.

A paz está em cada um de nós. Eu sou a paz e você é a paz.

Respeitar, perdoar, cooperar promovem a paz.

Eu sei, é difícil, principalmente se ódios, fanatismos, imperialismos, indiferenças fizeram ninho em nosso íntimo. Mas podemos, e mesmo devemos, cultivar a tolerância, trabalhar a humildade, praticar a solidariedade.

Necessitamos nos sensibilizar com o sofrimento e a alegria dos outros, expandindo o sentimento de amor que está guardado - e às vezes trancado a sete chaves - em nosso coração.

Veja em cada ser humano - e não importa a cor, a raça, a religião - seu irmão. Não diga que o passado não permite a paz, pois o que passou deve ser compreendido e perdoado. Ódios acumulados, tragédias anunciadas.

Perdoe, compreenda, ame e, acima de tudo, faça da sua vida uma vida de paz, para que todos aqueles que convivem com você também façam de suas vidas, vidas de paz.

Não estamos precisando de discursos, estamos necessitados de ações - não exatamente dos outros - mas das nossas próprias ações no sentido da paz.

Ou você quer continuar morrendo a cada minuto, asfixiado pelo medo, pela violência, pelo racismo, pela retaliação, pelo fanatismo, pelo egoísmo...?

Eu não quero viver assim, quero viver mergulhado na paz, por isso estou fazendo a minha parte e pedindo que você também faça a sua parte: mergulhe na paz!

Paz, depende de você

Desejar a paz é uma condição humana natural, mas os caminhos procurados pelo homem para realizar a paz nem sempre são os melhores, pois muitas vezes defendem posições particulares ou de grupo que desrespeitam e violentam a paz dos outros.

Não basta desejar a paz se você não tem a verdadeira paz, que é paz do conhecimento de si mesmo. Conhecer-se é a grande chave para abrir a construção da paz no mundo.

Quem se conhece, nos seus limites e potencialidades, sabe que a sua paz faz limite com a paz dos outros, e que para evitar atritos deve saber conviver respeitando liberdades e direitos ao mesmo tempo em que pratica responsabilidades e deveres.

Falamos muito sobre a paz, mas você está vivendo a paz, nos atos e pensamentos?

Para você, viver em paz é ter uma boa situação financeira, um bom *status* social, um bom poder sobre as pessoas, mesmo que isso não seja bom para a maioria? Cuidado, você está invertendo valores e colocando em risco a sociedade.

Lembre-se que você é um representante do povo, não é simplesmente um representante de si mesmo ou de algum grupo com interesses particulares.

O egoísmo tem produzido a corrupção, a injustiça social, a miséria, a guerra e tantos outros flagelos que vitimam vidas humanas.

E eu com isso, se para mim está tudo bem, se estou vivendo bem? Isso por enquanto, porque a dor moral e a doença física não tem hora marcada nem aviso prévio, e enquanto você estiver

pensando desse jeito, quantas pessoas não estão sofrendo por sua culpa?

Refleta sobre tudo isso, olhe para o lado e enxergue os outros como realmente eles são: seres humanos, pessoas como você, dotadas de sentimento, cada um querendo viver em paz, e não somente você.

Aproveite que você está num cargo público e, pelo menos uma vez na vida, pense nos outros, e faça pelos outros o que eles esperam de você: a construção da paz através de leis justas e respeito aos códigos de direitos humanos.

Paz. Ela depende de você!

Sugestão de leitura:

Ações Corajosas para Viver em Paz, de Benedita Maria/J.Raul Teixeira

Antologia da Paz, de Espíritos Diversos/Chico Xavier

Caminhos para o Amor e a Paz, de Ivan Albuquerque/J. Raul Teixeira

A Carta Magna da Paz, de Camilo/J. Raul Teixeira

Endereços de Paz, de André Luiz/Chico Xavier

PERDÃO

Você sabe o que é o perdão? E tem conhecimento que ele faz muito bem para nossa vida? Isso mesmo, já existem comprovações científicas mostrando que quem perdoa vive melhor, e quem sabe receber e aceitar o pedido de perdão também vive bem melhor, tanto no campo emocional quanto na saúde física. Perdoar, diante dessa constatação, é um ato de inteligência. Melhor seria nunca nos sentirmos ofendidos, magoados etc., mas como isso ainda é difícil, estudemos o perdão para colocá-lo em prática como nos recomendou o Mestre Jesus.

O que é o perdão

Segundo estudiosos do tema, perdão significa atitude humana de compreender a falha, ou a agressividade do semelhante, pelo entendimento da própria falibilidade.

Temos nessa definição um componente muito importante: somos falíveis, ou seja, todos estamos sujeitos ao erro e, portanto, todos merecemos sempre uma segunda chance. Essa informação é muito clara no Espiritismo, pois sabemos de nossa condição de espíritos imperfeitos a caminho da perfeição, ao chamado estado de espírito puro. Então, quem somos nós para dizer que “nunca perdoaremos”? Quem somos nós para dizer que “desse prato nunca comerei”? Quem somos nós para dizer que “se fosse comigo isso não aconteceria”?

A vida em sociedade, como muito bem está estudado na terceira parte de *O Livro dos Espíritos*, é uma necessidade para que possamos aprender, uns com os outros, a vivência do amor, base de toda a criação divina, e mandamento maior lembrado por Jesus

no "amai-vos uns aos outros". Faz parte do amor o perdoar.

O perdão é verdadeira ação profilática para:

1. Integridade do lar.
2. Construção da paz social.
3. Estabelecimento dos laços de fraternidade.
4. Vivência da Solidariedade universal.

Requer, para alcançar esses resultados, esforço perseverante da pessoa no combate em si mesma do egoísmo e do orgulho, apontados pelos espíritos superiores como as duas chagas da humanidade.

Reconheçamos que boa parte das disputas, desavenças, inimizades etc., têm por casa maior o nosso egoísmo ou orgulho, que são a base dos demais vícios morais como a teimosia, a hipocrisia, a vaidade, a indolência e tantos outros.

Vale lembrar episódio pitoresco, mas muito significativo, ocorrido com o médium Chico Xavier, quando atendeu uma senhora de semblante congestionado, aflita, pois, segundo ela, não suportava mais o marido e não sabia mais o que fazer, sentindo-se constantemente ofendida e maltratada por ele. O querido médium lembrou-lhe, então, a lição de Jesus "é preciso perdoar setenta vezes sete", ao que ela retrucou afirmando que já tinha perdoado o esposo muito mais do que quatrocentos e noventa vezes (resultado de setenta vezes sete). Nesse momento Chico vislumbrou a presença do seu benfeitor espiritual Emmanuel, que lhe disse: "lembre nossa irmã que é preciso perdoar setenta vezes sete vezes cada ofensa".

Uma história de perdão

Conta-se que um escravo tornou-se de grande valor para o seu senhor, por causa da sua honradez e bom comportamento.

Dessa forma, seu senhor o elevou a uma posição de importância, na qualidade de administrador de suas fazendas.

Numa ocasião, o senhor desejou comprar mais vinte escravos e mandou que o novo administrador os escolhesse. Disse, contudo, que queria os mais fortes e os que trabalhassem melhor.

O escravo foi ao mercado e começou a sua busca. Em certo momento, fixou a vista num velho e decrépito escravo. Apontando-o para o seu senhor, disse-lhe que aquele devia ser um dos escolhidos.

O fazendeiro ficou surpreso com a escolha e não queria concordar. O negociante de escravos acabou por dizer que se o fazendeiro comprasse vinte homens, ele daria o velho de graça.

Feita a compra, os escravos foram levados para a fazenda do seu novo senhor.

O escravo administrador passou a tratar o velho com maior cuidado e atenção do que a qualquer dos outros.

Levou-o para sua casa. Dava-lhe da sua comida. Quando tinha frio, levava-o para o sol. Quando tinha calor, colocava-o debaixo das árvores de cacau, à sombra.

Admirado das atenções que o seu antigo escravo dispensava a um outro escravo, seu senhor lhe perguntou por que fazia aquilo.

Decerto deveria ter algum motivo especial: *É seu parente, talvez seu pai?*

A resposta foi negativa.

É então seu irmão mais velho?

Também não, respondeu o escravo.

Então é seu tio ou outro parente.

Não tenho parentesco algum com ele. Nem mesmo é meu amigo.

Então, perguntou o fazendeiro, *por que motivo tem tanto interesse por ele?*

Ele é meu inimigo, senhor. Vendeu-me a um negociante e foi assim que me tornei escravo. Mas eu aprendi, nos ensinamentos de Jesus, que devemos perdoar os nossos inimigos. Esta é a minha oportunidade de exercitar meu aprendizado.

Perdoar para se espiritualizar

No livro *Trigo de Deus*, do espírito Joanna de Ângelis através do médium Divaldo Pereira Franco, buscamos reflexão nas seguintes palavras:

"O perdão acalma e abençoa o seu doador. Maior é a felicidade de quem expressa o perdão. O perdoado é alguém em processo de recuperação. No entanto, aquele que lhe dispensa o esquecimento do mal, já alcançou as alturas do bem e da solidariedade. Quando se entender que perdoar é conquistar enobrecimento, o homem se fará forte pelas concessões de amor e compreensão que seja capaz de distribuir".

Sugestão de leitura:

O Valor Terapêutico do Perdão, de Francisco Cajazeiras
Terapêutica do Perdão, de Aloísio Silva
Autoaperfeiçoamento de Umberto Ferreira
Atitudes Renovadas, de Joanna de Ângelis/Divaldo Pereira Franco
Caridade, de Espíritos Diversos/Chico Xavier

RENOVAÇÃO MORAL DO HOMEM

Passando o olhar pelos acontecimentos sociais que envolvem a humanidade, sejam eles nacionais ou internacionais, tem-se a impressão que no tempo atual tudo está muito pior do que décadas atrás, que o homem está mais violento, egoísta, materialista. Essa impressão é tão forte que uma amiga, externando seu pensamento sobre os últimos acontecimentos - atentados suicidas, miséria, guerras, crimes, corrupção - disse-nos que a única solução possível para a humanidade é a explosão de uma gigantesca bomba atômica, de tal maneira que todos morressem e o planeta ficasse livre do próprio homem.

É um exagero, sem dúvida, mas fruto do despreparo do próprio homem em saber enfrentar os males sociais com visão de futuro, mostrando o quanto ele próprio está longe de sua espiritualidade. Engana-se minha amiga, pois é fato patente a evolução intelectual e também moral do ser humano, apesar das distorções ainda existentes no campo moral. As leis mudaram, a ética ecológica está atuante, a procura pelas doutrinas espiritualistas é fluxo incessante. Barbarismos de ontem não são mais aceitos hoje.

Estamos em progresso porque é da lei divina a evolução, entretanto, progredindo em estado de crise. Crise de valores, de sentimentos contraditórios, que ainda arrojam parte da humanidade em conflitos que eclodem em manchetes da mídia de comunicação, levando muitos a se enganarem quanto aos prognósticos relativos ao homem e seu estado social. Se crermos em Deus, e o espírito é senhor dessa crença, positivada pela razão, não podemos discursar esse "tudo vai muito mal", "do jeito que a coisa anda, não tem solução", porque tudo tem solução, sim, tudo há de se resolver, mas não do jeito que eu ou qualquer

um de nós quer, e sim do jeito certo e sem desvios da sabedoria de Deus, que sabe exatamente o que cada um de seus filhos necessita, qual o mérito de cada um e quais as provas e expiações ainda necessárias ao nosso progresso.

Lembrando o apóstolo João ao declarar que "Deus é amor", temos a plena convicção que nada acontece fora desse verdadeiro manto divino, que tudo cobre, mas nada acoberta. E por nada acobertar, nem jogar para debaixo do tapete, compreende que os homens, utilizando o livre-arbítrio, ainda errem em seus julgamentos, troquem valores, pois o amor divino espera com paciência ilimitada que todos nós, aproveitando as oportunidades vivenciais, compreendamos, de nossa parte, o que devemos fazer para tudo melhorar na vida.

Deus não desampara seus filhos, por isso recebemos sempre o auxílio direto de espíritos missionários nas artes, na filosofia, na literatura, na religião e em todos os setores da cultura humana, presentes para mostrar à sociedade o melhor caminho para a renovação, para a construção de novas estruturas, levando o homem a trocar o "ter" pelo "ser". Essa troca é um ponto essencial do pensamento espírita. Se ainda contamos com muitos males, sem dúvida isso devemos à condição individual do homem, teimosamente materialista e egoísta. Seus valores, portanto muitos dos nossos valores, são imediatistas, terra a terra, fugindo da questão "morte" e se agarrando profundamente na questão "vida", mas vida enquanto nascer, viver e morrer.

Com pouco sentido de espiritualidade, apesar de sermos espíritos imortais, satisfazendo apenas o corpo e o *status* social, o homem, enquanto individualidade, é ele mesmo responsável pelo caos social, pois a sociedade é o reflexo dos indivíduos que se juntam em grupos de convívio. Entretanto, muitos alegam: se o governo fizesse sua parte, tudo estaria melhor; se o vizinho respeitasse os outros, tudo estaria melhor; se o patrão cumprisse com suas obrigações, tudo estaria melhor.

Sem dúvida, se cada um deles cumprisse com suas obrigações, claro que tudo estaria melhor, mas você já parou para pensar que, assim como você está reclamando dos outros, os outros podem estar reclamando de você? Será que eu e você não temos defeitos? Será que eu e você cumprimos com todas as obrigações? Quem nos pede essa reflexão é a Doutrina Espírita, pois a existência é oportunidade de aprendizagens, reeducação, troca de experiências, auxílio mútuo, construção de um viver cada vez mais pautado na solidariedade, na fraternidade e na tolerância.

A possibilidade de progresso do homem e a renovação das estruturas sociais é ilimitada, não somente do ponto de vista intelectual, tecnológico, caminho trilhado com vigor até os dias atuais; mas igualmente do ponto de vista moral, desde que utilizemos a educação para propiciar a formação moral e o desenvolvimento da espiritualidade do homem. A certeza dessa renovação está no tempo, ferramenta divina que o homem está fertilizando, nem sempre com correção, mas sempre utilizando, pois o tempo é o maior tesouro que podemos possuir; tempo para conhecer, para refletir, para pensar, para criar, para corrigir, para construir, para mudar de rumo, para perdoar, para amar.

Cabe perguntar sobre uma possibilidade: podemos acelerar a caminhada rumo à perfeição? Nisso temos uma certeza: se tudo fizermos com amor e por amor, estaremos com Deus assim como Ele sempre está conosco. E estar conjugado conscientemente com o divino não é o tão sonhado estado de felicidade? Procuremos esse caminho, o melhor para trabalhar possibilidades e certezas futuras.

As perspectivas futuras são muito boas. Acreditar ou não na renovação social pela renovação moral dos indivíduos, depende do ponto de vista filosófico em que nos situamos para fazer essa análise. Estudando o Espiritismo, temos essa certeza, que não é mística, pois uma ciência conjugada com uma filosofia, qual a

Doutrina Espírita, leva-nos a pensar, raciocinar, estudar, comparar e verificar os fatos. Só por isso já basta aceitarmos o convite para conhecer o Espiritismo e acreditar positivamente no futuro.

Sugestão de leitura:

Atualidade do Pensamento Espírita, de Vianna de Carvalho/Divaldo Franco.

Evolução da Ideia sobre Deus, de Francisco Cajazeiras

Que é Deus?, de Eliseu F. Da Mota Jr.

Renovação pelo Amor, de Heloísa Pires

O Progresso, de Léon Denis

SAÚDE E DOENÇA

A percepção da realidade

Saber como o homem entende e percebe a realidade é fundamental para direcionar o como e o que captamos dela. Em outras palavras, expectativas e configurações sobre a vida estão intimamente ligadas a como percebemos essa vida, qual o sentido que damos ao viver, e como procuramos receber da vida o que ela tem a nos oferecer.

Para muitos a realidade da vida é o bem-estar do corpo e do bolso, ou seja, desde que não se tenha alguma doença ou impedimento físico e, financeiramente, se possa realizar a contento o que se quer, considera-se essa situação como sendo a felicidade. E não se poupam esforços nesse sentido: ginástica na academia, vitaminas, cremes de embelezamento, cursos de especialização e passeios regados a tudo de bom que a vida social oferece. Mas, e quando a doença chega? Procuramos desesperadamente a medicina, tomamos todos os remédios, reclamamos todos os nossos direitos e, finalmente, apelamos para o centro espírita, solicitando aos espíritos, através do tratamento espiritual, que nos restabeleçam a saúde orgânica e, por que não, também a saúde financeira.

Nesse caso duas coisas chamam a atenção: a materialidade e egoísmo do homem, e o desconhecimento dos objetivos verdadeiros da realidade existencial e da ação dos espíritos em nossas vidas.

No mundo atual o homem está ainda impregnado das filosofias materialistas que encarceram a vida no nascer, viver e morrer.

Mesmo os povos orientais, de tradição espiritualista, avançam decididos pelo capitalismo selvagem neoliberal, procurando fazer da tecnologia de ponta substituto da alma imperecível. E gritam as estatísticas que o suicídio aumenta, o aborto avança, a eutanásia progride, a pena de morte se estabelece, a corrupção se avoluma, ou seja, todos os males, todos os vícios se manifestam cada vez de forma mais violenta, e os gastos com a saúde, com o combate às doenças, multiplicam-se aos milhões, num esforço que parece não ter fim. E terá um fim? Essa é a pergunta que as filosofias materialistas não conseguem responder, mas que a filosofia espírita responde: sim!

As funções psíquicas

Considerando o homem um ser imortal – espírito, perispírito, corpo – a filosofia espírita o entende como um ser criado por Deus, pré-existente, reencarnado e vivente após a morte, que é apenas do corpo biológico. Assim estende sobre as chamadas funções psíquicas humanas um olhar bem mais profundo e extenso, pois reconhece nessas funções instrumentos valiosos para a percepção da realidade. São quatro as funções psíquicas principais:

1. Pensamento – nos faz entender as coisas e os eventos de forma utilitária e casual.
2. Sentimento – nos ajuda a atribuir juízos de valor às coisas, aos seres e às ações.
3. Sensação – nos possibilita apreender a realidade como ela é, com forte ligação sensorial.
4. Intuição – nos permite estabelecer conexões espaciais e temporais dos eventos que se passam conosco.

Destaquemos, para melhor entendimento do assunto que estamos tratando, a função *sentimento*, pois pesquisas demonstram que a saúde está intimamente ligada às emoções, componente do sentimento.

Os sentimentos moldam o que assimilamos e traçamos na construção de nosso destino. Por isso a filosofia espírita recomenda o cultivo das emoções para o equilíbrio da saúde. Como? Cultivando diariamente emoções nobres; sabendo viver emoções que nos deprimem; sentindo emoções como espírito (nossa verdadeira realidade); colocando o amor como base das emoções. Esse pequeno roteiro é fundamental para o nosso bom desenvolvimento psíquico.

Aliás, esse roteiro sempre foi chamado de reforma íntima, ou autoeducação, e está presente na questão 917 de *O Livro dos Espíritos*, quando lemos: "*Perscrute a sua consciência aquela que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores; dê balanço no seu dia moral para avaliar suas perdas e seus lucros*".

Para facilitar a prática desse balanço moral, e saber como está nossa percepção do mundo e da vida, respondamos com sinceridade as seguintes perguntas: Penso sobre a vida? Quais as minhas expectativas? Como enxergo a realidade? Procuo cultivar emoções nobres? Sei viver emoções deprimentes? Faço meu balancete moral? Sinto minha realidade espiritual?

Os relacionamentos

Como não vivemos sozinhos e necessitamos dos outros na caminhada evolutiva, e manter bons relacionamentos faz bem para a o equilíbrio da saúde, identifiquemos os três principais níveis de relacionamento:

1. *Relacionamento intrapessoal*: é a habilidade de autoconhecimento, automotivação e autoconhecimento. É saber movimentar as energias psíquicas em seu favor; ter compreensão que se está em processo de evolução; buscar continuamente o equilíbrio íntimo; evitar o remorso diante dos erros cometidos;

motivar-se a viver e conviver com o próximo; conhecer suas capacidades e deficiências; refletir sobre suas tendências boas e más.

2. *Relacionamento interpessoal*: é a capacidade de se relacionar com o outro, entender reações e criar empatia. Capacidade de gerenciar a convivência em grupos. É quando você consegue desenvolver cada vez mais o ter paciência, saber dialogar, resolver conflitos, respeitar o outro, trabalhar os preconceitos e assumir os próprios deveres.

3. *Relacionamento emocional*: é a capacidade de reconhecer sentimentos e aplicá-los eficazmente como uma energia em favor da sobrevivência, adaptação e crescimento pessoal. Aqui o homem desenvolve o saber sentir o sentimento do outro, trabalhar a sensibilidade e crescer o poder de empatia.

Saúde integral

O espírito Manoel Philomeno de Miranda, através da psicografia do médium Divaldo Pereira Franco, informa em seu livro *Temas da Vida e da Morte*, que:

"Arquiteto do destino (o homem), mediante as leis da justiça que nele se encontram em germe, representando a Consciência Cósmica, tudo quanto faz se lhe transforma em bênção ou desdita, conforme a qualidade da ação desenvolvida".

Ou seja, o homem é herdeiro de si mesmo no largo processo de evolução no qual se encontra situado. Somos reflexo de nossas realizações em vidas passadas, pois tudo se encadeia na natureza e tudo é solidário na lei divina.

Essa informação espírita ficaria deslocada, um pouco sem sentido, sem a compreensão das funções do perispírito, ou corpo espiritual, que é o órgão intermediário responsável pela programação e

formação do corpo físico, ou seja, o perispírito é o modelo organizador biológico, registrando as ações do homem, imprimindo no corpo físico a saúde temporária ou a enfermidade transitória conforme os méritos do espírito.

O que fazemos, o perispírito registra. O que somos, fisicamente, na atual encarnação, é impresso pela matriz perispiritual, não de forma irremediável, pois Deus nos dá o livre-arbítrio e as experiências da vida como oportunidades de resgate, crescimento e construção de nós mesmos. A saúde, se está ligada reencarnatoriamente ao passado, também o está à vida presente, ao que fazemos na atualidade, acumulando novos registros, bons ou ruins.

Para que esses registros sejam bem trabalhados e possamos ter uma saúde mais equilibrada, lembremos novamente das funções psíquicas, pois, segundo informações do espírito Joanna de Ângelis, no livro *O Homem Integral*, o sofrimento existe devido aos seguintes fatores:

1. O homem teima por ignorar-se.
2. Assume atitudes contraditórias.
3. Vive comportamentos estranhos.
4. Prefere deixar que os acontecimentos tenham curso, às vezes doloroso.
5. Não conduz a vida de forma consciente.
6. Não se dá conta das suas responsabilidades.

Ela recomenda, no uso das funções psíquicas para aquisição de bem-estar, que o homem deve ter atitude lúcida diante das conquistas contemporâneas; deve também ser membro participativo do grupo social; deve igualmente assumir posições de vigor e segurança íntima e deve alcançar etapas mais lúcidas no seu desenvolvimento emocional.

Psicoterapia preventiva

Assim, estudando as recomendações dos benfeitores espirituais Joanna de Ângelis e Manoel Philomeno de Miranda, chegamos à conclusão que, à luz dos ensinamentos espíritas, para o homem obter equilíbrio em sua saúde orgânica, ele necessita estabelecer ações de nível psíquico e emocional que garantam, mesmo que na relatividade da existência corpórea, essa tão sonhada saúde, o que pode ser chamado de *psicoterapia preventiva*, desenvolvida nos seguintes moldes:

1. Estudo dos valores ético-morais que devem ser incorporados pelo indivíduo.
2. Cultivo do otimismo.
3. Cultivo das conversações e leituras salutares.
4. Cultivo da convivência fraternal motivadora de solidariedade, de afirmação e valorização da vida.
5. Renovação interior para preservação da paz e do equilíbrio.

Convenhamos que não é um roteiro difícil, exigindo apenas boa vontade, perseverança e determinação.

A finalidade dessa psicoterapia preventiva é propiciar ao homem a renovação interior e a preservação da paz como do equilíbrio íntimos. No seu exercício diário, constante, é que o homem transformará seus hábitos e minimizará os males decorrentes das doenças, que nada mais são do que resultado do desequilíbrio íntimo, seja provindo do passado ou cultivado no presente.

É o Espiritismo, como se depreende deste estudo, doutrina de educação do homem imortal, do espírito eterno que todos somos.

Sugestão de leitura:

A Eterna Busca da Cura, de Cleide Martins Canhadas.
Cura e Libertação, de José Carlos de Lucca.

Doenças: Cura e Saúde à Luz do Espiritismo, de Geziel Andrade.
O Valor Terapêutico do Perdão, de Francisco Cajazeiras.
Por que Adoecemos?, de Orson Peter Carrara.

SOLIDARIEDADE

Avançamos, mesmo que vagarosamente, para a solidariedade, para a compreensão da diversidade humana e a importância ética da responsabilidade social. É da lei natural do progresso, que assinala a evolução moral, que assim aconteça. E surgem projetos pela solidariedade, normalmente criados e colocados em ação por organizações não governamentais, projetos esses que a mídia - seja ela televisiva, *on-line*, impressa, radiofônica - divulga em artigos, reportagens e programas jornalísticos ou mesmo mantendo espaço específico sobre cidadania social.

Paulatinamente vemos pessoas comuns se reunirem a benefício de outras pessoas. Um bom exemplo, são os voluntários nos hospitais. Existem grupos que auxiliam pacientes terminais. Outros fazem a alegria das crianças internadas. Ainda outros beneficiam doentes diversos nas enfermarias. Solidariedade feita individualmente ou organizada em grupo. Não importa, pois aqueles que são atendidos têm as suas carências emocionais preenchidas, e mesmo as carências materiais atendidas, conforme os objetivos da ação realizada e o público alvo a que se destina.

Solidariedade não é apenas um dever cristão, é um dever humanitário que deve desabrochar da consciência integrada com o coração.

Em *O Livro dos Espíritos*, questão 766, Allan Kardec indaga dos Espíritos Superiores se a vida social está na natureza. E recebe a resposta que "Deus fez o homem para viver em sociedade (...) com as faculdades necessárias à vida de relação". Como relacionar-se bem é uma arte, compreendemos que um dos seus componentes é a solidariedade, pois não fomos criados para um

viver egoísta, para um individualismo exagerado, competindo-nos o exercício constante do amar ao próximo como a nós mesmos.

Ainda tratando da necessidade da vida social, lembram os Espíritos que estamos reencarnados para dar continuidade ao progresso, que nós espíritas entendemos como progresso individual na área intelectual e na área moral, que alavancará o progresso coletivo. Para isso necessitamos do contato com as outras pessoas, pois não possuímos todas as faculdades, não dominamos todo o conhecimento. Esse contato, com pessoas que são diferentes de nós, fará com que nos completemos e consigamos o bem estar social.

Um olhar no tempo histórico e compreenderemos a necessidade de implantarmos na Terra uma sociedade solidária. Durante séculos conhecemos a guerra, a usurpação, o domínio brutal de uns contra os outros, gerando males sem conta, desfiladas nas tragédias que ensanguentaram variados povos. Conhecemos os vales segregacionais dos leprosos, as senzalas da escravidão, o direito do mais forte, a submissão da mulher, a espoliação econômica do subdesenvolvido, o milênio medieval das trevas da ignorância cultural e do fanatismo religioso, as epidemias mortíferas com o sepultamento em valas comuns, a discriminação dos diferentes. Nada de solidariedade, tudo pelos interesses individuais ou de pequenos grupos.

Mas, se olharmos os tempos atuais, ainda nos escandalizaremos com as guerras, com a escravatura no trabalho, com a poluição sem freios da natureza, com o preconceito racial, com a ganância financeira nas bolsas de valores, com o desperdício de bilhões de dólares em atividades que em nada melhoram o homem, com o descaso na educação.

Precisamos de uma sociedade solidária. Precisamos ser solidários.

Reunirmo-nos em grupo para auxiliar os que estão hospitalizados,

para ajudar os que estão estudando, para reflorestar um pedaço de terra, para abrir novos postos de trabalho remunerado, para ouvir, consolar e orientar os que estão desesperados, para exercer a cidadania em todos os setores da sociedade, para promover o homem de bem.

O espírita é um ser solidário, ou deveria sê-lo, e será plenamente se entender a mensagem que todos somos irmãos, que todos somos filhos de Deus, que os direitos são iguais para todos, e que lhe compete fazer todos os esforços para dominar suas más inclinações, transformando vícios em virtudes.

Não basta avançar pela força mesma das coisas, impulsionado automaticamente pela lei do progresso, que é lei divina. Cumpre ao homem acelerar esse ritmo, cumpre-nos fazer todo o possível pela implantação dos ensinamentos morais de Jesus, nosso Mestre, Guia e Modelo, assim nos espiritualizando e espiritualizando a sociedade.

A vivência da solidariedade é indício de progresso moral, de maior compreensão do amor, que tudo une na criação divina, e quem ama e é solidário encontra o porto seguro da paz e da felicidade.

Sugestão de leitura:

O Porquê da Vida, de Léon Denis.

O Homem de Bem, de Marcus De Mario

Grandes e Pequenos Problemas, de Angel Aguarod.

Espiritismo e Ecologia, de André Trigueiro.

Socialismo e Espiritismo, de Léon Denis

SUICÍDIO

"As penas são sempre proporcionadas à consciência que se tenha das faltas cometidas" (O Livro dos Espíritos, questão 952-A).

Iniciamos nossa abordagem com a informação contida na obra básica da Doutrina Espírita para esclarecer que a morte por suicídio, sempre um crime perante a lei divina, não acarreta ao espírito sofrimento de igual teor e modo, porque Deus é justo e bom, levando em consideração o nível de consciência do indivíduo na prática do ato. O fato de termos pontos comuns nas narrativas de espíritos suicidas apenas demonstra que no processo pós-morte existe uma regra geral que o comanda, mas que as particularidades variam ao infinito. É importante compreendermos isso para corrigir posturas sintetizadas em expressões como "coitado, vai sofrer muito, a morte por suicídio só acarreta sofrimentos inenarráveis". É um engano essa generalização. Nem todos os suicidas vão passar pelo que passaram os espíritos identificados na obra *Memórias de Um Suicida*, psicografado pela médium Yvonne Pereira.

Sem dúvida o suicídio, como um ato contrário à lei divina, acarreta sofrimentos, tanto perispirituais como, principalmente, morais, mas cada espírito, por ser uma individualidade mergulhada no cosmo divino, com a sua carga pessoal evolutiva, sofrerá de acordo com a intenção, com o grau de sua consciência, tendo seus sofrimentos muitas vezes atenuados por méritos anteriormente conquistados e por intercessão daqueles que lhe concedem amor.

Não há como escapar dos efeitos desse ato contra a vida, mas eles serão proporcionais, pois a lei de Deus não é a de talião. Se a legislação humana já leva em conta, embora imperfeitamente, as

circunstâncias, premeditação ou não, etc., do crime praticado para aplicação da pena, quanto mais Deus, que é a perfeição absoluta.

Causas do Suicídio

Segundo os Espíritos Superiores nas questões 943 a 957 de *O Livro dos Espíritos*, as principais causas do suicídio são:

1. Desgosto pela vida

Efeito da ociosidade, da falta de fé e da saciedade. São três aspectos que merecem análise, pois se a ociosidade, não ter o que fazer, leva ao suicídio, a falta de fé, em nada acreditando além da rotina, também remete o homem para essa fuga da vida. Do outro lado temos a saciedade, ter tudo e não se preocupar com o ganha-pão, que pode entediar o indivíduo e remetê-lo ao suicídio.

2. Erro no exercício das faculdades

As faculdades intelectuais e morais devem ser exercitadas com um fim útil e segundo as aptidões naturais de cada ser. Aqui temos uma advertência aos pais e responsáveis, que muitas vezes forcem os filhos a seguir esta ou aquela profissão, violentando suas tendências. E também uma advertência para o bom uso das nossas faculdades, pois o uso irresponsável acarreta efeitos nocivos que podem levar o homem a tentar fugir aos problemas acarretados por ele mesmo.

3. Falsa visão sobre a vida

Devemos viver com um fim superior, somente assim suportaremos as vicissitudes da vida com paciência e resignação. O homem deve agir tendo em vista a felicidade. E ele só conseguirá isso se o processo da sua educação, responsabilidade dos pais e professores, der a ele condições de sentir-se espírito imortal, de compreender que a vida é muito mais do que nascer, viver e

morrer.

4. Orgulho

Vergonha de trabalhar com as próprias mãos e assim descer na escala social. Muitos de nós ainda temos vergonha de executar tarefas ditas menores, ou, por circunstâncias da vida, perdendo a boa posição social, nos recusamos a iniciar esforços no trabalho humilde. É o orgulho perpetrando milhares de suicídios. Somente a compreensão e vivência da solidariedade, da cooperação e do trabalho desde pequeno podem evitar esse quadro.

Atitudes preventivas

A Doutrina Espírita não fica apenas nas explicações sobre causas e conseqüências, mostra igualmente as ações que podemos ter para auxiliar as pessoas com tendência ao suicídio. São ações preventivas muito importantes e que podemos resumir nos seguintes itens:

1. Colocar-se mais próximo da pessoa, como verdadeiro amigo.
2. Fazê-la sentir-se amada.
3. Levantar sua autoestima através do elogio sincero às suas capacidades.
4. Dar a ela objetivos na vida.
5. Conscientizar a pessoa a respeito das conseqüências do ato, no além-túmulo, e das dores que afligem os familiares.
6. Dialogar com bondade e paciência.
7. Sugerir-lhe dar-se um pouco mais de tempo para resolver seus problemas.
8. Evitar oferecer bases ilusórias para esperanças que o tempo desmancha.
9. Estimular a valorização pessoal.
10. Acender uma luz no túnel do seu desespero.
11. Exercer a oração.
12. Indicar leituras otimistas e espirituais.

13. Incentivar a frequência ao centro espírita com a terapêutica do passe e da água fluidificada.

14. Mostrar que devemos aceitar as pessoas como elas são, sabendo conviver com as diferenças.

15. Fazer com que a pessoa compreenda que devemos aceitar a vida como ela se nos apresenta, fazendo tudo por melhorá-la incessantemente.

Tratamento espírita

Tudo o que vimos até o momento é de grande relevância, mas falta o principal, o essencial: nossa realidade espiritual. Sim, somos espíritos imortais, criados por Deus para chegarmos à perfeição, por isso que a morte não existe, significando apenas transferência para o mundo espiritual, de onde viemos através da encarnação e, na sequência, das reencarnações, pois necessitamos de muitas existências para realizar o progresso moral a que somos destinados.

Morrer não é acabar, não é o fim. Continuamos vivos do outro lado da vida, carregando as mesmas angústias e frustrações, e ainda com maior sofrimento, pois o suicídio é considerado pela lei divina como um atentado contra a vida, como uma fuga às provas e expiações necessárias para nosso depuramento moral. E ainda com o remorso pela falta de coragem, pela falta de fé e por termos lesado o coração de familiares e amigos.

A realidade espiritual igualmente nos mostra os casos profundos de obsessão, em que vítimas do passado tentam subjugar o algoz agora reencarnado e levá-lo ao suicídio, o que minimiza mas não tira a responsabilidade do suicida, pois o ato é sempre de livre-escolha, de não resistência ao assédio exterior. Neste caso a misericórdia divina entra em ação, pois as leis de Deus são justas, alcançando um e outro, mas a ambos impondo a expiação e a reparação, de conformidade com o grau maior ou menor de responsabilidade.

A melhor prevenção para o doloroso drama do suicídio é o Evangelho, o estudo e a prática dos ensinamentos de Jesus, aliado ao atendimento fraterno e as terapias da oração, do passe e do esclarecimento através da reunião mediúnica de desobsessão. Mas essas são medidas preventivas de fora para dentro, do exterior para o interior. Se não houver a prevenção interior, ou seja, a que parte da vontade da pessoa em melhorar-se moralmente, em ter maior confiança na providência divina, elegendo para si mesma metas a alcançar, de nada adiantará a prevenção fornecida pela Medicina e pelo Centro Espírita.

Afugente de si qualquer pensamento suicida. Pelo contrário, auxilie a quem esteja em estado depressivo, fazendo com que saia desse equívoco, pois a solução dos problemas existenciais não está em fugir deles pela porta falsa do suicídio, mas em enfrentá-los com coragem, dignidade, fé e esperança, pois nunca somos abandonados, nada nos acontece por acaso ou injustamente, e Deus, Jesus e os Bons Espíritos sempre estarão conosco, apenas aguardando que façamos a nossa parte em favor da vida.

Conclusão

Temos na Doutrina Espírita as explicações sobre o suicídio e que podem debelá-lo da face da Terra, e nisso devemos colocar todas as forças, pois o Espiritismo revive o Evangelho à luz da vida imortal, dando ao homem novas diretrizes de vida.

E com a palavra de Allan Kardec, no comentário à questão 957 de *O Livro dos Espíritos*, encerramos nossas argumentações:

"A religião, a moral, todas as filosofias condenam o suicídio como contrário à lei natural. Todas nos dizem, em princípio, que não se tem o direito de abreviar voluntariamente a vida. Mas por que não se terá esse direito? Por que não se é livre de por um termo aos próprios sofrimentos? Estava reservado ao Espiritismo demonstrar,

pelo exemplo dos que sucumbiram, que o suicídio não é apenas uma falta como infração a uma moral, consideração que pouco importa para certos indivíduos, mas um ato estúpido, pois que nada ganha quem o pratica e até pelo contrário. Não é pela teoria que ele nos ensina isso, mas pelos próprios fatos que coloca sob os nossos olhos”.

Sugestão de leitura:

O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

O Céu e o Inferno, de Allan Kardec.

O Martírio dos Suicidas, de Almerindo Martins de Castro.

Memórias de Um Suicida, de Camilo/Yvonne Pereira.

Temas da Vida e da Morte, de Manoel P. de Miranda/Divaldo Franco.

Suicídio e suas Consequências, de Gerson Simões Monteiro.

TRANSTORNO MENTAL

Os transtornos mentais, que antes do avanço da ciência psiquiátrica eram levados à conta de “loucura”, com a alcunha generalizada para a pessoa que portava tais síndromes, de “débil mental”, sempre existiu no seio da humanidade, preocupando famílias e autoridades públicas. Com o avanço das ciências, notadamente a psiquiatria, a neurologia e a psicologia, novos rumos foram dados ao conhecimento e ao tratamento dessa questão, mas ainda assim cientistas e médicos não conseguem tudo explicar e, muitas vezes, atacam apenas os sintomas, não chegando à causa do problema, que pode ser, e em grande maioria o é, de ordem espiritual.

Já em *O Livro dos Espíritos*, no item 15 de sua introdução, Allan Kardec abordou o assunto, informando que, quando bem compreendido, o Espiritismo é um preservativo contra a loucura. Em seguida aponta as causas mais comuns dos transtornos mentais, quais sejam:

1. Decepções.
2. Infortúnios.
3. Afeições contrariadas.
4. Pavor do desconhecido.

Ora, como o Espiritismo coloca o homem num ponto de vista mais elevado sobre as coisas do mundo, ele passa a reconhecer que as tribulações da vida são apenas incidentes passageiros, pois são provas úteis ao seu adiantamento. E mais: o espírita, através das comunicações mediúnicas, conhece a realidade da vida espiritual, as consequências dos desvarios, e a importância da resignação e da perseverança.

No diálogo que irá estabelecer com os Espíritos Superiores o assunto é explorado, e então se ressalta outra grande causa dos transtornos mentais: a obsessão, ou seja, a ação persistente de um mau espírito sobre o indivíduo, podendo levá-lo à loucura.

Definindo transtorno mental

Do ponto de vista psicanalítico, a enfermidade mental consiste numa dissociação da mente do paciente e dos conflitos psicológicos daí resultantes.

Psicanálise é um campo clínico e de investigação teórica da *psique* humana desenvolvido por Sigmund Freud, médico neurologista austríaco nascido em 1856, que se propõe à compreensão e análise do homem, e abrange três áreas: um método de investigação da mente e seu funcionamento; um sistema teórico sobre a vivência e o comportamento humano; um método de tratamento psicoterapêutico.

Dissociação mental, ou automatismo, é o fato de uma área mais ou menos extensa do cérebro agir desvinculada da consciência normal.

Compreendamos que nem a Psiquiatria nem a Neurologia consideram que o homem seja um ser espiritual, a alma não está em cogitação, por isso na definição acima, a dissociação estar ligada ao cérebro, ao instrumento orgânico que serve para manifestação da alma, mas aí já é consideração de ordem espírita, que vamos estudar de agora em diante.

Aspectos espirituais do transtorno mental

Para o Espiritismo as enfermidades mentais são efeitos e não causas. Ou seja, quando vemos alguém ter distúrbios acentuados de comportamento; irracionalidade no pensar etc., vamos, às

vezes, descobrir no mapeamento cerebral através de exames, esta ou aquela área lesionada, mas pode ser que os exames nada revelem, ou seja, organicamente a pessoa está sã, mas mentalmente está enferma. Então perguntamos: se o cérebro não apresenta lesão, de onde vem o distúrbio mental? Onde está a mente?

A resposta que a ciência não quer dar, ou ainda não pode dar, o Espiritismo apresenta com todas as letras: a mente pertence ao espírito, à alma imortal que todos somos. E a causa do transtorno está no espírito, que carrega consigo o que foi e o que fez nas existências passadas e, portanto, a causa desencadeadora pode estar no pretérito, sendo necessário, para total compreensão do mesmo, estudarmos a reencarnação, a chave para ampliação de nosso raciocínio a respeito desse verdadeiro flagelo.

Tanto as distonias mentais quanto as doenças orgânicas expressam os resultados de ações desequilibradas do espírito, seja no seu passado próximo ou remoto.

A conduta negativa, danosa, prejudica primeiramente o próprio autor, abrindo zonas mórbidas (doentes) em seu psiquismo, refletindo-se no seu perispírito e registrando-se no corpo físico.

O perispírito é o corpo fluídico do espírito, sendo o modelo organizador biológico do corpo. Tudo o que fazemos reflete no perispírito, que é verdadeiro arquivo etéreo. Quando da reencarnação, o que está nele impresso moldará o corpo orgânico, inclusive na área psíquica, pois ele igualmente reflete os arquivos mentais do espírito.

Como nunca estamos sozinhos e nunca prejudicamos exclusivamente a nós mesmos, envolvendo terceiros, e como a vida continua depois da morte, é fácil entender que ação dos espíritos (desencarnados) sobre nós pode acontecer, tanto para o bem quanto para o mal, se aqueles a quem prejudicamos não nos

perdoaram, carregando consigo projeto de vingança. Então temos uma das grandes causas dos transtornos mentais, que é a chamada obsessão ou perseguição espiritual.

Terapêutica espírita

Basicamente temos três recomendações para o tratamento que deve ser feito no Centro Espírita, e que são as seguintes:

Passe – É o tratamento fluidoterápico, normalmente complementado com a água magnetizada (ou fluidificada). O passe, que é doação de energias salutares, deve ser ministrado regularmente, visando ao reequilíbrio energético, físico e espiritual, do paciente.

Desobsessão – Realiza o tratamento espiritual de profundidade, trazendo ao presente, através das comunicações mediúnicas dos espíritos envolvidos, as causas remotas ou mais próximas dos distúrbios mentais, propiciando salutar diálogo e esclarecimento do espírito com propósito vingativo.

Transformação moral – Ação imprescindível que o paciente deve empreender, com força de vontade e perseverança, recebendo para isso as orientações espíritas que o motivam para uma mudança interior. Na verdade é a parte mais importante do tratamento, pois sem a mudança de pensamentos e atitudes, dificilmente a terapêutica espírita terá êxito, podendo num certo tempo abrandar ou mesmo melhorar muito o quadro de desequilíbrio mental, mas se o paciente voltar aos seus vícios morais e prazeres imediatos, estará se predispondo a uma recaída, na maioria das vezes num quadro com sintomas ainda piores.

Essas três recomendações devem ser colocadas em prática de forma simultânea, não sendo uma fórmula mágica ou milagreira, exigindo do paciente e familiares/amigos perseverança e confiança nos desígnios divinos. Na medida em que a melhora se acentue,

deve o paciente entregar-se à ação da caridade, pois é no amor ao próximo que revelamos nossas novas disposições e nos fortalecemos para continuar a caminhada rumo ao equilíbrio total.

Quanto à orientação médica, também é importante, inclusive, quando for o caso, o uso de medicamentos prescritos por profissional habilitado, assim como a realização de sessões de terapia, pois tudo o que visa à cura, ao equilíbrio, e está dentro da lógica, do bom senso, é bem visto pelo Espiritismo, que não usa sua terapêutica para substituir a medicina, mas para complementá-la e aprofundá-la.

Quando tivermos em conta nossa realidade espiritual com todas as suas implicações, e entendermos que a cada um é dado segundo suas obras, haveremos de reduzir significativamente os quadros de transtornos mentais que afligem a humanidade.

Sugestão de leitura:

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec

Transtornos Mentais, de Suely Caldas Schubert

Visão Espírita das Distonias Mentais, de Jorge Andréa

Loucura sob Novo Prisma, A, de Bezerra de Menezes

Loucura e Obsessão, de Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Pereira Franco

VIVER BEM

Poucas pessoas sabem, mas no início do século XIX o consumismo desenfreado já era condenado por quem tinha visão de futuro, entre eles o escritor Henry David Thoreau (1817-1862), que percebia nos norte-americanos uma tendência perigosa para destruir os recursos naturais em nome do capitalismo sem freios.

Desiludido com os rumos da sociedade de então, Thoreau abandonou a cidade e foi para o campo, na verdade para a floresta, no estado de Massachusetts, procurando viver em harmonia com a natureza, buscando a simplicidade e frugalidade na Floresta de Walden. Após essa experiência, que durou dois anos, escreveu: *"Um homem é rico na proporção do número de coisas das quais pode prescindir"*. Sábias palavras que, infelizmente, não encontraram eco no coração do homem, ou, pelo menos, ainda não se fortaleceram nas ações humanas com relação ao planeta que habita.

Também no século XIX, a partir de sua segunda metade, o Espiritismo abraçou a conservação do meio ambiente e o alerta sobre os malefícios do consumismo exagerado e do apego do homem aos bens materiais. Lemos em *O Livro dos Espíritos*, lançado em 1857, na questão 705:

"Por que nem sempre a terra produz bastante para fornecer ao homem o necessário?"

R: É que, ingrato, o homem a despreza! Ela, no entanto, é excelente mãe. Muitas vezes, também, ele acusa a natureza do que só é resultado da sua imperícia ou da sua imprevidência. A terra produziria sempre o necessário, se com o necessário soubesse o homem contentar-se. Se o que ele produz não lhe

basta a todas as necessidades, é que ele emprega no supérfluo o que poderia ser aplicado no necessário”.

Se, em pleno século XIX, tivéssemos ouvido as advertências de Thoreau e do Espiritismo, nossa vida atual seria muito melhor, teria boa qualidade, e não estaríamos às voltas com o efeito estufa, aquecimento global, desmatamento predatório, falta de água potável, riqueza nas mãos de poucos e miséria na vida de muitos.

O planeta Terra é, realmente, mãe excelente, tudo possuindo para que o homem possa viver dignamente, entretanto, a exploração desenfreada dos seus recursos naturais não renováveis, ou renováveis apenas em grandes períodos de tempo, traz para o homem grandes males, soando o alarme quanto ao futuro próximo. Ou cuidamos bem do planeta, ou teremos sofrimentos ainda impensados, e que podem ser evitados.

Sobre essas questões, o escritor e cineasta americano John de Graaf, autor do livro *A Epidemia do Consumo*, afirma que o consumo é uma doença, caracterizada pelos sintomas de ansiedade, dívidas e desperdício. Também o filósofo Mário Sérgio Cortella, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, alerta que *"Vivemos o delírio do tempo. Tudo tem de ser veloz. O processo e a reflexão são sempre pouco importantes. A gente só faz o urgente, o importante fica para depois"*. Esses dois discursos contemporâneos, embora não sejam aceitos por parte de governantes, cientistas e empresários, retratam o que estamos vivendo e constatamos no dia a dia: ansiedade, depressão, correria, superficialidade, consumismo. E o Espiritismo vai além. Reconhecendo no homem um ser imortal e integral, alerta para os males que carregaremos no após a morte, com o nosso psiquismo atrelado às coisas da matéria, e sem preparo para o reencontro com a dimensão espiritual.

E temos também de pensar no retorno, pela lei da reencarnação.

Que planeta teremos?

Como estará a sociedade humana?

Tudo depende do que fazemos hoje.

Por isso revisar valores torna-se essencial. Dar mais importância e tempo a si mesmo e aos relacionamentos com os outros é fundamental para se ter uma vida melhor.

Colocar o dinheiro, o trabalho profissional, as compras no shopping e outras coisas do gênero em segundo plano é saudável, dizem os especialistas. Não é abandonar essas coisas, é priorizar outras, como a convivência com os filhos, o lazer, a alimentação saudável, as artes, a educação, reunir os amigos e, claro, a preservação do meio ambiente.

Aprender a viver com pouco, e viver bem, é a receita. Em outras palavras, aprender a viver com o necessário e abandonar o supérfluo, exercitando o amor ao próximo através do desprendimento dos bens terrenos, dando a quem não tem, e tendo apenas o que é preciso para viver.

Você já se perguntou qual a necessidade de ter trinta pares de sapato? Por que comprar mais um armário para guardar coisas que não são utilizadas? Qual o motivo de todo mês estar negativo no cartão de crédito?

Provavelmente as respostas encontrarão as palavras consumo exagerado, gasto sem controle e outras do gênero. É hora de revisar valores, rever prioridades de vida e perceber que seu mau exemplo contamina outras pessoas, principalmente crianças e adolescentes que, seguindo o seu modelo, tornar-se-ão apressadas, consumistas e apegas aos bens materiais, sem dar maior importância ao meio ambiente e à salutar convivência social.

Lembremos o ensino de Jesus: "*Faça ao outro o que gostaria que o outro lhe fizesse*". É a regra de ouro da educação que, se aplicada na família e na escola, acenará um futuro brilhante para a humanidade, num planeta que muito tem ainda a dar para seus habitantes, neste imenso universo criado por Deus.

Sugestão de leitura:

Espiritismo e Ecologia, de André Trigueiro.

Transição Planetária, de Manoel Philomeno de Miranda/Divaldo Franco.

A Transição Planetária da Terra, de Djalma Santos.

Socialismo e Espiritismo, de Léon Denis.

Evolução para o Terceiro Milênio, de Carlos Toledo Rizzini.

Fim